

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA



DA MEMÓRIA À MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE DOS LUGARES

Proposta de uma Resignificação Multifuncional no Martim Moniz em Lisboa

Vânia Sofia Henriques Correia
Licenciada

Projeto Final para a obtenção de grau de Mestre em Arquitetura

Equipa de Orientação:

Prof. Doutora Arq. Ana Marta Feliciano (Orientadora Científica)
Prof. Doutor Arq. António Miguel Leite (Co-Orientador Científico)

Júri:

Prof. Doutor Mario Say Ming Kong (Presidente do Júri)
Prof. Doutor Carlos Henriques Ferreira (Vogal)
Prof. Doutora Arq. Ana Marta Feliciano (Orientadora Científica)

Lisboa, dezembro de 2017

DA MEMÓRIA À MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE DOS LUGARES

Proposta de uma Resignificação Multifuncional no Martim Moniz em Lisboa

Vânia Sofia Henriques Correia
Licenciada

Projeto Final para a obtenção de grau de Mestre em Arquitetura

Equipa de Orientação:

Prof. Doutora Arq. Ana Marta Feliciano (Orientadora Científica)
Prof. Doutor Arq. António Miguel Leite (Co-Orientador Científico)

Júri:

Prof. Doutor Mario Say Ming Kong (Presidente do Júri)
Prof. Doutor Carlos Henriques Ferreira (Vogal)
Prof. Doutora Arq. Ana Marta Feliciano (Orientadora Científica)

Lisboa, dezembro de 2017

Título

Da Memória à Manutenção da Identidade dos Lugares - Proposta de uma Resignificação Multifuncional no Martim Moniz em Lisboa

Nome

Vânia Sofia Henriques Correia

Orientadores

Professora Doutora, Arquiteta, Ana Marta das Neves Santos Feliciano (Orientadora Científica)

Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Neves da Silva Santos Leite (Co-Orientador Científico)

Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, dezembro de 2017

RESUMO

A presente proposta de projeto desenvolve um plano de requalificação do largo do Martim Moniz. Admite-se que a preservação dos valores culturais e identitários desta praça podem conviver com a contemporaneidade que a sua função de centro urbano exige. Este estudo parte duma análise exaustiva da história e das narrativas do lugar, dos múltiplos planos de requalificação da zona, para propor um projeto de requalificação onde a tradição convive com o cosmopolitismo. Neste estudo a diversidade cultural e identidade do local, surgem como recursos que suportam o projeto a desenvolver. Paralelamente, analisa-se a forma como a proposta de requalificação é enquadrável nos objetivos de renovação urbana do centro da cidade.

Neste contexto e tendo por base uma análise exaustiva dos planos de requalificação de que a praça foi alvo, problematiza-se conceitos como memória, identidade, resignificação dos lugares e contemporaneidade, numa proposta que se pretende harmonize e equilibre uma regeneração urbana onde referentes culturais e cosmopolitas surjam harmonizados e equilibrados. Este estudo que assume os contornos duma metodologia baseada em estudos de caso, culmina com um conjunto de narrativas que, com as devidas adaptações, pode alimentar a requalificação doutras zonas de Lisboa, em propostas onde harmonia e estética convivem com a identidade e funcionalidade que um centro urbano exige.

PALAVRAS - CHAVE

Memória | Património | Identidade | Cerca Fernandina

Requalificação | Martim Moniz | Lisboa

Title

From Memory to the Maintenance of Places' Identity - Proposal
to a Multifunctional Reframing in Martim Moniz, Lisbon

Name

Vânia Sofia Henriques Correia

Supervisors

Professor Doctor, Architect, Ana Marta das Neves Santos
Feliciano (Scientific Supervisor)

Professor Doctor, Architect, António Miguel Neves da Silva
Santos Leite (Scientific Co-Supervisor)

Integrated Master Degree in Architecture

Lisbon, december 2017

ABSTRACT

The present Project proposal develops a plan to requalify the Martim Moniz square. It is accepted that the preservation of the cultural and identity values of this place can coexist with the contemporaneity that its function of urban center demands. This study starts with an exhaustive analysis of the history and the narratives of the place, of its multiple plans of requalification, to propose a project of requalification where the tradition coexists with cosmopolitanism. In this study, the cultural diversity and identity of the place appear as resources that support the project to be developed. At the same time, the way the requalification proposal is framed in the urban renewal objectives of the city center is analyzed.

In this context, and based on an exhaustive analysis of the requalification plans of which the square was targeted, concepts such as memory, identity, resignification of places and contemporaneity are proposed in a proposal that is looking to harmonize and balance an urban regeneration where cultural and cosmopolitan societies to emerge harmonized and balanced. This study, which takes on the contours of a methodology based on case studies, culminates with a set of recitals that, with the appropriate adaptations, can feed the requalification in other areas of Lisbon, in proposals where harmony and aesthetics coexist with the identity and functionality that the urban center demands.

KEYWORDS

Memory | Heritage | Identity | Cerca Fernandina

Requalification | Martim Moniz | Lisbon

AGRADECIMENTOS

Este projeto, que versa sobre a memória, a identidade e a requalificação, recoloca-me num plano onde agradecimentos não são suficientes para atribuir significado ao referencial cultural e formativo que me foi facultado ao longo destes cinco anos.

Aos meus orientadores, professor doutor, arquiteto, António Leite e professora doutora, arquiteta, Ana Marta Feliciano, pela dedicação e pelo entusiasmo que deram a este projeto, o meu sincero obrigado.

Aos meus pais, por terem possibilitado a oportunidade de realizar este curso e por todo o apoio incansável que me deram neste percurso. Aos meus irmãos, Jéssica e Pedro, por serem os meus eternos companheiros de vida. Ao meu namorado, Miguel Melo, por constituir sempre uma fonte de inspiração e partilha.

À Faculdade de Arquitetura que, no momento em que aceitou a minha candidatura, marcou um futuro que hoje é presente. Aos meus professores, pela partilha de conhecimentos, pela exigência e rigor científico. Aos meus amigos e colegas que partilharam comigo este caminho.

A todos os que, ao longo deste trabalho, se disponibilizaram para me ajudar e esclarecer as minhas dúvidas.

Foram muitos os que contribuíram para a minha formação e para este projeto. Para todos, o meu muito obrigado. Cheguei ao fim desta fase da minha vida, que nunca teria sido possível sem todos os que cruzaram o meu caminho. Guardar-vos-ei a vós e aos momentos que partilhámos para sempre na minha memória.

ÍNDICE

RESUMO.....	III
ABSTRACT	V
AGRADECIMENTOS	VII
INTRODUÇÃO	1
Metodologia	3
1 O SENTIDO DA MEMÓRIA	5
1.1.Memória em Definição.....	7
1.1.1.Evolução do Conceito de Memória	8
1.1.2.A Memória na Sociedade Moderna.....	9
1.2.O Valor da Memória.....	11
1.2.1.Memória e Identidade	12
1.2.2.Espaços de Memória	13
1.3.A Memória na Arquitetura.....	15
2 MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE DO LUGAR ATRAVÉS DA MEMÓRIA.....	19
2.1.Memória e Identidade dos Lugares	21
2.1.1.Manutenção da Memória.....	22
2.2.Património e Materialidade da Identidade	24
2.2.1.O Conceito de Património	24
2.2.2.O Início de uma Consciência	26
2.2.3.Valor Cultural	29
2.3.Memória, Património e Contemporaneidade	32
3 CASOS DE REFERÊNCIA.....	35
3.1.Museu dos Coches, 2015 Arq. Paulo Mendes da Rocha.....	37
3.2.Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, 2008 Arq. Álvaro Siza Vieira.....	43
3.3.Museu da Memória de Andaluzia, 2008 Arq. Alberto Campo Baeza.....	45
3.4.Milstein Hall, 2016 OMA - Office of Metropolitan Architecture.....	48
4 O LUGAR.....	51
4.1.Lisboa e a Cerca Fernandina.....	53

4.1.1.A Origem da Cerca.....	53
4.1.2.O Traçado da Cerca na Cidade.....	56
4.1.3.A Composição da Cerca	57
4.2.O Largo do Martim Moniz.....	59
4.2.1.A História do Largo	59
4.2.2.O Traçado Esquecido da Cerca.....	69
4.2.3.Etnografias	73
5 PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO PARA O LUGAR DO MARTIM MONIZ.....	77
5.1.O Conceito da Proposta Urbana e Arquitetónica.....	79
5.2.Estratégia Urbana.....	79
5.3.Intervenção Arquitectónica	82
5.3.1.Desenvolvimento Funcional	84
5.3.2.Materialidade.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
ÍNDICE DE FIGURAS	99
ANEXOS	105

INTRODUÇÃO

O processo de globalização e de glocalização apresenta, hoje, uma relevância muito particular na renovação dos espaços. Por um lado, a globalização exige que a funcionalidade urbana permita a sua interação numa vida urbana de padrões cada vez mais globais. Por outro, a glocalização exige a diferenciação de cada espaço urbano, preservando as suas singularidades. Não sendo aparentemente consensual, a conjugação das dimensões locais e globais assume-se como um dos principais desafios de todos os que se propõem requalificar zonas urbanas onde estas duas forças conflituantes devem conviver. De facto, esta articulação é característica da contemporaneidade, sendo também reconhecida como uma relação que deve ser promovida. Isto porque a revalorização das cidades passa por potenciar a tradição, o património e a identidade cultural como elemento essencial para a diferenciação que o mundo global rejeita e o local incentiva¹. Neste contexto, a grande questão que suporta e inspira esta dissertação é perceber como é que funções cosmopolitas e identitárias podem conviver no mesmo espaço.

As cidades devem assumir dinâmicas muito próprias que exigem mudanças constantes². No caso da cidade de Lisboa, persiste uma funcionalidade penalizada pela tradição e excessiva dependência do passado, apesar da sua função cosmopolita. Esta dependência torna-se evidente no centro da cidade, em particular no largo do Martim Moniz, local que suporta o caso de estudo desta investigação de mestrado. Esta zona foi alvo de várias intervenções, sempre numa lógica intersticial de ligação entre este ponto e o resto da cidade. Algumas das intervenções passaram pela criação e desenvolvimento de eixos radiais que promoviam as acessibilidades a este espaço, sendo demolidos vários pontos de referência histórica para o efeito. Entre escombros e multietnicidade, o Largo do Martim Moniz foi destituído da sua identidade cultural e imbuído duma marginalidade consentida que a construção de acessibilidades pretendia contrariar. Hoje, persiste a necessidade de recriar novas dinâmicas espaciais onde a multiculturalidade, o cosmopolitismo e os referenciais históricos devem surgir de forma sincronizada, devolvendo a este largo a sua identidade.

1 FORTUNA, Carlos, Cidade, cultura e globalização, Oeiras: Celta, 2001.

2 SASSEN, Saskia, Globalization and Its Discontents, New York: The New Press, 2002.

Segundo Manuela Mendes³ a requalificação urbana propõe melhorar as condições de vida da população, propiciando um conjunto de equipamentos e infraestruturas que facilitem a vida e o bem-estar social. A presente dissertação propõe-se assim a preservar a memória cultural do largo do Martim Moniz na contemporaneidade que a função cosmopolita do local requer, desenvolvendo-se segundo os pressupostos dum estudo que culmina num Projeto de Arquitetura.

Atendendo à forte função social e multicultural que este largo assume, adota-se o conceito de lugar antropológico de Marc Augé⁴. Segundo o autor, os lugares são estruturados em três dimensões: a identidade, a história e as relações sociais, que devem ser harmonizadas com a contemporaneidade e cosmopolitismo do espaço urbano. Este autor define ainda os Não lugares, como espaços que resultam da atribuição de novas funções contemporâneas com uma disrupção total com as memórias culturais e históricas, sugerindo por isso que propostas disruptivas retiram aos espaços urbanos o seu estatuto de lugar.

Rossi⁵ afirma que a união entre o passado e o futuro está na própria ideia da cidade, que a percorre tal como a memória percorre a vida das pessoas. Tendo por referência a construção da Cerca Fernandina, pretende-se encontrar e desenvolver estratégias de intervenção urbana e arquitetónica capazes de potenciar qualitativamente a cidade atual e a sua vivência na contemporaneidade. A cerca surge, neste estudo, como o limite físico e morfológico que delimita o contexto de desenvolvimento deste plano de requalificação; uma vez que contém uma significância de 'contenção e limite' da antiga urbe, delimitando o espaço e conferindo-lhe uma identidade simbólica e estruturação funcional da cidade.

Assim, este estudo desenvolve-se entre a colina de Sant'Ana e a colina de S. Jorge como plano urbano geral, não só porque é a zona que mais presença física da cerca tem, mas porque é uma zona que até hoje continua descaraterizada⁶. O objetivo sendo devolver ao Largo os referentes culturais que se encontram na sua génese, através de uma requalificação suportada na

3 MENDES, Maria Manuela; SÁ, Teresa, Perfis e trajetórias dos residentes e utilizadores dos espaços das Áreas Urbanas de Génese Ilegal na Área Metropolitana de Lisboa, s.d.

4 AUGÉ, Marc, Os Não Lugares – Introdução a uma Antropologia da Sobre Modernidade, 2005. ed. Lisboa: 90 Graus Editora, 1994.

5 ROSSI, Aldo, A Architectura da Cidade, Lisboa: Edições 70, 1980.

6 FERNANDES, José Manuel, Lisboa em obra(s), Lisboa: Livros do Horizonte, 1997.

Cerca Fernandina. Paralelamente, pretende-se promover o cosmopolitismo sugerido na ligação deste Largo ao centro da cidade, numa harmonia estética que privilegia a identidade cultural do local com as vicissitudes que as funções cada vez mais globais da sociedade contemporânea exigem.

É neste contexto que se estabelecem os objetivos a desenvolver; um plano de requalificação do Largo Martim Moniz onde as várias funções deste espaço podem surgir de forma síncrona articulando as necessidades da população que coabita este espaço, porque o espaço urbano é essencialmente um espaço humano, com a morfologia do núcleo urbano a reabilitar, para que a intervenção consiga manter a memória do Largo.

METODOLOGIA

O projeto de requalificação proposto tem, por referência, outros projetos e os planos de recuperação desta zona, adotando-se uma metodologia de análise de casos de estudo com uma abordagem de carácter qualitativo e quantitativo. Esta análise pretende identificar semelhanças, particularidades e potencialidades de desenvolvimento por explorar.

Num primeiro momento da metodologia realiza-se uma revisão bibliográfica que pretende esclarecer o âmbito dos conceitos que suportam a presente dissertação e a contextualização histórica e espacial do largo do Martim Moniz. Este referencial documental e bibliográfico esclarece a definição conceptual da investigação que suporta o projeto.

Num segundo momento, visitas recorrentes ao Largo, levantamentos fotográficos e observação direta alimentam uma análise da estrutura urbana, a contextualização histórica do Largo do Martim Moniz, com identificação das várias intervenções de que foi alvo e uma análise social e humana.

Levantamentos que se suportam numa análise de documentos bibliográficos, planos e projetos, bem como em visitas ao espaço, fotografias e entrevistas com os locais que permitirão perceber melhor as dinâmicas locais. Análise que culmina com uma matriz SWOT que esclarece as potencialidades e problemas do Largo e com os primeiros esboços que pretendem identificar a dinâmica do espaço, os elementos dispersos e a estrutura do projeto. Estes primeiros esboços delimitam e esclarecem áreas de intervenção a que se segue a sistematização por desenho das propostas de requalificação do largo do Martim Moniz.

Tais desenvolvimentos exigem a consulta de casos de estudo e referências de estratégias implementadas noutros locais com problemáticas e potencialidades semelhantes à zona de intervenção. Depois do encontro de uma proposta com linhas gerais será delineado um programa de espaços com determinadas funções que se considerem adequadas à requalificação do local.

Esta investigação termina com a elaboração duma proposta urbana, que equaciona e consolida uma proposta de requalificação desenvolvida à escala do território, do edificado e das suas funções de serviços e sociais que o cosmopolitismo impõe. O trabalho compreende ainda o desenho arquitetónico da solução, resolvendo-se problemas específicos da arquitetura da proposta desde a escala base (esc. 1/2000) até à escala mais próxima de execução (esc. 1/20).

O documento escrito e os desenhos propostos com a solução arquitetónica constituem as peças finais desta dissertação, que se caracteriza numa proposta programática de requalificação do largo do Martim Moniz, onde uma estratégia urbana e resignificação da cerca suportam a presente proposta.



001. Valeria, Double Exposure Photography (ilustração de Dan Mountford, 2016).

1 | O SENTIDO DA MEMÓRIA

“Chego agora aos campos e às vastas zonas da memória, onde repousam os tesouros das inumeráveis imagens de toda a espécie de coisas introduzidas pelas percepções; onde estão também depositados todos os produtos do nosso pensamento, obtidos através da ampliação, redução ou qualquer outra alteração das percepções dos sentidos, e tudo aquilo que nos foi poupado e posto à parte ou que o esquecimento ainda não absorveu e sepultou. Quando estou lá dentro, evoco todas as imagens que quero. Algumas apresentam-se no mesmo instante, outras fazem-se desejar por mais tempo, quase que são extraídas dos esconderijos mais secretos. Algumas precipitam-se em vagas, e enquanto procuro e desejo outras, dançam à minha frente com ar de quem diz: “Não somos nós por acaso?”, e afasto-as com a mão do espírito da face da recordação, até que aquela que procuro rompe da névoa e avança do segredo para o meu olhar; outras surgem dóceis, em grupos ordenados, à medida que as procuro, as primeiras retiram-se perante as segundas e, retirando-se, vão recolocar-se onde estarão, prontas a vir de novo, quando eu quiser. Tudo isto acontece quando conto qualquer coisa de memória”⁷.

Santo Agostinho

7 GOFF, Jacques le, *Memória - História*, Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997, p. 25–26 (citado em Yates, 1966, p. 44).

1.1. Memória em Definição

Etimologicamente a palavra Memória tem origem no grego “mnemis” ou no latim “memoria”⁸. Em ambos os casos significa a conservação de uma lembrança, correspondendo à capacidade do ser vivo para conservar uma impressão/marca do seu passado e de se referir a ela. Para o homem, a memória representa a primeira e a mais fundamental experiência do tempo, bem como garantia da sua própria identidade.

Pensamento e memória são capacidades cognitivas que se desenvolvem pelas interações sociais e culturais. Estas vão permitir *“o estabelecimento e a partilha dos conhecimentos, das crenças, das convenções, a compreensão das imagens, de metáforas, a elaboração e a confrontação de raciocínios, a transmissão de emoções, de sensações e de sentimentos. Elas vão também pressionar o aparelho psíquico e estar na origem da censura e da retração de alguns pensamentos ou recordações”*⁹.

Estas capacidades são inatas a animais e humanos, ambos sujeitos a uma vida social. A diferença ocorre na ausência/presença de consciência. O homem dispõe de uma consciência superior, intencionalidade e linguagem que lhe permitem comunicar a sua experiência. O cérebro humano armazena memórias e utiliza-as para interpretar acontecimentos passados e futuros. A sua memória está, portanto, imbuída de significados que emergem essencialmente na interação do eu com a vivência



002. A Persistência da Memória, pintura a óleo (pintura de Salvador Dalí, 1931); na coleção do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, EUA.

8 CARNEIRO, Neri P., 'Memória E Patrimônio: etimologia', 2009. Último acesso em: <<http://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288/>>.

9 CANDAU, Joël, Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005, p. 25.

social e cultural, sendo que este referencial semântico pode ser exteriorizado a partir da linguagem. Assim, pode afirmar-se que a memória, enquanto capacidade cognitiva, é inata apenas ao Homem.

1.1.1. Evolução do Conceito de Memória

Segundo Jacques Le Goff existem dois tipos de sociedades: as de memória oral e as de memória escrita¹⁰. Nas sociedades primitivas, onde não existia escrita, a memória coletiva (entenda-se, os conhecimentos técnicos e os saberes práticos de um grupo de indivíduos, que atribui uma identidade ao grupo e permite construir um conhecimento consensual baseado em crenças e valores) era uma memória mais liberal e criativa que se prendia essencialmente nos conhecimentos práticos e técnicos da sociedade, funcionando "(...) *segundo uma reconstrução generativa e não segundo uma memorização mecânica*"¹¹. A memória era transmitida de homem para homem e de geração para geração, contribuindo assim para o desenvolvimento do saber e da experiência da sociedade. A partir do aparecimento da escrita, a difusão da memória coletiva tornou-se mais proeminente. As escrituras atribuíram à memória a intemporalidade e um contexto espacial que extravasa os limites das comunidades locais.

A formação da memória coletiva passa, assim por várias transformações, desde as sucessivas concepções arcaicas até à contemporaneidade.

A introdução deste conceito começa a ser perceptível na Grécia Antiga. Segundo a teogonia de Hesíodo, a memória é uma divindade que se assume pela forma de deusa – Mnemósine (ou Mnemosune), esposa de Zeus e mãe das nove Musas, protetora das Artes e da História¹². Mnemósine era responsável por conceder aos poetas e artistas o poder da recordação dos heróis e dos seus feitos, para que assim não caíssem no esquecimento e servissem de exemplo a gerações futuras. *"O poeta é, pois, um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro. É a testemunha inspirada dos «tempos antigos», da idade heroica e, por isso, da idade das origens"*¹³. Esta

10 GOFF, Jacques le, Memória - História, Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997 (citado em Yates, 1966, p. 44).

11 Ibid., p. 15.

12 LOURO, Margarida, Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo, Lisboa: Caleidoscópio, 2016, p. 21.

13 GOFF, Jacques le, Memória - História, Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997, p. 21 (citado em Yates, 1966, p. 44).

ligação, definida pelas artes não visuais, encontra a sua génese no sentido mítico, que enfatizava a relação entre memória e criação artística. Defendia-se a perenidade da ideologia artística e do ato criativo, enraizado na memória, que não ocorre sem recolha e retrospectiva¹⁴.

Com o passar do tempo, a memória vai perdendo o seu carácter sagrado, tornando-se inseparável da noção e da experiência do tempo como algo que passa e deixa, na história, as marcas do saber. Esta evolução, associada ao aparecimento da escrita, permite a criação de novas técnicas de memória.

Na Idade Média fizeram-se notar alterações profundas ao conceito, que derivam principalmente do aparecimento do cristianismo como religião e ideologia. A memória adquiriu um significado doutrinal, refletido nas celebrações associadas aos Santos e aos Mártires que eram comemorados no dia da sua morte ou no seu nascimento. A escrita e a oralidade eram utilizadas pelos idosos para transmitir ideologias religiosas. A associação da memória ao sénior era consensual, sendo os idosos considerados os mais úteis na continuidade do saber. A memória surge assim como um veículo privilegiado para a transmissão da cultura e dos valores sociais, onde a memória oral e a escrita estão em perfeita harmonia¹⁵.

Mais tarde, com a expansão urbana, são criadas as primeiras instituições de memória – os arquivos, as bibliotecas e os museus – com o objetivo de guardar os documentos da memória e da história da cidade. *“(...) da mesma forma que a memória escrita se vem acrescentar à memória oral, transformando-a, a história vem substituir, transformando-a, mas sem a destruir, a memória coletiva”*¹⁶.

1.1.2. A Memória na Sociedade Moderna

A era das revoluções tecnológicas, marcadas pela geração do século XXI, promove o momento da passagem do tempo extensivo da história – que relaciona espaço e tempo – a um tempo que perde a sua temporalidade na ausência duma história, pelo dinamismo e velocidade com que os acontecimentos ocorrem¹⁷. De facto, é uma época que tende a valorizar meios descartáveis

14 LOURO, Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo, p. 22.

15 GOFF, Jacques le, Memória - História, Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997 (citado em Yates, 1966, p. 44).

16 Ibid., p. 20.

17 LOURO, Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo, p. 27.

de registo de acontecimentos, tais como os livros, câmaras fotográficas, computadores, telemóveis ou as instituições que os preservam, como é o caso das bibliotecas. Assim, a memória acaba por ser desvalorizada na obsessão pelos aparelhos tecnológicos, que desvirtuam o convívio social, fonte essencial de memórias cognitivas. Mais, a sobre-urbanização, que obriga à construção desmedida, descarta memórias, destrói cidades antigas e impõe um ritmo de vida à população que lhes veda o acesso a memórias eternizadas em arquivos e documentos que já ninguém procura. Este novo *modus vivendi*, onde o presente se sobrepõe à memória, veda também a produção de memórias coletivas. “Esta memória artificial assume-se como responsável no apagamento das memórias dos homens, como o reencenar da exterminação,”¹⁸ que compromete a atividade criativa.

Na vida contemporânea surge, assim, uma sociedade vazia, que transforma cidades em espaços indiferenciados e sem personalidade que satisfazem as necessidades modernas, mas subtraem o referencial social que caracteriza uma cidade.

A velocidade e as consequências atuais das sociedades contemporâneas repentinamente transformadas são, no entanto, essenciais face às novas condições de apropriação do tempo e do espaço. Protagonizando uma nova noção dos espaços, a Sobremodernidade transforma os lugares em não-lugares¹⁹, que derivam obrigatoriamente da individualidade. Numa sociedade onde o eu se sobrepõe ao “nós”, é inevitável que a identidade com o espaço se desvaneça.

Ainda que a memória se possa representar, como um fenómeno individual, ela é e deve ser essencialmente compreendida como um fenómeno coletivo e social imbuído de significados que vão ajudar na construção de uma narrativa sobre o passado. Jacques Le Goff admite ainda que a junção dos domínios individual e coletivo forma uma memória completa, uma vez que o ato de criar memórias parte do comportamento narrativo, isto é, da comunicação do eu com o outro²⁰.

Contrariando as tendências da cidade moderna torna-se fundamental procurar soluções que, no decorrer do dia a dia, venham a estabelecer um incentivo ao relacionamento e diálogo



003. Biblioteca Nacional do Convento Real de Mafra, século XVIII (foto de autor desconhecido).

004. Our cultural obsession with technology (ilustração de Liam Walsh, 2016).

18 LOURO, Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo.

19 SÁ, Teresa, Lugares e Não - Lugares em Marc Augé, ARTITEXTOS, v.03, p. 179-188, 2006.

20 GOFF, Jacques le, Memória - História, Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997.

direto entre a população, garantindo uma conservação da identidade de qualquer sociedade, cidade, nação ou país.



005. O monumento contínuo (proposta de Superstudio, 1969).

1.2. O Valor da Memória

Os diferentes estágios de evolução da memória atribuíram-lhe um valor cada vez maior quer para o ser humano, quer para sociedade em geral. Inicialmente, a memória desenvolve-se para conferir valor às tradições de uma dada civilização, sendo depois vista como faculdade do conhecimento e de conservação de um tempo no espaço. *“A memória acompanha cada instante de uma vida humana: não há nada de conhecido que pertença ao passado e que, por consequência, não tenha sido memorizado”*²¹. Este referencial de memória permite ao homem estar ciente das suas lembranças para que possa agir em função delas com o objetivo de melhorar as suas ações tanto no presente como no futuro.

Note-se que as lembranças são construídas pelos momentos mais relevantes para o indivíduo, particularmente dos que foram vividos em grupo, quer seja no seio da família, do trabalho ou de uma viagem, contribuindo para uma aprendizagem que é indissociável da realidade social que nos circunda. Assumimos, assim, que a memória é seletiva pois nem tudo fica retido na

21 CANDAU, Joël, *Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedade*. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005, p. 59.

nossa mente. Assumimos ainda que toda a construção da memória tem um espaço físico, uma vez que o espaço interfere com o processo de criar e recordar memórias; isto é, o lugar físico onde decorre uma ação que leva posteriormente à memória influencia a rememoração. É possível afirmar, portanto, que tanto a relação com o outro, como a relação estabelecida com a arquitetura desencadeiam a criação de memórias e consequente rememoração.

1.2.1. Memória e Identidade

*“Sem memória, o sujeito funde-se, vive unicamente o instante, perde as suas capacidades conceptuais e cognitivas. A sua identidade desvanece-se (...)”*²²

A noção de identidade pessoal está intimamente ligada à memória e à experiência duradoura, sendo o tempo fundamental na nossa experiência pessoal no mundo. Apesar das novas realidades, é através da memória que atingimos o sentimento de identidade pessoal e nos recordamos do indivíduo, de dia para dia²³; *“ela define o nosso ser e modela a nossa forma de nos comportarmos”*²⁴.

Em caso de perda de memória, com patologias associadas, a amnésia crescente, o sujeito perde a sua identidade pessoal, pois esquece-se de quem é, de onde provém, dos seus valores e da personalidade que construiu. O facto de termos consciência do passado significa reconhecer as nossas origens, saber que existiu uma história antes de nós e que, consequentemente, foi através desse passado que nos tornámos naquilo que somos; só através dessa continuidade podemos preservar a nossa identidade. A memória caracteriza, assim, a individualidade de cada um, tal como se concretiza dentro do meio social.

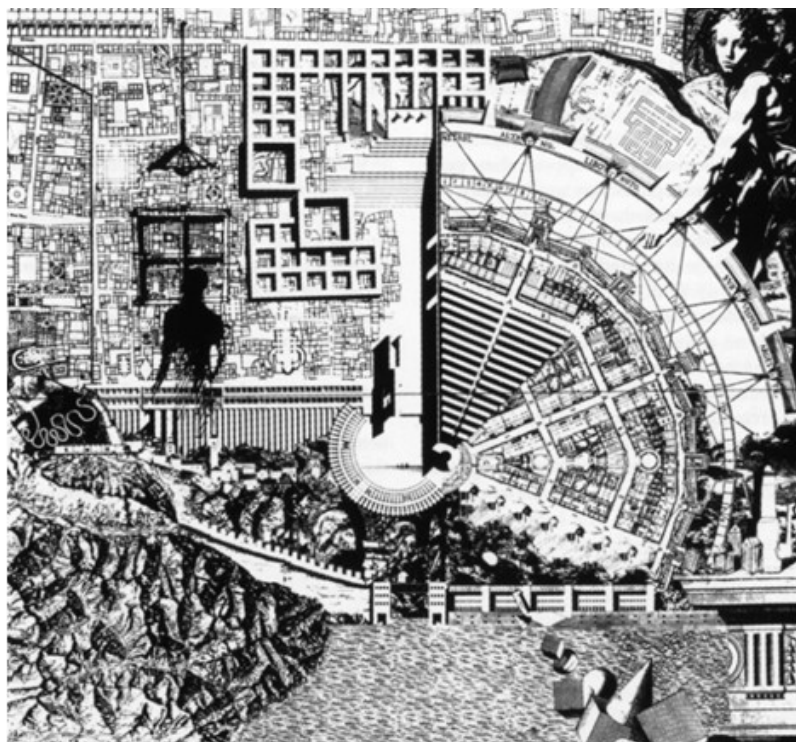
Para além de reconhecer, através de experiências geradoras de lembranças e aprendizagens, lugares, espaços e edifícios, os elementos que fazem parte da vida urbana de uma sociedade são também importantes para a construção da identidade do ser humano. Os lugares variam de importância para com o indivíduo, mas todos transportam consigo cargas simbólicas quer a nível individual quer a nível coletivo. Para a preservação da nossa

22 CANDAU, Joël, *Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedade*. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005.

23 LOURO, *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo*, p. 37-38.

24 CANDAU, Joël, *Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedade*. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005, p. 143.

essência, é necessário integrar a herança do passado (património) na nossa vida e na da sociedade. *“À semelhança da vinculação emocional que as pessoas podem desenvolver em relação a outras, a vinculação à casa ou a outros lugares de referência, do passado, do presente ou futuro, representa um importante contributo na formação da identidade”*²⁵. A arquitetura, através da sua vocação geradora de espaços que são capazes de criar momentos e experiências, é assim um dos melhores repositórios de memória.



006. The Analogous City (maquete de Aldo Rossi et. al, 1976); mesa exibida em Biennale di Venezia.

1.2.2. Espaços de Memória

Compreende-se agora que a memória funciona como base de toda a história; não é possível haver história sem memorização, uma vez que esta se suporta em dados memoriais. Ambas são representações do passado²⁶, que ao mesmo tempo servem o tempo presente, contribuindo para uma aprendizagem no tempo futuro. São ainda universos indissociáveis e inerentes à humanidade, que se completam na exposição do conhecimento; a história procura revelar as formas do passado, enquanto que a memória as modela. A memória histórica é aqui entendida como o passado vivido que é construído pela sucessão de

25 SOCZKA, Luís, p. 30 in Fonseca, Alexandra, Memória e Património como Vínculo Urbano e Social - uma proposta de reinterpretação do conjunto patrimonial no Largo do Conde Barão, Lisboa, 2016.

26 CANDAU, Joël, Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005, p. 74.

acontecimentos marcantes na vida do grupo, da nação, do país e é exatamente neste tipo de memória que existem os objetos estruturais da construção memorial sobre o passado como é o caso dos monumentos, do património arquitetónico, do seu estilo, das paisagens, das datas, das personagens históricas e das tradições e costumes²⁷.

De acordo com Maurice Halbwachs²⁸, *“é dentro do meio social que o Homem normalmente adquire as suas memórias. É também em sociedade que o indivíduo as relembra, reconhece e localiza”*²⁹. Para este autor, a memória como fenómeno social é construída, coletivamente ao longo do tempo derivando fundamentalmente da relação que existe entre o homem e a sociedade (os outros, o grupo). É a experiência do grupo que dá força à memória e lhe confere um sentido de continuidade e estabilidade, solidificando os lugares onde ocorrem as experiências humanas. Uma vez que a memória coletiva existe na base da construção da identidade, ela reforça o sentimento de pertença identitária e possibilita uma garantia de união e continuidade histórica ao grupo³⁰.

Pode-se assim afirmar, que os aspetos que valorizam a memória relacionam acontecimentos e locais sociais específicos que se assumem como determinantes na atribuição de sentido à vida humana. Segundo Pierre Nora, os lugares de memória existem pois já não há ambientes reais de memória, eles têm origem no sentimento de que já não há memória espontânea, por essa razão é preciso criar arquivos e organizar celebrações de modo a manter uma relação de pertença com o passado³¹. A memória inscreve-se nos lugares de ontem, sendo que ao “hoje” são adicionadas novas memórias, que amanhã permanecem e se solidificam na mente do homem e da sua sociedade. *“(…) um lugar de memória é uma unidade significativa, de ordem material ou ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez em elemento simbólico de uma qualquer comunidade”*³². São estes

27 CANDAU, Joël, Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005.

28 Maurice Halbwachs foi um filósofo e sociólogo francês, conhecido pela imposição da noção de memória coletiva como conceito explicativo de um certo número de fenómenos relacionados com a memória. (1877 – 1945).

29 «it is in society that people normally acquire their memories. It is also in society that they recall, recognize, and localize their memories» RODRIGUES, Donizete, Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica, Universidade da Beira Interior, p. 5.

30 Ibid.

31 CANDAU, Joël, Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005, p. 188.

32 Ibid., p. 189.



007. The Situationist City
(ilustração de Simon Sadler, 1998).

os lugares que funcionam como instrumentos estruturantes da lembrança para a identidade dos grupos ou dos indivíduos, são geradores de aproximação de um determinado grupo, são património, elementos construtores de memória que contribuem para uma construção de identidade pessoal, local, regional ou nacional, pois *“a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”*³³.

1.3. A Memória na Arquitetura

Enquanto ser no mundo, o homem cria espaços conforme as suas necessidades, objetivos e culturas em que se insere; sendo que para tal é fundamental que existam direções referenciais de modo a que este consiga organizar o seu espaço. A relação entre o espaço (locus) e os cidadãos torna-se assim a imagem proeminente, a arquitetura e a paisagem, percorrendo a história da cidade e dando-lhe forma. Neste contexto, o locus é entendido como uma relação singular e ao mesmo tempo universal, pois ele existe entre uma certa situação local e as construções que estão naquele lugar. Norberg-Schulz³⁴ considera, portanto, que o locus é mais do que uma localização geográfica; é um conjunto de elementos que transmitem significados e que se refletem na manifestação do habitat como suporte existencial do homem na terra. O autor define ainda o locus como a junção do espaço e carácter. Aqui, o espaço é entendido no domínio perceptual, remetendo para a tridimensionalidade dos elementos caracterizadores de um lugar: a direção, relação com a envolvente – ou seja, uma ideia de limite – e a noção de escala, que quando relacionados ganham uma dimensão real. O carácter, por sua vez, existe num papel mais abstrato, relacionando-se com o tempo, com as experiências vividas e com as memórias. A relação do homem com o meio onde vive como suporte existencial constitui então o objetivo da arquitetura.

A arquitetura é, assim, uma história, que ganha o seu sentido ao conseguir atravessar todos os tempos, de modo a unir a sociedade e a cidade. Esta relação de vinculação com a memória é importante para que o futuro tenha presente os vestígios do seu passado, assim *“a união entre passado e futuro reside na própria ideia da cidade que a percorre, tal como a memória percorre a vida de uma*

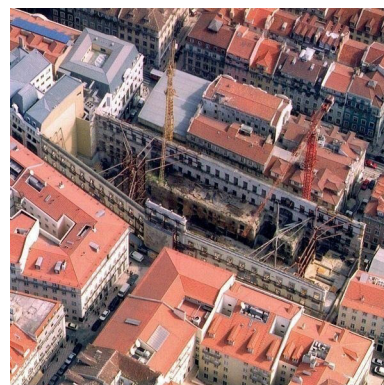
33 GOFF, Jacques le, Memória - História, Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997, p. 47.

34 Christian Norberg-Schulz foi um arquiteto, teórico e historiador norueguês que refletia sobre a arquitetura fenomenológica.

peessoa, e para se concretizar deve sempre conformar, mas também conformar-se na realidade. E esta conformidade permanece nos seus factos únicos, nos seus monumentos, na ideia que temos deles”³⁵. A intervenção arquitetónica suporta-se, portanto, na apropriação da memória do lugar, com o objetivo de reinterpretá-lo, recriá-lo e torná-lo novamente num lugar; pois são os lugares que se tornam objetos de memória para o indivíduo, para a sua sociedade e para as suas cidades.

O arquiteto pode intervir na cidade tanto através de uma nova construção como através da reabilitação de uma pré-existência; em qualquer uma destas formas de intervenção a memória está presente, pois “(...) a própria cidade é a memória coletiva dos povos”³⁶. Ligado a este sentido coletivo, enquadra-se o sentido de abordagem patrimonial pelo sentido da deliberação e da vontade³⁷, para melhor entender qual a sua utilização na requalificação urbana e social.

Os edifícios e os espaços antigos ou modernos são automaticamente detentores de memória que refletem constantemente ações passadas, presentes e futuras. “(...) a arquitetura, quando existe em sede urbana, quantas vezes se antecipa ela própria a consciência do nosso desejo para com ela: passeamos pela cidade e de repente lá está ela, impressionante, correspondente, e como se estivesse à nossa espera”³⁸. Apercebemo-nos de que a arquitetura não tem de ser um encontro voluntário, ela tem visibilidade e uma omnipresença na vida quotidiana, não pode por isso ser comparada com outras formas de arte. “A arquitetura reforça a experiência existencial, a nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço de identidade pessoal. Em vez da mera visão, ou dos cinco sentidos clássicos, a arquitetura envolve diversas esferas da experiência sensorial que interagem e fundem entre si”³⁹, contribuindo assim para a construção de memória. O valor da memória pode então ser expresso em função da arquitetura, na medida em que esta se assume como matricial na recordação, estando ligada ao sentido de herança dos séculos passados; o destino da arquitetura é



35 ROSSI, Aldo, A Architectura da Cidade, p.72, Lisboa: Edições 70, 1980.

36 Ibid., p.171,

37 LOURO, Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo, p. 30.

38 ABREU, Pedro Marques de, Arquitetura: Monumento e Morada, ARTiTEXTOS, v. 04, p. 011-020, 2007, p. 18.

39 PALLASMAA, Juhani, Os Olhos da Pele, Porto-Alegre: Bookman, 2005, p. 39 Gamboias, Hugo - Arquitetura com sentido(s), os sentidos como modo de viver arquitetura. Lisboa, 2013.

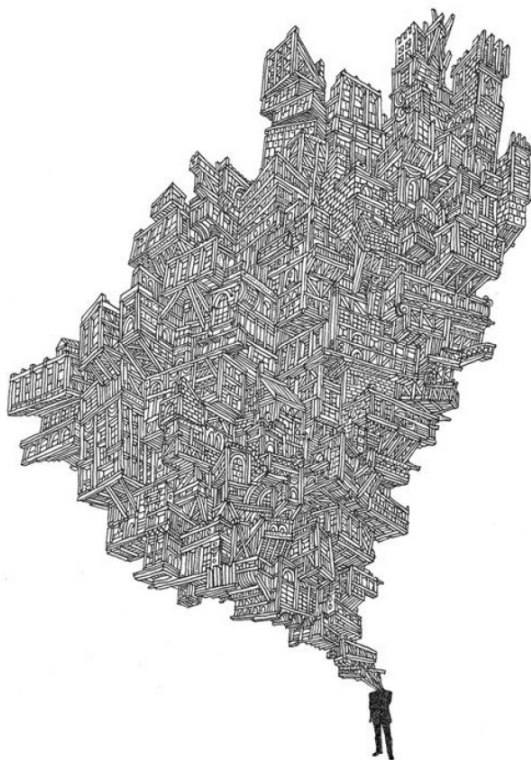
008. Grandes armazéns do Chiado em chamas (foto de autor desconhecido, 1988).

009. Fases da reconstrução do projeto de reabilitação para o Chiado, de Siza Vieira (foto de autor desconhecido).

010. Armazéns do Chiado atualmente (foto de Luís Pavão, 2000).

construído no intuito de durar mais que uma geração⁴⁰. A memória coletiva é entendida, neste contexto, como principal marco de memória na sociedade⁴¹.

Observando esta relação entre memória e arquitetura compreendemos como é que esta molda as nossas experiências e recordações, permitindo-nos tomar decisões no dia a dia. A arquitetura define o indivíduo, influencia a sua identidade e a sua perceção sobre o mundo, funcionando como um objeto que se regista na memória, não só como matéria, mas também na propriedade imaterial devido a emoções/sensações que lhe são associadas. *“A arquitetura funciona como espaço onde o indivíduo se pode encontrar, que pode chamar seu, porque ele é do seu conhecimento, e pode manifestar-se à vontade, carregar-lhe de significado, como um prolongamento e exteriorização do “Eu”, daquilo que ele é”*⁴², é por isso que os *“lugares podem desencadear memória (...) como participante essencial e insubstituível na vida e na consciência humana, pessoal e social: como instrumento definitivo da preservação da memória”*⁴³.



011. Capa da Revista Arquitetura nº21, de 11 maio 2010 (ilustração de Vasco Mourão).

40 RUSKIN, John, in ABREU, Arquitetura: Monumento e Morada.

41 LOURO, Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo, p. 30.

42 ABREU, Pedro Marques de, Arquitetura: Monumento e Morada, ARTITEXTOS, v.04, p. 011-020, 2007, p. 11-13.

43 Ibid., p. 11

2 | MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE DO LUGAR ATRAVÉS DA MEMÓRIA

2.1. Memória e Identidade dos Lugares

A identidade de um lugar é determinada pelas memórias que o caracterizam e que permitem a sua inserção num contexto urbano, rural, ou, mais latamente, produtivo ou económico. Mais, *“a identidade é o nível a que uma pessoa consegue reconhecer ou recordar um local como sendo distinto de outros locais – como tendo um carácter próprio, vivido, único, ou pelo menos particular”*⁴⁴. Essa identidade é evolutiva, tal como a cidade, não podendo parar no tempo sob o risco da vida urbana, e a ligação que esta tem com o restante território, se perder e se tornar apenas representativa. Isto porque, *“pouca memória pode conduzir ao abuso do esquecimento, ao apagamento da história,”*⁴⁵ ou seja, quando a memória é fraca e pouco sustentada a identidade dos lugares pode ser prejudicada.

A memória e a identidade dos lugares estão, assim, intimamente ligadas – tal como a própria história do lugar, que influencia a sua importância. É comum, a permanência da memória nas cidades ser representada pelo seu núcleo histórico, mesmo que em alguns casos este possa carecer da representação do seu edificado; por oposição, os lugares que não transparecem de um passado são considerados excessivamente contemporâneos. A memória das cidades é, por isso, definida, não só como um conjunto de monumentos embrionários da cidade – o seu núcleo histórico – mas também como o conjunto de transformações urbanas que nela foram ocorrendo – transformações de carácter contemporâneo.

Como estratégia contemporânea de construção de significado no lugar, um número significativo de autores Gieryn⁴⁶, Kaltenborn⁴⁷, Stedman⁴⁸, Tuan⁴⁹, converge na ideia de que o sentido de lugar traduz o reflexo emocional resultante da interação e experiência entre os seres humanos e determinados

44 LYNCH, Kevin, A boa forma da cidade, 04-2007. ed. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 127.

45 AGUIAR, José, Cor e Cidade Histórica, estudos cromáticos e conservação do património, Porto: Publicações FAUP, 2005, p. 126.

46 GIERYN, Thomas F., A space for place in sociology, Annual review of sociology, v. 26:463-496, 2000.

47 KALTENBORN, B. P., Effects of sense of place on responses to environmental impacts: A study among residents in Svalbard in the Norwegian high Arctic, Applied Geography, 1998.

48 STEDMAN, R. C., Is it really just a social construction?: The contribution of the physical environment to sense of place., [s.l.]: Society & Natural Resources, 2003.

49 TUAN, Y. F., The significance of the artifact, Geographical review, 1980.

espaços geográficos. Neste contexto, a relação com os lugares é o resultado de uma complexa e dinâmica interação entre duas componentes: uma componente interna e uma externa.

A componente interna, que é pessoal e única, permite que os espaços se transformem em “lugares” quando imbuídos de significado por via das experiências vividas⁵⁰. No mesmo sentido, Eisenhauer⁵¹, sustenta que *“em essência as pessoas conferem significado sobre o ambiente nas formas que refletem as suas experiências sociais e culturais.”* Por sua vez, a componente externa é constituída pelo espaço onde ocorrem as interações e as experiências, estando nós ligados aos lugares pelas características físicas de excelência que apresentam⁵². Tuan realça esta natureza física do lugar como *“fundamentada nos aspetos do ambiente que podemos apreciar através dos sentidos e do movimento: cor, textura, relevo, qualidade e luz, sensação do vento, sons e aromas trazidos pelo vento”*⁵³. Pode-se dizer que a natureza do espaço físico afeta fortemente a natureza do lugar criado⁵⁴. Neste contexto, os atributos históricos, culturais, sociais, ecológicos e físicos contribuem de forma decisiva para a criação do significado do lugar.

Este novo paradigma urbanístico e arquitetónico atribui aos centros históricos uma função de atração turística que pressupõe a recuperação dos referentes identitários do espaço. Por isso mesmo, contextualizar o lugar em estudo na contemporaneidade não pode deixar de considerar uma abordagem histórica que permita restituir ao espaço as memórias, identidades e significações, assim como a sua mobilização na contemporaneidade.

2.1.1. Manutenção da Memória

A memória dos lugares coexiste aliada à concordância de

50 TUAN, Y. F., *Space and place: The perspective of experience*, U. of Minnesota Press, 1977.

51 EISENHAUER, Brian W.; KRANNICH, Richard S.; BLAHNA, Dale J., *Attachments to special places on public lands: An analysis of activities, reason for attachments, and community connections*, *Society & Natural Resources: An International Journal*, v. 13, p. 421-441, 2000.

52 SHUMAKER, S. A.; TAYLOR, R. B., *Toward a clarification of people-place relationships: A model of attachment to place*, *Environmental psychology: Directions and perspectives*, p. 219-251, 1983.

53 RYDEN, Kent C., *Mapping the invisible landscape: Folklore, writing, and the sense of place*, University of Iowa Press, p. 290-292, 1993, p. 38.

54 SHILDS, Rob, *Places on the Margin: Alternative geographies of modernity*, London and New York-Edinburgh College of Art Library: Routledge, 1991.

um passado análogo recheado de lembranças, de construções/demolições e de novas vivências sociais; sendo que, para o indivíduo, é legítimo que se preserve essa memória.

Para que esta preservação/manutenção da memória aconteça, deve-se conjugar a conservação do que pertence ao passado com a construção do contemporâneo, impedindo o esquecimento e, ao mesmo tempo, vinculando o passado no presente. *“A nossa cultura apoia-se na vivência: novidade, consumo, desgaste e memória. A história, como leitura crítica do passado, estabelece-se como motor da contemporaneidade e não como obstáculo de estagnação ao desenvolvimento e à evolução. Neste sentido a arquitetura tem de responder às contingências da contemporaneidade e adaptar-se aos problemas dos seus tempos (...)”*⁵⁵. Torna-se crucial adotar medidas para preservar as marcas do passado no presente, pois as sociedades, hoje em dia, sofrem constantes alterações a um ritmo acelerado, levando ao desaparecimento de referenciais e de suportes de orientação; assistimos a uma individualização da arquitetura, tal como das culturas.

As cidades, e em particular a cidade de Lisboa, deparam-se com a problemática da necessidade de preservação da memória – do que deve ou não ser preservado, daquilo que faz parte da memória da cidade ou mesmo da sua identidade, da ameaça latente ao seu passado. Esta problemática está assente desde as *“épocas que se consideram modernas e que tendem a estabelecer uma ruptura com o passado”*, uma vez que estas *“são aquelas em que é mais dramático um esforço voluntário ligação ao passado (Renascimento, Revolução Francesa, Revolução Industrial) (...)”*⁵⁶. Esta necessidade de existir memória não se debate apenas pela ideia de voltar atrás no tempo, num sentido lato, mas também pela possibilidade da arquitetura contemporânea revelar história.

Tanto em Lisboa, como em outras cidades, houve uma nova tomada de consciência relativamente à *“constituição multiseccular do nosso território, formado por sucessivas ‘manchas’ de crescimento urbano que o foram caracterizando como um puzzle de diferentes ambientes temporais, mas igualmente da importância de sucessivas layers, camadas ou extratos de intervenção, que ao longo dos séculos intervieram, modificaram e no final ‘viveram’ a cidade pré-existente, conformando um território caracterizado por séculos sucessivos*

55 ARX Portugal, in LOURO, Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo, p. 41.

56 ABREU, Pedro Marques de, Os Palácios da Memória. Dissertação para mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos, FAUTL, Lisboa, 1996, p. 471.

*de povoamento e construção*⁵⁷. Esta realidade, associada a uma procura de consciencialização da contemporaneidade, tem vindo a proporcionar a mudança do paradigma arquitetónico, para que a intervenção arquitetónica no território seja uma intervenção mais consciente sobre o mesmo, de modo a qualificar as nossas cidades. Pretende-se, cada vez mais, refletir sobre qual o efetivo valor identitário para o ser humano, que se insere num contexto social e que se apropria dos valores culturais presentes na cidade já consolidada, contribuindo assim para uma continuidade da memória coletiva e para um sentimento de pertença e criação de uma identidade cultural.

2.2. Património e Materialidade da Identidade

2.2.1. O Conceito de Património

Património, *“esta bela e muito antiga palavra”*⁵⁸, deriva do latim *patrimonium* que liga o conceito de pai, *patri*, ao conceito de algo recebido, *monium*, significando a herança paterna⁵⁹. A sua origem está, assim, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma determinada sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. No fundo, *“é o produto de um trabalho de memória que, com o tempo e segundo critérios muito variáveis, seleciona certos elementos herdados do passado para os arrumar na categoria dos objetos patrimoniais”*⁶⁰. Os critérios que fundam essa seleção, ou a construção de um objeto patrimonial, são *“laços afetivos, sentimentos de urgência, preocupação com a edificação das gerações futuras, solicitações tecnológicas (pressões ou influências da «cibercultura» e dos dispositivos multimédia), interesse religioso, intelectual, estético, político ou económico, ou, ainda, a antiguidade do objeto”*⁶¹. Podemos afirmar que estes se tratam de um conjunto de bens de valor material e imaterial⁶², que narram a história de uma

57 LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta, *Memória Architectura e Projecto*, Lisboa: By the Book, 2016.

58 CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*, Lisboa: Ed. 70, 1982, p. 11.

59 CARNEIRO, Neri P., ‘Memória E Património: etimologia’, 2009. Último acesso em: <<http://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288/>>.

60 CANDAU, Joël, *Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedade*. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005, p. 148.

61 Ibid., p. 149.

62 Património Material (tangível): encontra-se diretamente ligado às áreas da arqueologia, paisagismo, etnografia, arquitetura, história, das belas artes aplicadas, e pode subdividir-se em bens imóveis (núcleos urbanos, sítios arqueológicos, edificados e bens individuais). Património Imaterial (intangível): está associado às tradições de cada comunidade (práticas, conhecimentos, técnicas, artefactos), que a caracterizam em sociedade ou individualmente.

nação e da sua relação com um determinado lugar, isto é, são a herança do legado que herdamos do passado e que transmitimos às gerações futuras⁶³.

No património concretiza-se, também, a materialidade da identidade. *“Património e identidade são dois conceitos intimamente relacionados. (...) a identidade como a “essência” de um determinado coletivo humano; o património como a sua manifestação “natural”, que sobrevive ao decurso do tempo e que é preciso resgatar e preservar a todo o custo”*⁶⁴. Aqui surge o conceito de monumento que, como definido por Choay, é uma prática consequente do património, *“qualquer artefacto edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças”*⁶⁵. A autora relaciona claramente os conceitos de memória e património, em que a identidade de um determinado grupo é preservada e mantida através da invocação do passado através do monumento. O monumento é a *“garantia das origens”*⁶⁶, pois revive o passado glorificado no presente, assegurando as incertezas e as inquietudes do mesmo.

Ainda relacionado com a identidade, Llorenç Prats⁶⁷ considera o património e as ativações dos referentes patrimoniais como uma construção social, com representações simbólicas da identidade. Neste sentido, o património assume um papel memorial das sociedades e regista os testemunhos e vivências das diferentes épocas; é, no fundo, um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento coletivo de identidade. É através dos símbolos, que veiculam a transmissão cultural, que o ser humano reforça esse sentimento coletivo de identidade, mantendo uma sensação reconfortante de permanência no espaço; o futuro é um destino essencialmente incerto e o presente é o instante fugaz, portanto é através dos objetos do passado que sentimos estabilidade, pois *“a única certeza que o ser humano possui é a verdade irrefutável do passado”*⁶⁸.

63 CANDAU, Joël, Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005, p. 148.

64 PERALTA e ANICO, 2006, in MARTINS, Daniela, A memória de um lugar: discursos e práticas identitárias na freguesia do Castelo em Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2011, p. 36.

65 CHOAY, Françoise, Alegoria do Património, Lisboa: Ed. 70, 1982, p. 17.

66 Ibid., p. 18.

67 PRATS, Llorenç, in PARALTA DA SILVA, Elsa, Património e identidade. Os desafios do turismo cultural, I.S.C.S.P Universidade Técnica de Lisboa, 2000.

68 Ibid., p. 219

2.2.2. O Início de uma Consciência

A noção de património como elemento de valor remonta ao tempo das civilizações gregas e romanas. Nestas épocas, as civilizações tinham especial interesse pela estética e técnica presentes nas obras da antiguidade. Esses objetos eram procurados ativamente por serem considerados elementos que davam a conhecer os feitos de uma determinada cultura pela sua arte, capacidade técnica e estética, ao invés da sua relação histórica.

A associação do valor histórico ao património, e mesmo do valor urbano enquanto parte integrante da cidade histórica, surgiu séculos mais tarde. Este foi um processo retardado pela falta de entendimento da cidade enquanto espaço, até aqui considerada apenas como *“um nome, uma comunidade, uma genealogia e uma história”*⁶⁹. O espaço da cidade era abordado através dos monumentos e símbolos da mesma; talvez por isso a história da arquitetura seja a história dos monumentos, do património singular e não do coletivo, ignorando-se a cidade.

Nos finais da idade média a relação com os monumentos mantinha-se, apesar de se apresentar um pouco mais complexa por se tratar de uma época em que ocorreram inúmeras destruições; estas marcadas pela difusão do cristianismo, que contribuiu para uma postura de indiferença em relação aos monumentos que haviam perdido a sua utilidade, sendo que, alguns *“(...) são transformados em pedreiras, ou então, recuperados e desvirtuados”*⁷⁰. Contudo, neste mesmo período também se verificou a conservação consciente de diversas obras e edifícios ligados ao paganismo, uma vez que *“as obras antigas fascinam pelas suas dimensões, pelo requinte e pela perícia da sua execução, pela riqueza dos seus materiais”*⁷¹. A conservação destas obras consistia na desmedida reutilização dos edifícios através da sua reordenação ou pela sua segregação em fragmentos que seriam posteriormente utilizados em novas construções, com vista a embelezar outros edifícios.

No Renascimento, através das iniciativas papais, surge pela primeira vez a preocupação pela preservação dos monumentos. As intervenções no património desta época eram realizadas através da reutilização do edificado, devolvendo-lhe a arquitetura de origem, mesmo que fosse necessário recorrer à

69 CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*, Lisboa: Ed. 70, 1982, p. 157.

70 Ibid., p. 32.

71 Ibid., p. 33.

imaginação por falta de registos passados.

No século XIX, o conceito expande-se, passando todos os monumentos históricos a integrar o património através de uma conservação menos abusiva – os monumentos eram alterados e reutilizados com o propósito de adquirir novas funções. Com a revolução industrial, a cidade histórica torna-se objeto de estudo enquanto elemento identificador de uma cultura⁷². No entanto, só em meados do século XX, no período pós-guerra, é que se verifica um número significativo de bens inventariados; a destruição massiva provocada pela 2ª Guerra Mundial contribuiu para novos ideais, questionando-se o conjunto de princípios da cultura moderna face à sua efetiva capacidade de interpretação e intervenção em grande escala nas estruturas urbanas pré-existentes. A partir deste momento, a consciencialização sobre o conceito de património multiplicou-se a um ritmo considerável e viria a encontrar-se na base de uma mudança cultural – mudança essa caracterizada pelo período Pós-Modernidade, podendo ainda caracterizar a nossa atualidade.

Deste modo, *“assistir-se-ia a uma progressiva vontade de aproximação da Arquitetura em relação a uma contextualização cultural e ao homem comum e aos seus gostos e preferências, assim como à emergência e consolidação de fenómenos como a valorização da ‘diversidade cultural’, das ‘relações de contextualismo’, das ‘preexistências ambientais’, da ‘tradição’, da ‘linguagem comunicativa’ e, cada vez mais, da consciência de uma ideia lácita de ‘património’”*⁷³. Na nova cultura Pós-Modernista, assiste-se, assim, à expansão da noção de património cultural e arquitetónico, que vai colocar em questão a relação entre a arquitetura e o ser humano, defendendo a necessidade de recuperar as qualidades urbanas e arquitetónicas, que até então se haviam perdido; esta noção passa a englobar todo o conjunto da cidade histórica, *“(...) a história significa fazer o novo com absoluta contemporaneidade, mas aceitando que o material histórico da nossa memória se vai entrecruzar com o processo”*⁷⁴. É neste contexto que, nas décadas de 60 e 70, surgem novas políticas relativas às áreas urbanas de valor histórico – através da publicação da Carta de Veneza⁷⁵.

72 CHOAY, Françoise, Alegoria do Património, Lisboa: Ed. 70, 1982.

73 LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta, Memória Arquitectura e Projecto, Lisboa: By the Book, 2016.

74 GRACÍA, Francisco de, Construir en lo Contruido, La arquitectura como modificación, Madrid: Nerea, S.A., 1992, p. 107–108 in, Memória Arquitectura e Projecto.

75 Surge em 1964 como instrumento de proteção do património sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios.

e de políticas geradas por organismos internacionais como a ICOMOS⁷⁶ e a UNESCO⁷⁷ para a proteção do património Cultural e Natural Mundial – que contribuíram para a globalização do conceito ocidental de património.



012. Fonte da Praça do Giraldo, Centro histórico de Évora, classificado como património mundial da UNESCO em 1986 (foto de autor desconhecido).



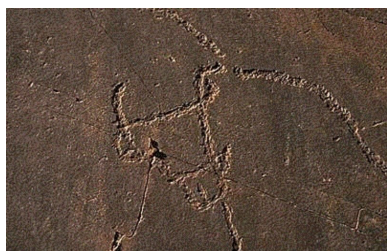
013. Centro histórico do Porto, classificado como património mundial em 1996 (foto da autora, 2016).



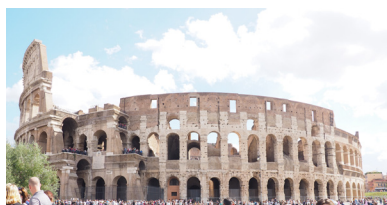
014. Templo romano no centro histórico de Évora, classificado como monumento nacional pelo IGESPAR (foto de José Emílio Guerreiro, 2009).

76 The International Council on Monuments and Sites – Concelho Internacional de Monumentos e sítios.

77 The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.



015. Arte rupestre no parque arqueológico do vale do CÔA, classificado património cultural pela UNESCO 1998 (foto de autor desconhecido)



016. Coliseu de Roma, 2016 (foto da autora, 2016).

Com esta tomada de consciência surgem os conceitos: revitalização, reabilitação e requalificação urbana. O primeiro tem como objetivo primordial tornar a vitalizar ou dar nova vida – pretende aproveitar-se todo o potencial da área, sítio ou peça arquitetónica, tornando-a mais eficaz no que toca à sua vivência. A reabilitação pode ser vista como uma forma de intervenção sobre o tecido urbano existente, de modo a que o património urbanístico e imobiliário seja mantido, no todo ou em parte substancial, e modernizado através da realização de obras de remodelação, com vista a melhorar não só as suas condições materiais como também as funcionais. Já a requalificação urbana, que se enquadra numa operação de renovação ou reestruturação, tem como objetivos primordiais a valorização ambiental e a melhoria do desempenho funcional do tecido urbano; no fundo, é uma estratégia que (re)desenha o espaço público, podendo ser utilizada como um meio para a resolução da falta de condições de vida das populações, através da (re)introdução de qualidades urbanas, de acessibilidade ou centralidade a uma determinada área.

Em suma, *“Hoje o termo abrange desde a obra de arte, a cidade histórica, o território e a paisagem humanizada, isto é, o termo património engloba organizações voluntárias do espaço feitas pelo Homem e portadoras dos seus valores”*⁷⁸.

2.2.3. Valor Cultural

O conceito geral de cultura pode ser aplicado sob diversas formas e a diversos elementos do nosso quotidiano, desde a literatura às artes, passando pelos monumentos e paisagens protegidas, associando-se sempre com o conceito de património.

Partindo do princípio que o património é considerado um produto das ações do homem, então a cultura constrói-se através da sua mente. Sendo esta uma forma de expressão da mente humana, é exteriorizada materialmente, como é o caso dos monumentos e dos espaços físicos, ou imaterialmente, como é o caso da literatura ou das tradições. Ambos proporcionam ao ser humano momentos de recordação e prazer, assumindo uma posição no presente, no passado e no futuro. Podemos então dizer que a cultura é *“(...) o conjunto complexo das características distintivas espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam uma sociedade ou grupo social; inclui não só as artes e letras, mas também os modos de vida, os direitos fundamentais*

⁷⁸ AGUIAR, José, *Cor e Cidade Histórica, estudos cromáticos e conservação do património*, Porto: Publicações FAUP, 2005, p. 23.

*do ser humano, os sistemas de valores, tradições e crenças". É "(...) através da cultura que o homem se exprime, se torna consciente de si próprio, reconhece-se como um projecto inacabado, questiona as suas próprias realizações, procura incansavelmente novos significados e cria obras pelas quais transcende as suas próprias limitações"*⁷⁹. Aqui, a cultura torna-se um elemento gerador de desenvolvimento, que tem como objetivo o bem-estar, assim como a realização pessoal de cada um.

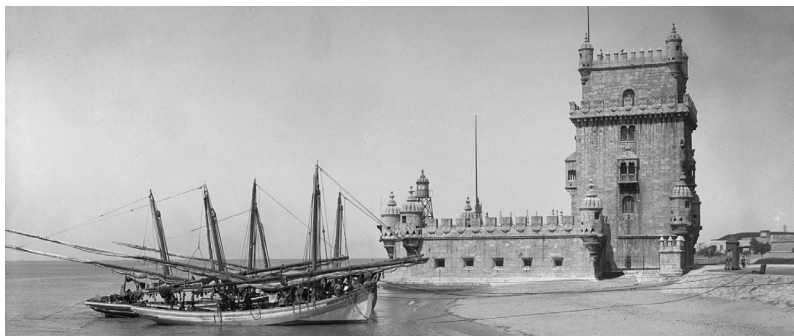
Qualquer estratégia de desenvolvimento ou recuperação de uma cidade deve, portanto, ser acompanhada por todos os contextos culturais que a definem; contextos estes que são construídos através de uma representação espacial, resultado da estruturação e organização de um determinado território com vista à aplicação de recursos, à criação da economia e à atribuição de um significado coletivo e valor simbólico do lugar que se concretiza através da construção de uma memória coletiva e da sua representação enquanto fenómeno cultural. *"Cada Lugar é uma construção física, mas também é, sobretudo, uma construção na memória. Talvez por isso, continuemos a referir lugares que já não existem (...) A identidade, sabemos, é feita de nomes. Nomes são, portanto, o processo de construção da memória coletiva e do seu valor simbólico e, portanto, de construção cultural"*⁸⁰.

A memória enquanto matéria de construção da arquitetura torna-se o elo de ligação entre a relação do lugar no presente, o lugar no passado e a capacidade deste ser compreendido e sentido. A verdade é que o passado se materializa de variadíssimas formas e, a cidade encontra-se repleta de arcos de memória, carregadas de significado. Estas sucessivas camadas de tempo, de espaço, de memória e de matéria, de que a cidade é feita, formam uma nova organização espacial que constrói o presente. Como tal, quando é realizada uma intervenção arquitetónica é inevitável não nos depararmos com questões sobre os elementos que possam ou não ter valor cultural para a sociedade, para a cidade onde se intervém, de maneira a garantir a sua funcionalidade com os valores contemporâneos, mantendo sempre presente a preservação da memória.

79 GOMES, Carla Amado, O preço da memória: a sustentabilidade do património cultural edificado, Revista de Ciências Empresariais e Jurídicas, 2011, p. 35.

80 GOMES DA SILVA, João, Conferência "Lisboa: a espessura do Tempo", Culturgest, disponível em: <<http://www.culturgest.pt/actual/01/13-joaogomesdasilva.html>>, in, Memória Arquitectura e Projecto.

017. Torre de Belém em Lisboa, integrada no plano defensivo da barra do rio Tejo, erguida em 1520 (foto de Eduardo Alexandre Cunha, 1900).



018. Padrão dos Descobrimentos em Lisboa, erguido em 1940 para homenagear os elementos envolvidos nos descobrimentos portugueses (foto de Armando Maia Serôdio, 1965).



019. Arco do Triunfo em Paris, erguido para comemorar as vitórias de Napoleão Bonaparte em 1836 (foto de autor desconhecido).



2.3. Memória, Património e Contemporaneidade

Na reflexão dos temas acima descritos conclui-se que *“a história, a memória e o tempo são parcelas da mesma equação que se unificam aos conceitos de monumento e património”*⁸¹ e que todos os *“vestígios materiais são uma garantia de que houve um passado; que apesar de mudos carecem de interpretação, apesar de corrompidos pelo tempo ou pela reconstrução sucessiva, são sempre uma ponte entre o presente e o passado. Reagimos a estas relíquias pela sua beleza, pelo seu valor histórico, mas sobretudo pelo seu papel de talismã da continuidade do tempo”*⁸². Deste modo, o património, como anteriormente definido, é visto como uma fonte inesgotável de conhecimentos históricos e culturais que são necessários preservar. Esta ideia, de defesa e salvaguarda do património, *“radica na convicção, cada vez mais alargada e generalizada, de que a manutenção das expressões do passado é um dos mais relevantes fatores de continuidade na construção da memória coletiva dos povos, correndo para a definição e a fixação da identidade social e cultural das nações”*⁸³. Podemos constatar que, nas últimas décadas, a evolução do conceito de património e relativas iniciativas de salvaguarda, sustentam um novo e estimulante desafio para a defesa do pensamento arquitetónico na atualidade.

Na origem da própria natureza da cidade, é também observado o inovador dinamismo que se estabelece nas mudanças temporais, imprimindo ao espaço urbano o sentido de desenvolvimento e continuidade. É neste sentido, enraizado na história, que se constrói o conceito tradicional de memória na cidade, *“Na verdade tende a assistir-se a uma evidente retirada dos axiomas formais do Movimento Moderno, operando-se em contrapartida uma procura de reinvenção da arquitetura, a partir não só da perceção do seu tempo, como dos significados evidentes do seu lugar, procurando reinterpretá-los na contemporaneidade”*⁸⁴. É neste sentido de reinvenção e de reinterpretação que o conceito de memória pressupõe a experiência, permitindo a recordação do conjunto social de partilhas de memórias intersubjetivas e,

81 LOWENTHAL, David, *The past is a foreign country*. Último acesso em: <http://www.academia.edu/3605880/Património_Histórico_o_tema_de_uma_alegoria>.

82 Ibid.

83 FERREIRA, Carlos, *Restauro dos Monumentos Históricos*, Oficinas Gráficas. Lisboa: M.A. Pacheco, 1992, p. 9.

84 LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta, *Memória Arquitectura e Projecto*, Lisboa: By the Book, 2016.



020. A presença de diferentes épocas (foto de Henrique Vogado).

assim, adquirindo uma dimensão coletiva⁸⁵. *“A intervenção no espaço construído da cidade passa sempre pelo jogo de tensões que se estabelece entre o novo e o existente”*⁸⁶.

Tendo como objetivo a preservação da memória para uma manutenção da identidade do lugar, com vista à viabilidade de um projeto na realidade em que a cidade contemporânea se insere, *“se constrói o conceito/desenho e se decide sobre a linguagem(...) tornando este processo de conceptualização consciente e responsável. (...) Em síntese, [queremos, com a história] armazenar na memória, aprender mecanismos, perceber intenções e condicionamentos para, “esquecendo tudo”, nos abirmos de forma culta e eticamente responsável a criação escandalosamente artística, como é nosso dever”*⁸⁷. Pode, daqui, resultar uma consciencialização de novas atitudes perante as ideias de conservação, reabilitação e reutilização dos espaços, que se demonstram capazes de olhar para o património como fonte de inspiração e criatividade.

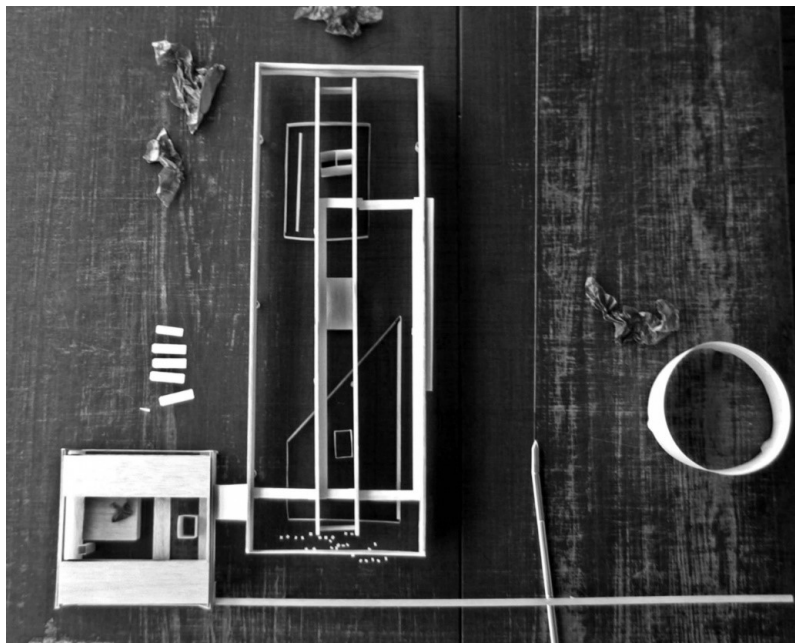
85 LOURO, Margarida, *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo*, Lisboa: Caleidoscópio, 2016, p. 45.

86 Ibid., p. 47.

87 ABREU, Pedro Marques de, *Os Palácios da Memória*. Dissertação para mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos, FAUTL, Lisboa, 1996, p. 372.

3 | CASOS DE REFERÊNCIA

3.1. Museu dos Coches, 2015 | Arq. Paulo Mendes da Rocha



021. Modelo físico do projeto do Museu dos Coches (maquete de Paulo Mendes da Rocha).

O projeto do arquiteto Paulo Mendes da Rocha foi desenhado para substituir o antigo museu dos coches Reaes, que tinha lugar no salão do antigo picadeiro real em Belém. O novo museu, construído num enclave urbano entre a rua da Junqueira e a Ladeira d'Ajuda, onde antigamente estavam instaladas as oficinas gerais do exército, surge como parte integrante do projeto governamental de transformação urbana na região ribeirinha da cidade de Lisboa, “Belém Redescoberta” (proposta governamental para revitalização da zona Ribeirinha de Belém). Neste contexto, pretende-se, com o projeto do novo museu, obter uma infraestrutura urbana que seja potenciadora de espaço público na cidade, “o museu não tem porta e relaciona-se para todos os lados”⁸⁸. Importa, então, entender quais foram as premissas do arquiteto face à intenção de qualificação urbana e arquitetónica.

Segundo o arquiteto⁸⁹, a sua intenção levanta duas questões básicas. Do lado da museologia, adota-se um critério centrado na ideia da preservação definitiva, do tesouro guardado e a um só tempo visitado. “Queremos que coexista o depósito e o museu. Haverá

88 CARITA, Alexandra; PAIXÃO, Paulo, O novo museu será um amplo logradouro público, EXPRESSO. Último acesso em: <<http://expresso.sapo.pt/actualidade/o-novo-museu-sera-um-amplu-logradouro-publico=f501534>>.

89 ROCHA, Paulo Mendes da Rocha, Museu dos Coches, MMBB. Último acesso em: <<http://www.mmbb.com.br/projects/details/66/4>>.

*coches arrumados, que serão observáveis como tesouro, e depois haverá destaques. Não existe um paradigma, estamos a inventá-lo. Aos coches queremos juntar todos os recursos possíveis de imagem e de som. Como haverá dez metros de pé direito - como se aquilo fosse um espaço infinito, o que é indispensável para não parecer que os coches ficam confinados - é fácil imaginar que vamos fazer tudo branco para que brilhem as cores do coche. Não vamos enfeitar nada, não é uma ópera. Então poderemos projetar filmes, em escala monumental, também se podem emitir sons, que vão variando ou desaparecendo, à medida que se avança. Este museu estará à disposição de uma museologia que pode ir tão longe quanto se queira*⁹⁰. É considerada a visita sob todas as formas possíveis de desdobramentos quanto à memória histórica, enquanto construção intelectual no tempo⁹¹. Do lado do urbanismo, levantava-se a questão do programa e do lugar. *“Paulo Mendes da Rocha olhou com uma distância crítica, que permitiu avaliar o conjunto urbanístico, cultural e arquitetónico de Belém enquanto uma unidade; um território retangular em frente às águas e que teve até hoje o seu extremo nascente incompleto, excluído da própria vivência do espaço público*”⁹². O projeto nasce, portanto, com o desígnio de rematar um tecido urbano. Mais claramente, nasce com o desígnio de esclarecer a relação entre a antiga linha de praia, que corresponde à Rua da Junqueira, e os aterros que criaram a atual paisagem.

A implantação dos volumes do museu no terreno é, portanto, pensada a partir de uma consciência de contingências do lugar, onde as particularidades do tecido urbano, da memória, e do valor da esquina ganham força. Nota-se, por exemplo, uma clara intenção de conectar o museu com o outro lado da via férrea, para a qual o arquiteto sugere transferir a passagem aérea de pedestres, ligando-a ao edifício do museu, na sequência da calçada da Ajuda até aos jardins junto ao Tejo. De modo a reforçar tal conexão, o arquiteto propôs ainda que a passagem atravessasse por dentro do edifício do museu, que na sua fachada lateral possui uma abertura horizontal, através da qual se pode vislumbrar a exposição⁹³.

90 CARITA, Alexandra; PAIXÃO, Paulo, O novo museu será um amplo logradouro público, EXPRESSO. Último acesso em: <<http://expresso.sapo.pt/actualidade/o-novo-museu-sera-um-amplo-logradouro-publico=f501534>>

91 ROCHA, Paulo Mendes da Rocha, Museu dos Coches, MMBB. Último acesso em: <<http://www.mmbb.com.br/projects/details/66/4>>,

92 MILHEIRO, Ana Vaz, Este museu não podia ser desenhado por um arquitecto europeu, Público. Último acesso em: <<https://www.publico.pt/2015/05/22/culturaipilon/noticia/este-museu-nao-podia-ser-desenhado-por-um-arquitecto-europeu-1696361>>,

93 ROCHA, Paulo Mendes da Rocha, Museu dos Coches, MMBB. Último acesso em: <<http://www.mmbb.com.br/projects/details/66/4>>,

A raiz do projeto assenta no desenho de dois volumes suspensos, separados entre si e interligados por passagens aéreas, que deixam o terreno livre para uma grande praça pública, estimulando a iniciativa do pequeno comércio local e particular. É numa construção proposta de modo dual que ganham corpo um pavilhão principal, uma nave suspensa para as exposições e um anexo, com receção, administração, restaurante e auditório, onde é amparada estrategicamente a tomada, em rampas, para a passagem pública de pedestres até ao Tejo. A zona térrea do museu apropria-se de funcionalidades inerentes ao museu que são abraçadas por elementos transparentes, *“Assim o público poderá ver o que se passa nas oficinas, sem ser necessário entrar, pois o edifício terá partes transparentes”*⁹⁴. Esta dualidade transforma o edificado num espaço rigorosamente protegido e imprevisivelmente aberto. Para além de funcionalidades inerentes ao museu, a esplanada terra contém, ainda, um espaço reservado para as crianças, com um jardim na fachada leste e junto ao pavilhão de acesso dos visitantes às exposições. Nessa mesma esplanada existe também uma cantina de carácter público, que se pode estender ao exterior.

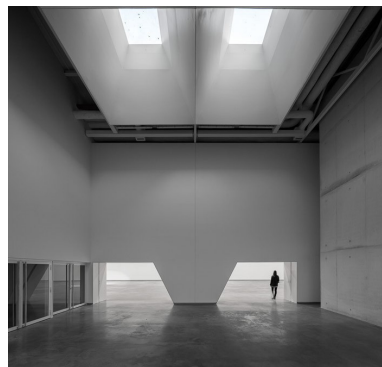
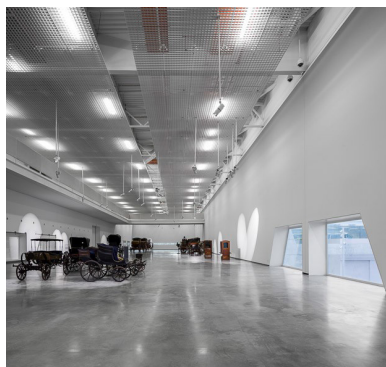
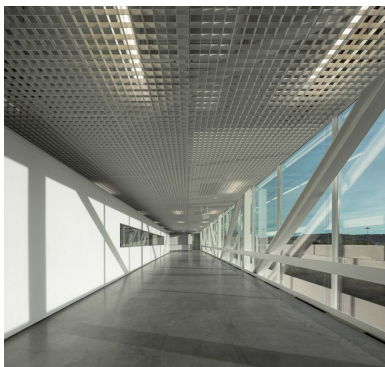
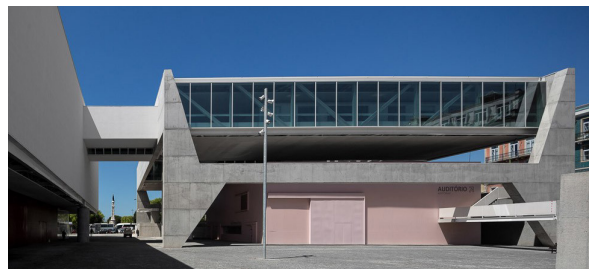
Construtivamente, o edificado pode definir-se pelo afloramento dos apoios em betão armado com relativa concentração de cargas, onde se vai apoiar a estrutura metálica treliçada, que, por sua vez, é revestida, configurando assim as grandes paredes do museu. Relativamente às acessibilidades, para além de conter escadas de segurança exigidas por lei, todo o acesso ao edificado é feito através de elevadores hidráulicos de grandes dimensões, de modo a assegurar a capacidade de transporte aos espaços expositivos.⁹⁵



022. Vista exterior do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha (foto de Fernando Guerra).

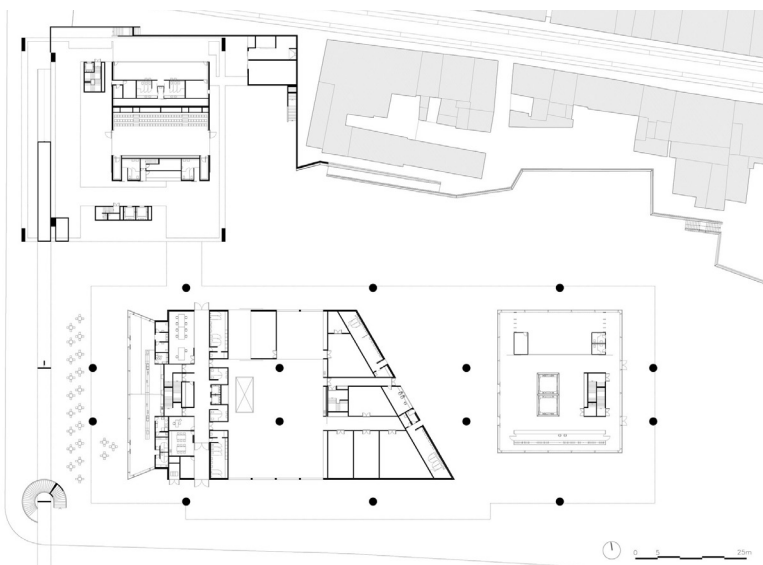
94 CARITA, Alexandra; PAIXÃO, Paulo, O novo museu será um amplo logradouro público, EXPRESSO. Último acesso em: <<http://expresso.sapo.pt/actualidade/o-novo-museu-sera-um-amplu-logradouro-publico=f501534>>.

95 ROCHA, Paulo Mendes da Rocha, Museu dos Coches, MMBB. Último acesso em: <<http://www.mmbb.com.br/projects/details/66/4>>.

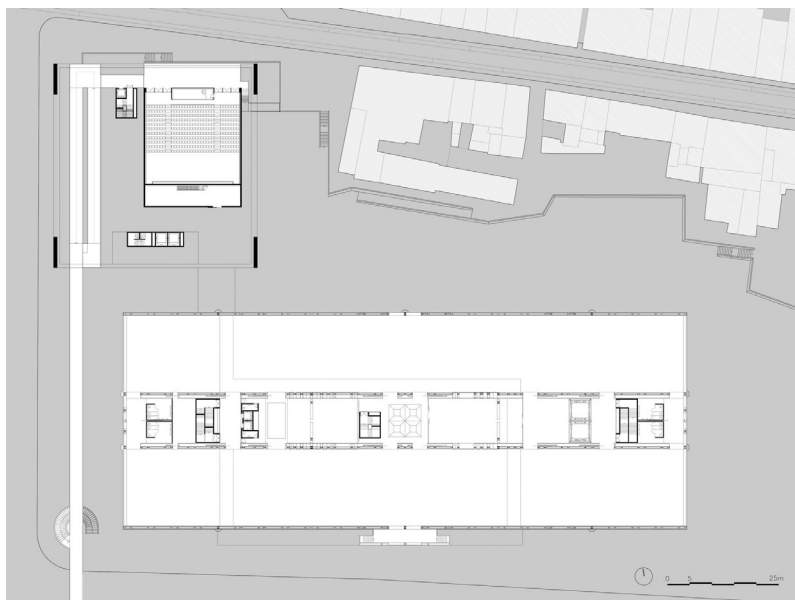


023. Vista exterior do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha, relação interior-exterior (foto de Fernando Guerra).
024. Relação dos edifícios com a praça, projeto do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha (foto de Fernando Guerra).
025. Pormenor do interior do volume suspenso, projeto do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha (foto de Fernando Guerra).
026. Pormenor do interior do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha (foto de Fernando Guerra).
027. Pormenor do interior Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha, iluminação zenital (foto de Fernando Guerra).
028. Vista aérea do conjunto, projeto do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha (foto de Fernando Guerra).

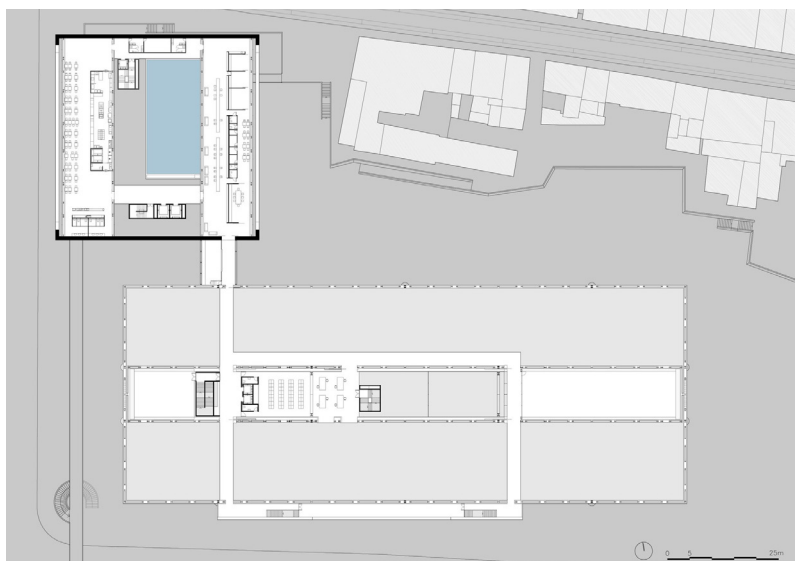
029. Planta do piso térreo do projeto do Museu dos Coches (desenho de Paulo Mendes da Rocha).

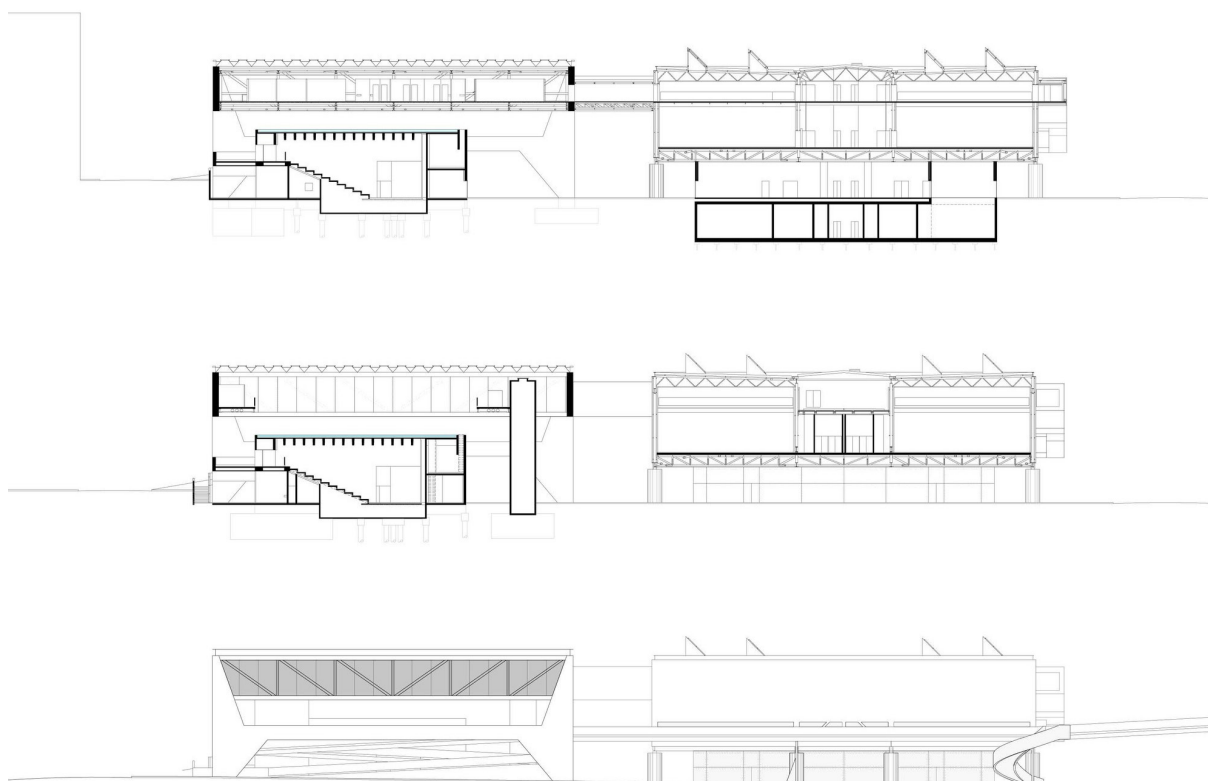
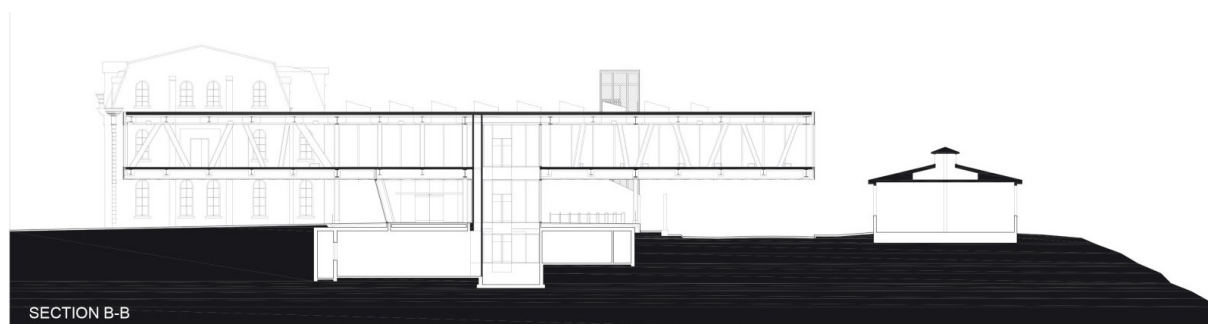


030. Planta do primeiro piso do projeto do Museu dos Coches (desenho de Paulo Mendes da Rocha).



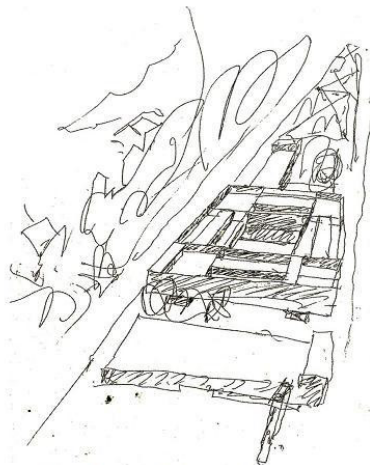
031. Planta do segundo piso do projeto do Museu dos Coches (desenho de Paulo Mendes da Rocha).





0 4 20m

3.2. Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, 2008 | Arq. Álvaro Siza Vieira



033. Esquízo para a implantação do edifício da Biblioteca de Viana do Castelo (desenho de Siza Vieira).

034. Interior da Biblioteca de Viana do Castelo de Siza Vieira (foto de Fernando Guerra).

A Biblioteca Municipal, de Álvaro Siza, resulta, também, de uma requalificação urbana, desta vez na zona ribeirinha de Viana do Castelo, zona que antigamente se encontrava degradada, apenas com a existência de armazéns e parques de estacionamento. Esta obra, dedicada à cultura, enquadra-se na frente ribeirinha e no centro histórico da cidade, numa praça central desenhada por Fernando Távora⁹⁶.

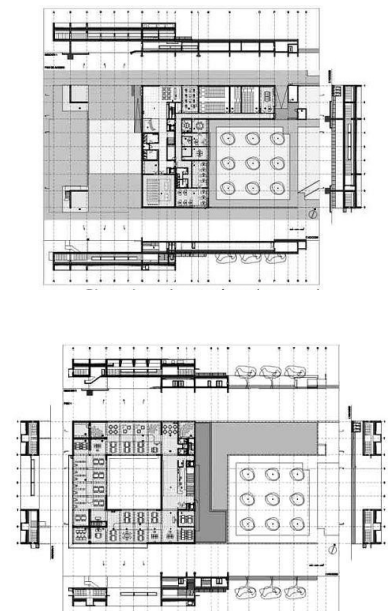
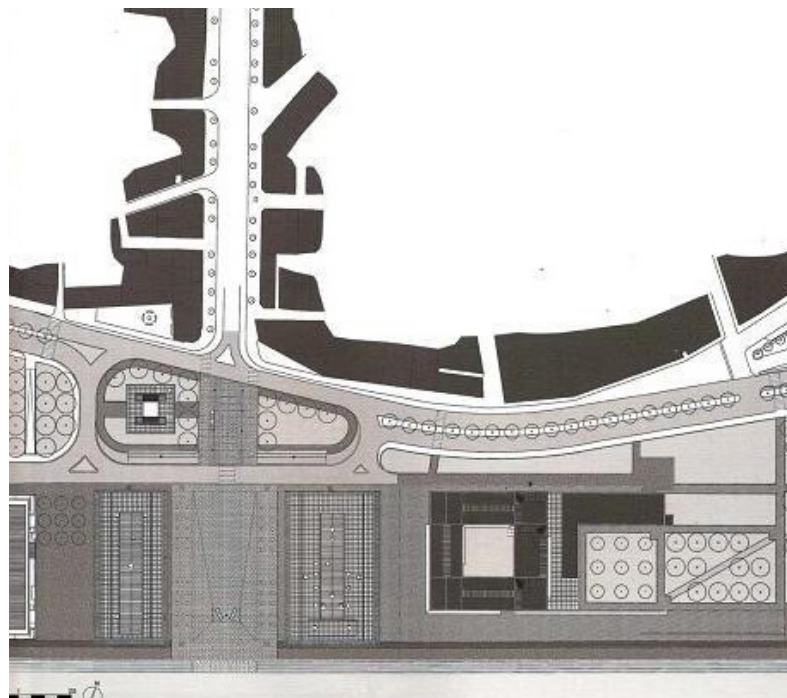
O edificado da biblioteca é construído em betão branco que recobre uma enorme estrutura metálica treliçada, comportando dois pisos definidos por uma forma quadrangular que, ao nível do piso térreo, se eleva do chão e forma um vazio no centro. Este volume é seguido por um prolongamento em forma de L no primeiro piso, que assenta em parte do piso térreo e em dois pilares⁹⁷. Com isto, permite-se que haja uma grande abertura espacial, que se traduz numa ligação visual entre o rio e a cidade. Esta solução é descrita pelo arquiteto, na memória descritiva, como a *“Visibilidade sobre o Rio numa grande extensão do edifício, por elevação da sua maior superfície, com apoios nos dois extremos poente e nascente, respetivamente por dois pilares de planta em “L” e pela área construída em rés-do-chão”*⁹⁸. A disposição espacial do primeiro piso faz-se em torno do vazio central exterior⁹⁹, definindo-se este espaço como espaço de leitura que tem a figura do átrio como elemento que o define. As fachadas deste edifício são rasgadas com grandes vãos de iluminação horizontais a norte, que se prolongam até à fachada nascente, garantido que as zonas de leitura tenham luz natural. Os acessos exteriores à biblioteca fazem-se através de um pavimento pétreo que liga o edifício ao restante conjunto construído a poente. O programa conta ainda com serviços técnicos, gabinetes de trabalho e de consulta de especialidade, áreas de depósito e de atendimento.

96 Recorte do Jornal Expresso Imobiliário, Edição de 20 de outubro de 2007.

97 SIZA VIEIRA, Álvaro, BMVC, Biblioteca Municipal de Viana do Castelo,. Último acesso em: <<http://www.biblioteca.cm-viana-castelo.pt/>>, acesso em: 7 set. 2017.

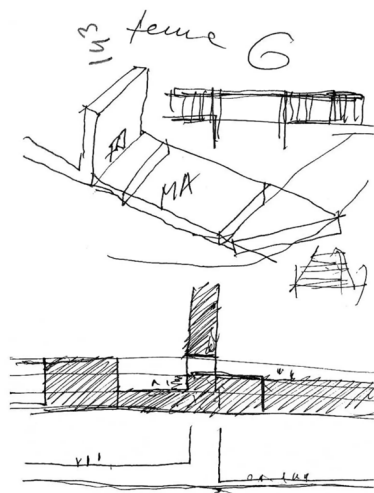
98 Biblioteca Municipal de Viana do Castelo. Projecto de Execução: Arquitectura 26 de Setembro de 2002 p.2. Ver imagem 77 em Apêndice Documental, in RODRIGUES TAVARES, Alexandre, Arquitectura Contemporânea em Viana do Castelo, Projetos de Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura na frente ribeirinha, 2o Ciclo de Estudo em História da Arte Portuguesa, Faculdade de Letras - Universidade do Porto, Porto, 2014.

99 Ibid., p. 96.



035. Vista exterior da Biblioteca de Viana do Castelo de Siza Vieira, em diversas perspetivas (fotos de Fernando Guerra).
036. Implantação do edifício da Biblioteca de Viana do Castelo (desenho de Siza Vieira).
037. Cima - planta do piso térreo; Baixo - planta do primeiro piso do projeto da Biblioteca de Viana do Castelo (desenhos de Siza Vieira).

3.3. Museu da Memória de Andaluzia, 2008 | Arq. Alberto Campo Baeza



038. Esquízo do projeto do Museu da Memória (desenho de Alberto Campo Baeza).

O Museu da Memória, de Alberto Campo Baeza, alberga toda a evolução histórica de Andaluzia. O novo edifício, silencioso na sua forma, é forte nos seus elementos de transmissão de uma mensagem que se quer fazer ouvir na sua voz e que, com a sua imagem, chega com uma força tão grande que *“eu, sonhei que, no futuro, o nosso novo edifício, como portal da cultura Andaluz, poderia lançar aos quatro ventos universais as imagens da memória de Andalucía. Ontem, hoje e amanhã”*¹⁰⁰.

Este projeto é feito de modo a dar uma continuidade urbana ao edifício central Casa Granada, sendo executado através de uma espécie de pódio com 60 metros de largura por 120 de comprimento como estrutura principal massiva, que sobe três andares para coincidir em cota com o pódio do edifício bancário. Do conjunto, eleva-se, ainda, uma peça vertical que marca a “porta da cidade” e se alinha à cota máxima da Casa Granada. Da estrada, é possível observar esta peça vertical que funciona como um edifício ecrã, que se cobre de mensagens num grande plasma, tal como acontece em Piccadilly Circus, Londres, ou mesmo em Times Square, Nova Iorque.

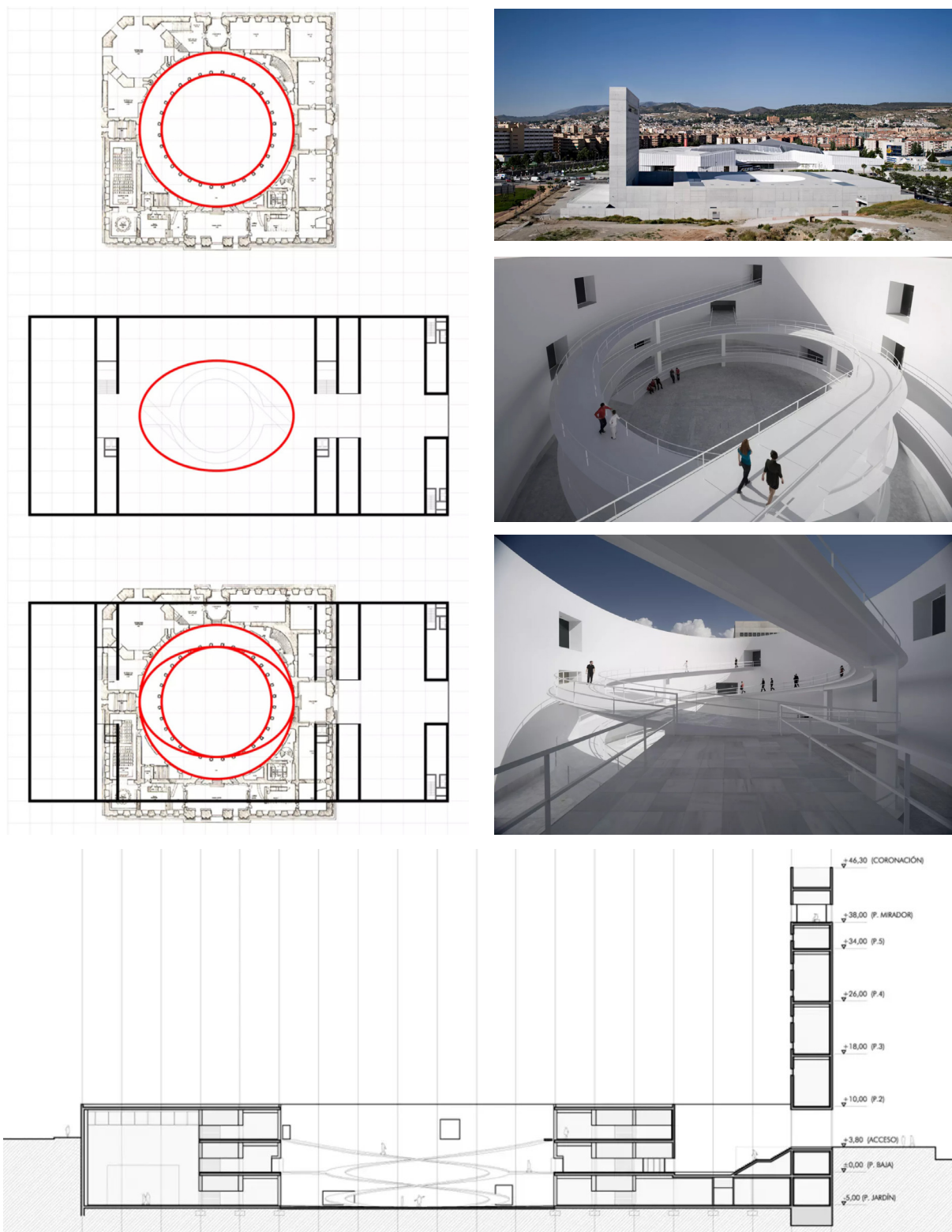
O edifício do museu desenvolve-se, assim, a partir de um pátio central, numa forma elíptica de onde nascem rampas circulares que se ligam aos três andares, de modo a criar tensões de espaço interessantes. As dimensões desta forma elíptica inspiram-se no pátio do palácio Charles V e Alhambra. Finalizando o conjunto, uma grande plataforma horizontal estende-se até ao rio, servindo como espaço público deste novo quarteirão da cidade de Granada¹⁰¹.

Ao nível da distribuição espacial e funcional, o edifício corresponde a uma síntese entre um edifício pátio e um eixo longitudinal que o percorre na direção noroeste-sudoeste. A sequência espacial segue-se desde uma ampla plataforma no extremo noroeste, à qual se acede através de uma porta monumental aberta no edifício ecrã; descendo por uma escada, encontra-se o pátio de entrada por onde se acede ao museu¹⁰².

100 BAEZA, Alberto Campo, El MA: Museo de la Memoria de Andalucía. Último acesso em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-39273/el-ma-museo-de-la-memoria-de-andalucia-alberto-campo-baeza>>.

101 BAEZA, Alberto Campo, 2010 ANDALUCIA'S MUSEUM OF MEMORY. Último acesso em: <<http://www.campobaeza.com/andalucias-museum-memory/>>.

102 Ibid.



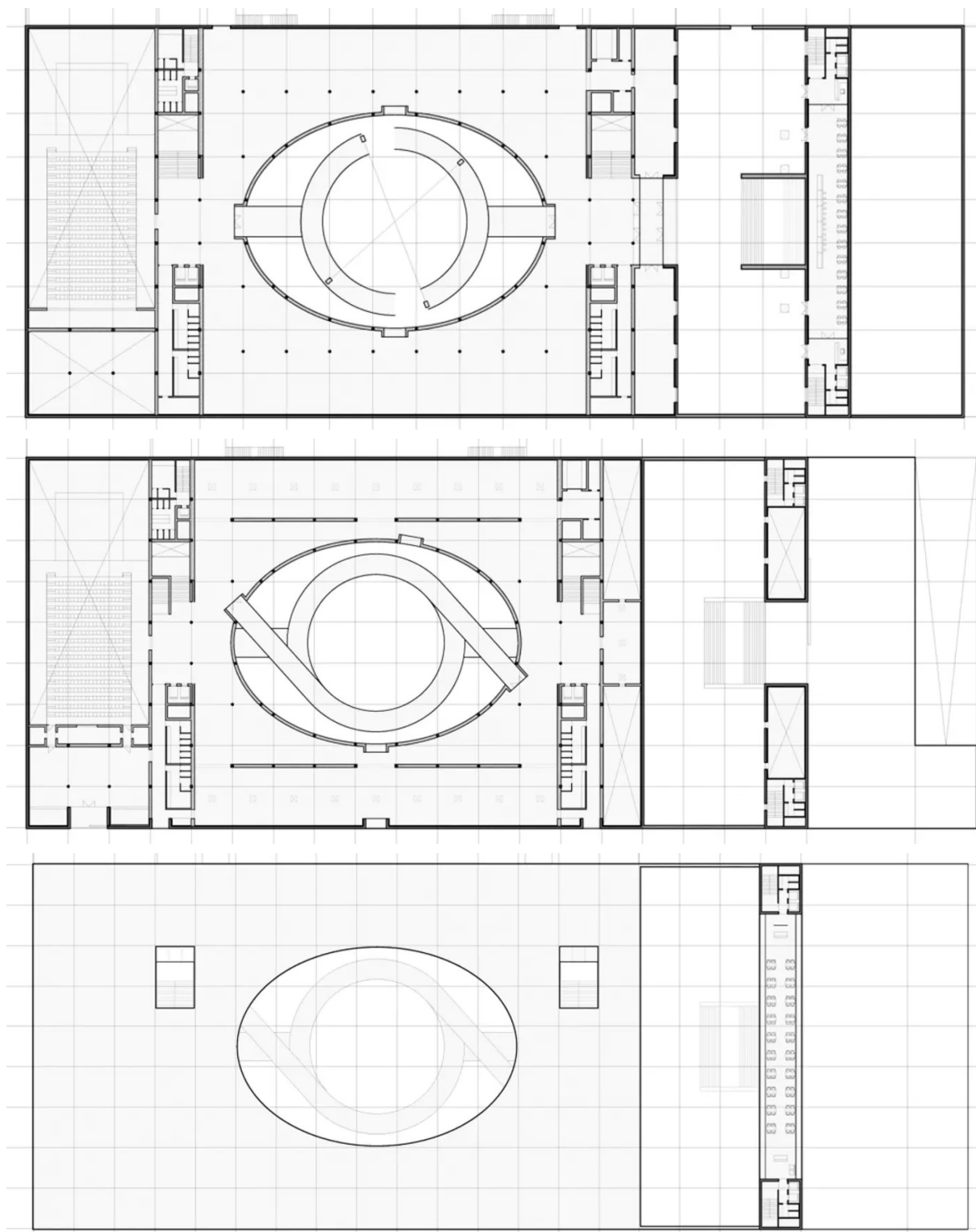
039. Dimensões elípticas inspiradas no pátio do palácio Charles V e Alhambra, no projeto do Museu da Memória (desenhos de Alberto Campo Baeza).

040. Vista geral do edifício do Museu da Memória de Alberto Campo Baeza (foto de Javier Callejas Savilla).

041. Vista aérea do pátio interior do Museu da Memória de Alberto Campo Baeza (foto de Javier Callejas Savilla).

042. Vista no pátio interior do Museu da Memória de Alberto Campo Baeza (foto de Javier Callejas Savilla).

043. Corte do projeto do Museu da Memória (desenho de Alberto Campo Baeza).

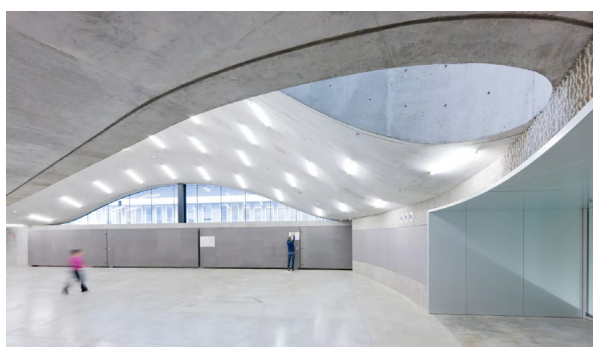
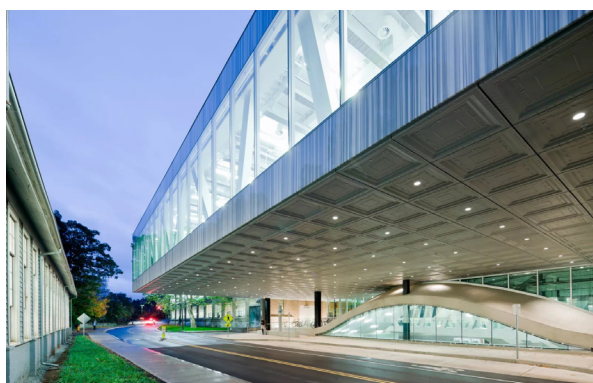


044. Planta do piso térreo, com pormenor dos acessos, do projeto do Museu da Memória (desenho de Alberto Campo Baeza).
045. Planta do primeiro piso, do projeto do Museu da Memória (desenho de Alberto Campo Baeza).
046. Planta do segundo piso, miradouro, do projeto do Museu da Memória (desenho de Alberto Campo Baeza).

3.4. Milstein Hall, 2016 | OMA - Office of Metropolitan Architecture

Após 100 anos de existência, a Faculdade de Arquitetura, Arte e Planeamento (AAP), da Universidade de Cornell nos Estados Unidos, ganha um novo edifício, o Milstein Hall¹⁰³. A sua construção redefine a entrada Norte do campus universitário, através da sua larga estrutura horizontal que se eleva do chão, ligando-se ao segundo nível dos edifícios adjacentes. Pretendia-se, com isto, libertar o espaço, de modo a criar espaços públicos, como praças, e ganhar novos meios de comunicação entre os quatro edifícios que constituem a AAP. O novo edifício difere dos restantes no seu tipo de arquitetura, mas assemelha-se na sua tipologia, que se organiza de forma linear em corredores labirínticos que distribuem um conjunto de várias salas fechadas.

Se, por um lado, o Milstein Hall foi criado para unir os edifícios

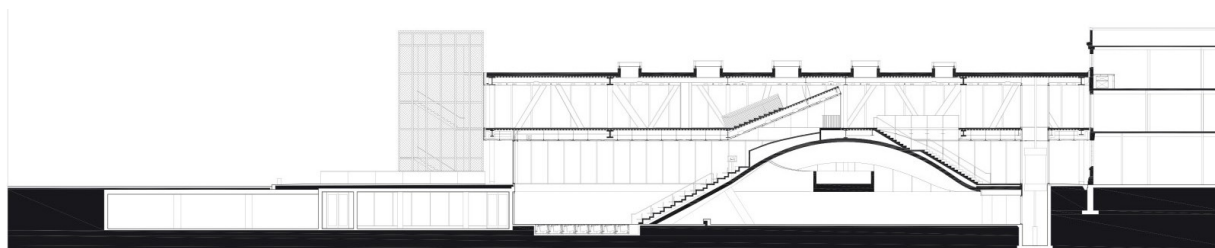
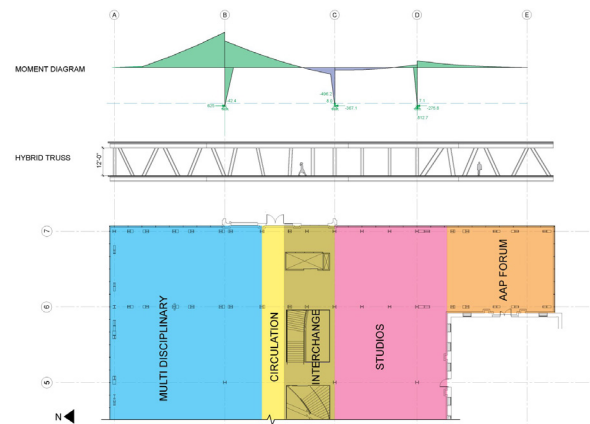


047. Vista exterior do edifício Milstein Hall por OMA (fotos de Iwan Baan.)

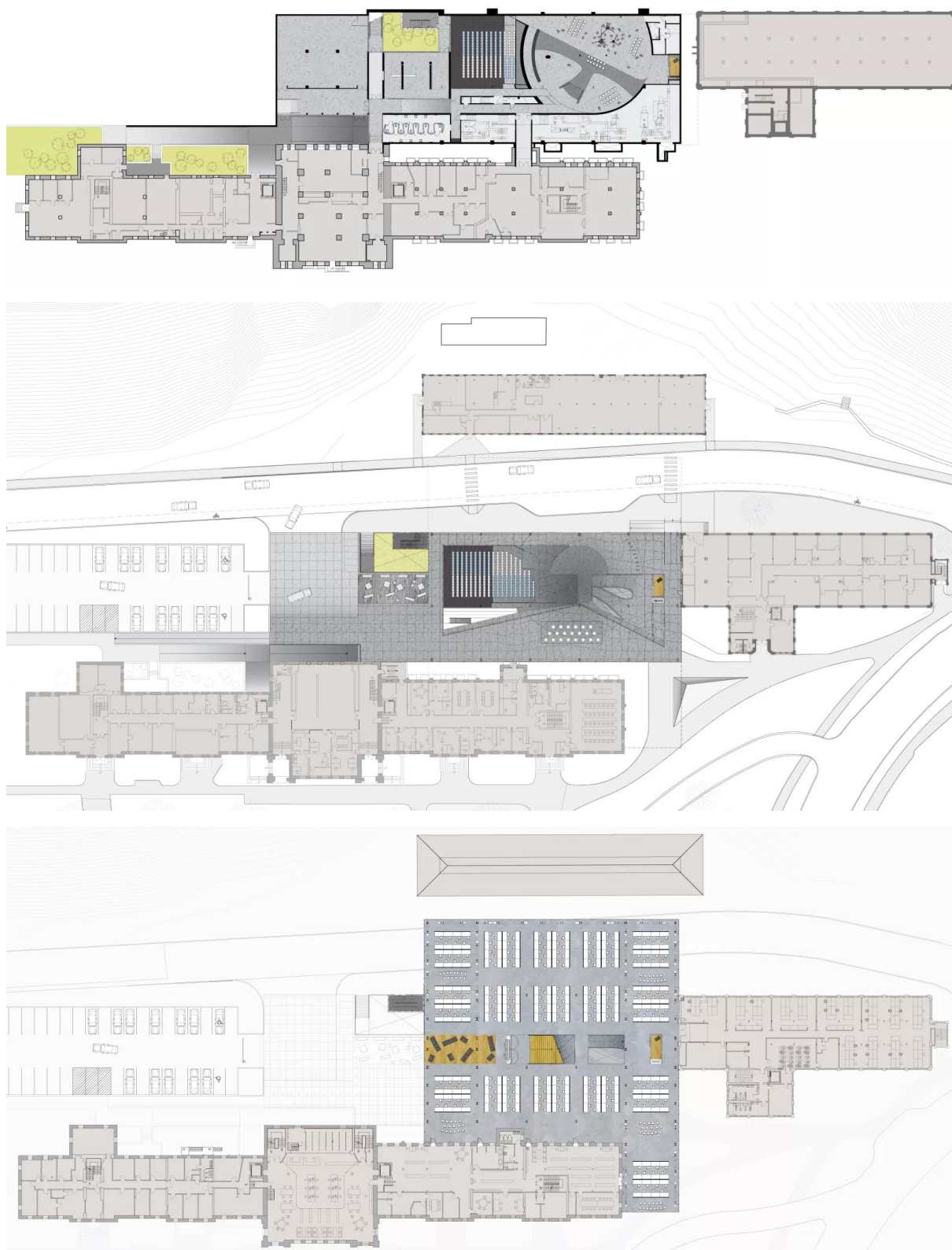
048. Vista interior do edifício Milstein Hall por OMA (fotos de Iwan Baan.).

103 Último acesso em: < <http://oma.eu/projects/milstein-hall-cornell-university> >.

existentes, formando um único complexo interconectado tanto pelo exterior como pelo interior, por outro lado ele funciona também como um acrescento ao AAP, tendo como funções programáticas mais estúdios, espaços para galerias, espaços de crítica, um auditório com capacidade para 253 pessoas, uma biblioteca de artes e uma zona enterrada que comporta a sala dos computadores e salas de reuniões. Ao contrário do que acontecia com os edifícios adjacentes, este é um espaço aberto que estimula a interação de programas distintos e permite uma flexibilidade ao longo do tempo. A iluminação deste espaço, através de luz natural do teto ao chão e por uma grade de clarabóias na cobertura verde, contribui também para a utilização do mesmo em diversas atividades.



- 049. Planta de localização do Milstein Hall (desenho de OMA).
- 050. Esquema de organização funcional e espacial do Milstein Hall (desenhos de OMA).
- 051. Corte do projeto Milstein Hall (desenho de OMA).



052. Planta do piso enterrado, do projeto Milstein Hall (desenho de OMA).

053. Planta do piso térreo, do projeto Milstein Hall (desenho de OMA).

054. Planta do primeiro piso, do projeto Milstein Hall (desenho de OMA).

4 | O LUGAR

4.1. Lisboa e a Cerca Fernandina

4.1.1. A Origem da Cerca

“O sítio, protegido do oceano mas a ele ligado por águas tranquilas, com montes e vales férteis sob clima ameno, naturalmente atraiu populações que sucessivamente invadiram e ocuparam o território extremo da península da «Hispania».”¹⁰⁵



055. Vista de Lisboa nos fins do século XVI (foto de Augusto Vieira da Silva, 1987).

Lisboa sempre foi alvo de cobiça por vários povos, o que levou a diversas ocupações e, conseqüentemente, a várias mudanças a nível morfológico devido às ideologias e valores culturais dos aglomerados urbanos que iam povoando o sítio. Muitos e diversos foram os movimentos de ocupação da cidade que, apesar de interessantes, não são objeto deste estudo. Privilegiam-se, na presente investigação, as fases que determinaram a forma urbana e, muito em particular, as fases que justificaram a construção da Cerca Fernandina e a evolução do espaço do Largo do Martim Moniz.

A história deste Largo encontra a sua génese na Idade Média. Em 719, depois da tomada de Olisipone¹⁰⁶ pelos Mouros aos romanos, na atual colina de S. Jorge, encontrava-se a cerca velha ou cerca moura sitiada pelos mouros. O cruzado Obserno (depois de 1147), descreve-a como: “(...) na crista do monte redondo erguia-se a fortaleza de onde, pela direita e pela esquerda,

105 AUGUSTO FRANÇA, José, Lisboa: Urbanismo e Arquitetura, 1.a. Lisboa: Biblioteca Breve, 1980, p. 6.

106 Segundo a lenda, diz-se que foi Ulisses a nomear Ulissypo, que mais tarde se vem a estabelecer Olissipo e Olisipone, Lisboa dos Romanos no II séc.A.C.

*desciam dois braços de muralha, gradualmente, pelo declive do morro até à orla do Tejo, e ao longo desta orla outro muro as reunia*¹⁰⁷.

Maistarde, e já depois de outras ocupações cristãs, o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, tomou a cidade a 25 de outubro de 1147¹⁰⁸. Foram quatro meses de cerco à cidade com a ajuda de flamengos, coloneses e ingleses que participaram nesta reconquista. Lixbuna¹⁰⁹, a cidade reconquistada, “(...) *delimitava-se pelas muralhas antigas, entre o castelo e o rio, numa área de 15 hectares e meio, com as suas sete freguesias. Outras, extramuros, iriam em breve cobrir os dois arrabaldes, a nascente (Alfama) e a poente (Baixa), num total de quatro mais cinco*”¹¹⁰. Na posse dos cristãos, foram-se então criando zonas urbanizadas pela banda de fora da planta da cidade moura: no lado ocidental foi erguido o arrabalde conhecido como “A Baixa”, com prolongamentos para o Monte de Sant’Ana para o norte, e para os Montes de S. Roque e de S. Francisco para poente; e no lado oriental formava-se o Bairro de Alfama, com ramificações para o Monte da Graça para o norte, e para Sta. Clara para nascente¹¹¹. A cidade, mais densificada, encena um processo de expansão, ultrapassando o limite da Cerca Moura e apropriando-se das áreas à sua volta.



056. Conquista aos Mouros, em Quadros da História de Portugal (pintura de Alfredo Roque Gameiro, 1917).

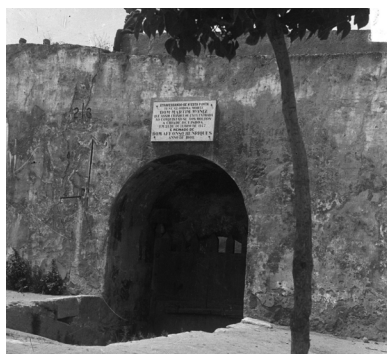
107 AUGUSTO FRANÇA, José, Lisboa: Urbanismo e Arquitetura, 1.a. Lisboa: Biblioteca Breve, 1980, p. 10.

108 Conta a lenda que Martim Moniz ter-se-à atravessado numa das portas da cidade de Lisboa e, com a ajuda de um machado, permitiu aos companheiros a entrada no castelo na reconquista cristã da cidade, morrendo trespassado pelas lanças mouriscas.

109 Os Mouros invasores da Península tomaram Olisipone vindo a deturpar-lhe o nome em Achbuna, ou Lixbuna.

110 AUGUSTO FRANÇA, José, Lisboa: Urbanismo e Arquitetura, 1.a. Lisboa: Biblioteca Breve, 1980, p. 11.

111 SILVA, Augusto Vieira da, A Cerca Fernandina de Lisboa, Lisboa: Dispersos-Biblioteca de estudos Olissiponenses, 1954.



057. Castelo de S. Jorge, lado interior da porta de Martim Moniz (foto de José Artur Leitão Bárcia, tirada entre 1890-1945), com a seguinte inscrição: “Atravessando-se n’esta porta teve gloriosa morte DOM MARTIM MONIZ que assim erankeou esta entrada ao conquistar-se aos mouros a cidade de Lisboa em 21 de outubro de 1147 e reinado de DOM AFONSO HENRIQUES ANNO DE 1908”.

058. Lápide com inscrição comemorativa da construção da cerca fernandina, Letras Monacais Alemãs (foto de Augusto Vieira da Silva, 1950).

Quando em 1373, o exército do Rei Henrique de Castela invadiu a antiga cidade mourisca, – cidade esta cercada de muralhas mouras ou visigóticas que até então envolviam o povoado da cidade, mas que, segundo Vieira da Silva, nos finais do 3º quartel do século XIV revelavam-se inúteis e insuficientes para a proteção dos bairros habitados e comerciais que se haviam formado dum e doutro lado da cerca – o Rei D. Fernando decide mandar construir uma nova cinta de muralhas, como era hábito na Idade Média, para albergar um maior número de pessoas. Esta – a Cerca Fernandina, conhecida também por Cerca Nova ou Cerca de D. Fernando, em homenagem ao nome do rei que a mandou construir – construída com o propósito de defender a capital do reino de uma nova e possível invasão do exército castelhano. Logo em 1384, a Cerca cumpriu as suas funções ao facilitar a defesa da independência de Portugal, por D. João I, aquando da invasão do exército Castelhana.

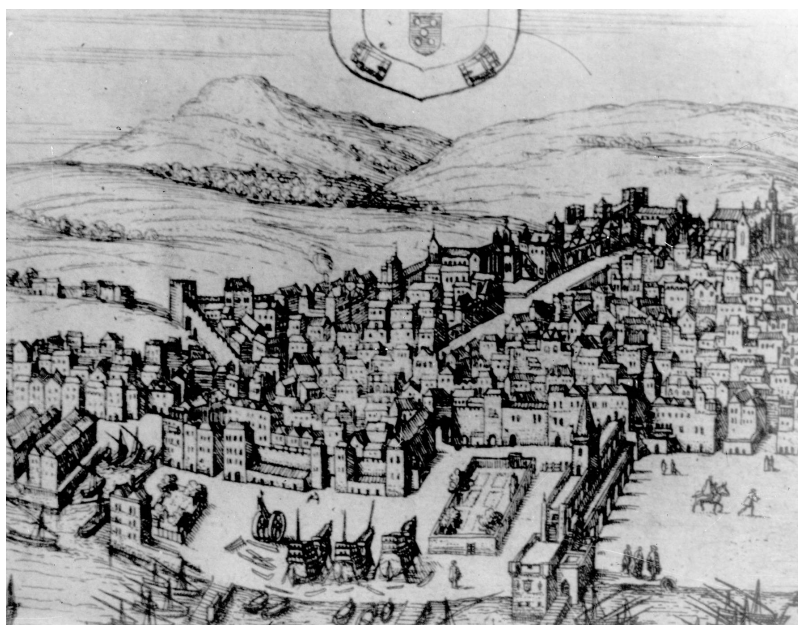
Os trabalhos executados para a edificação da Cerca foram coordenados por Gomes Martins, corregedor da cidade de Lisboa, sendo o João Anes de Almada o inspetor dos trabalhos. A parte da responsabilidade técnica foi da autoria dos Mestres João Fernandes e Vasco Brás. As novas técnicas construtivas permitiram que a sua construção fosse efetuada num curto espaço de tempo, “(...) o rei D. Fernando fez construir uma nova muralha que envolvesse a realidade do povoamento, que contaria então cerca de 65 mil pessoas nesta nova área de 101 hectares (seis vezes a anterior) definida em duas partes, a nascente e a poente da cerca velha. Rapidamente construída, ante ameaças de guerra com Castela, em dois anos estavam de pé os 5400 metros de muralha e as suas 77 torres, graças ao esforço da população directamente interessada (...)”¹¹².

Em 1650, no entanto, reconhece-se a inutilidade das muralhas/cercas e o Senado declara o fim da missão defensiva da Cerca. À data, entendia-se que a defesa e segurança dependia mais do armamento e preparação do exército do que das fortificações. As múltiplas muralhas, apanágio da nossa história, são assim vetadas ao esquecimento ou erguidas a monumentos históricos. No caso da Cerca Fernandina, a ausência de intervenções de recuperação e as funções de centro urbano que a circundam, vetaram este espaço ao esquecimento na memória da cidade.

112 AUGUSTO FRANÇA, José, Lisboa: Urbanismo e Arquitetura, 1.a. Lisboa: Biblioteca Breve, 1980, p. 12.

4.1.2. O Traçado da Cerca na Cidade

Observando a cidade atualmente, é fácil perceber que a cerca vai emergindo entre edifícios que a seu tempo vão ofuscando um espaço histórico, “(...) os edifícios são implantados contra as muralhas, ou mesmo demolindo as muralhas”¹¹³. Aproveitava-se o muro para as novas construções, ou destruía-se o muro e apenas eram aproveitadas as fundações, ou destruía-se o muro por completo e construía-se sem respeitar a memória do seu traçado. Outras razões, como a decomposição natural da cerca e o terramoto de 1755, contribuíram também para a degradação desta cerca.



059. Lisboa antes do terramoto de 1755, vendo-se uma parte da Cerca Fernandina junto ao Palácio dos Duques de Bragança (quadro de George Braunio, 1572).

Apesar da Cerca Fernandina ser já classificada como Monumento Nacional em conjunto com o Castelo de S. Jorge, pelo Decreto-lei de 16 de junho de 1910 Publicado no Diário do Governo, n.º 136, o seu nível de degradação foi tal que apenas é possível assinalar alguns pontos de interrupção do limite da cerca. Estes pontos correspondem principalmente às torres e a antigas portas de entrada ou saída da cidade que se estabelecem em função de caminhos pré-existentes, como é o caso do Largo do Martim Moniz onde se situava a porta da Mouraria, e que se mantiveram quase inalterados até hoje.

Ainda assim, o olissipógrafo Augusto Vieira da Silva tenta reunir, no seu trabalho apresentado em 1949, as informações

113 COUTO, Dejanirah, *História de Lisboa*, Lisboa: Gótica, 2000, p. 129.



Séc. XIV



Séc. XVII



Séc. XXI

060. Esquema evolutivo da cidade de Lisboa, tendo em conta os limites da Cerca Fernandina, Cerca Moura e Muralha de D. Dinis (ilustração da autora).

mais relevantes sobre a construção da Cerca Fernandina¹¹⁴. Segundo o autor, o traçado da Cerca começava pelo lanço ocidental, a partir do Castelo de S. Jorge; daí, descia o vale da Mouraria, atravessando o atual Largo do Martim Moniz, e subia a encosta do Monte de Sant'Ana até ao cruzamento da calçada Rua Martim Vaz; descia, novamente, até ao vale da Avenida, onde atravessava a travessa do Forno e a Praça de D. João da Câmara, e daqui subia até ao atual Largo de S. Roque; voltava a descer em direção ao Tejo, passando pelo Largo do Chiado, de onde seguia para nascente, até ao sopé da atual Travessa do Cotovelo; aqui, seguia pela marginal, ao longo da margem do Tejo, até se inserir nas muralhas da Cerca Moura, que se encontravam um pouco a nascente do atual Arco Escuro. Este lanço continha uma área de cerca de 61,27 ha². Já o lanço oriental, que começava igualmente no Castelo de S. Jorge, descia pela encosta do Monte do Castelo até ao local onde existiu o Arco de Stº. André; subia o Monte da Graça e descia pela vertente oriental deste em direção ao Tejo, até ao Largo do Museu de Artilharia; a partir deste largo, a Cerca voltava para poente, ao longo da Ribeira do Tejo, até se ligar à Torre de Alfama da Cerca Moura de Lisboa.

4.1.3. A Composição da Cerca

Neste subcapítulo é realizada uma análise da composição da Cerca Fernandina, no sentido de contextualizar e identificar elementos relevantes para a elaboração da proposta final de projeto.

Os Materiais

Estas novas muralhas "(...) eram de alvenaria, umas inteiramente maciças, e outras formadas por dois muros paralelos de alvenaria, com cerca de 0,5m de espessura, cujo intervalo era preenchido com taipa muito calcada"¹¹⁵.

A construção da muralha ocorreu tendo por base um assentamento composto por uma espessa camada de argamassa de coloração amarela clara, onde pontuavam pedras não emparelhadas com ligante de cor também amarela que as unia à argamassa, formando um pavimento de constituição coesa e uniforme. Um reboco, de 4.5 cm de espessura máxima e de coloração branca cobria toda a taipa, que era usada como sistema construtivo. A cantaria era usada nas torres e nos cubelos, na sua

114 SILVA, Augusto Vieira da, A Cerca Fernandina de Lisboa, Lisboa: Dispersos-Biblioteca de estudos Olissiponenses, 1954.

115 Ibid., p. 18.

parte inferior, assim como os cunhais em toda a sua altura, grande parte desta matéria-prima tem origem local.

Muros

De altura variável, cerca de 8 m e uma espessura de 8 ou 10 palmos (1,75 ou 2,20 m) de craveira, dependendo da maior ou menor vulnerabilidade que se atribuía aos locais. Atualmente encontram-se ainda outras espessuras para além das referidas, oriundas das sucessivas reconstruções dos muros ocorridas após as demolições.

Na parte superior dos muros, o adarve, andaime, passagem ou serventia era guarnecido de ameias do lado exterior da cidade, agora já praticamente extintas e sem qualquer vestígio. Este adarve era acessível por meio de escadas de pedra que eram encostadas aos muros ou perpendiculares à direção deles.

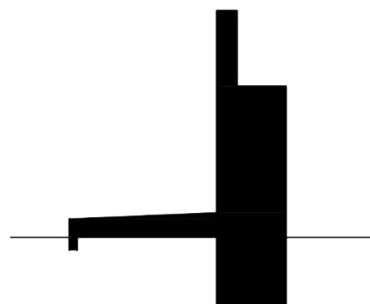
Barbacã

Em grande parte da sua extensão existia uma barbacã ou faixa de terreno contígua às muralhas; era delimitada por um muro mais baixo ou paliçada pela banda de fora da cidade e em alguns sítios era munida de portas. A medida da sua largura, apesar de variável, era regulada por 5,5 varas (6 m).

Torres e Cubelos

As torres ficavam geralmente situadas nos vértices dos salientes da cerca ou em pontos que podiam servir de atalaias, servindo de construções defensivas e de flanqueamento de muros. A sua dimensão era maior que a dos muros tanto em altura (15 m) como em espessura (8 m x 8 m). Já os cubelos ficavam-se pela altura da muralha e tinham uma espessura que, apesar de poder variar, se regulava por 5 m x 5 m. Estes eram geralmente maciços, tais como as maiores torres, sendo que algumas eram ocas.

O trabalho de Vieira da Silva identifica 76 torres e/ou cubelos, compreendendo as da frente norte do Castelo de S. Jorge, as da cerca velha ou moura ao longo da Ribeira e incluindo ainda as que se presumem terem existido em 1377 em toda a periferia da cidade.



061. Corte esquemático da Cerca Fernandina (ilustração da autora).

Portas e Postigos

Estes eram os nomes dados para designar as aberturas ou vãos de serventia abertos nas muralhas da cerca. As portas eram as serventias mais importantes, altamente fortificadas, enquanto que os postigos eram mais simples, constituídos por portas de madeira.

4.2. O Largo do Martim Moniz

4.2.1. A História do Largo



1856



1904



Atual

062. Esquema evolutivo do Largo do Martim Moniz (ilustração da autora).

O Largo do Martim Moniz é atualmente uma centralidade da cidade de Lisboa. A zona foi edificada vagarosamente, permitindo a expansão do confinado território da Mouraria – designação que foi encontrada para identificar o gueto destinado aos mouros após a reconquista cristã de Lisboa em 1147. Este gueto, que confinava com freguesias cristãs, foi isento de jurisdição eclesiástica¹¹⁶; isenção esta que marcou o desenho do bairro, traçado por uma morfologia próxima do conceito de labirinto já que se encontrava repleto de ruas estreitas, entre as quais se erguia uma mesquita.

Em 1373-75 surge a primeira grande reestruturação deste bairro, com a construção da Cerca Fernandina a atravessar toda a Mouraria. A construção da Cerca, no entanto, não dissuadiu os muçulmanos de permanecerem nesta zona, passando ela a assumir uma função comercial que junta cristãos e muçulmanos. Nos finais do século XV, durante o reinado de D. Manuel I, surge uma nova tentativa de irradiação dos mouros nesta zona ao ser adjudicada uma ordem de expulsão. Muitos abandonaram a zona, mas a permanência muçulmana continuava a fazer-se notar, obrigando ao convívio com a nova classe social – a aristocracia cristã; convívio este que marca a evolução da Mouraria. A nova consciência urbanística e arquitetónica, onde ostentação e nobilitação são referentes da significação em toda a cidade¹¹⁷, fez erguer palácios e conventos no local durante o século XVII.

Cada vez mais densa, e dentro do seu desenho labiríntico, esta zona convidava a práticas marginais que, juntamente com os problemas de higiene, – devidos à instalação intensa de migrantes provenientes de zonas rurais em situações de pobreza extrema – conflituavam com a modernidade que os urbanistas e arquitetos

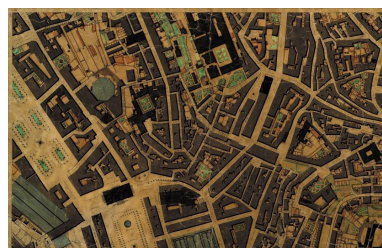
116 SILVA, Augusto Vieira da, A Cerca Fernandina de Lisboa, Lisboa: Dispersos-Biblioteca de estudos Olissiponenses, 1954.

117 FRANÇA, José-Augusto, Lisboa: Urbanismo e Arquitectura, Lisboa: Livros Horizonte, 1997.

do século XIX pretendiam aportar ao tecido urbano¹¹⁸. Mais, as condições vividas na zona e a má fama daí proveniente levavam ao afastamento de turistas e visitantes do centro da cidade. Segundo José Lamas, a solução passava por estender a cidade, por construir anéis viários e por valorizar avenidas e espaços abertos, bem como monumentos.

O primeiro plano de requalificação da zona surge, então, com Miguel Pais em 1883. O seu plano fundamentava-se na requalificação dos planos viários, com o objetivo de assegurar a acessibilidade e a circulação. No decorrer desta operação surge a grande avenida que liga os Anjos ao Desterro, Av. Almirante Reis¹¹⁹, uma das mais importantes artérias de acesso ao centro da cidade de Lisboa. Novas estruturas sociais determinavam o traçado desta avenida que foi construída ao mesmo tempo que as Avenidas Novas, ainda que para classes sociais diferentes. A estratificação social que a morfologia destes espaços sugeria foi reforçada durante o Estado Novo em 1938.

Mais tarde, João Faria da Costa projeta renovações na baixa de Lisboa, entre as quais a demolição e a circulação viária eram recorrentes. Ele propõe uma grande praça retangular, desenhando uma nova estrutura que não se integrava com a envolvente e cuja função deveria ser de epicentro de circulação. Assim, é demolido o palácio do Marquês do Alegrete em 1946 e aberto o espaço que



118 LAMAS, José Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Junta Nacional de Investigação Científica, 1994.

119 FRANÇA, José-Augusto, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, Lisboa: Livros Horizonte, 1997.

063. Cartografia histórica da cidade de Lisboa (ilustração de Filipe Folque, 1856).

064. Cartografia histórica da cidade de Lisboa (ilustração de Silva Pinto, 1904).

065. Rua da Mouraria e Largo do Martim Moniz por volta de 1940 (foto de autor desconhecido).

viria a ser o Largo do Martim Moniz¹²⁰. Outras demolições que marcaram a zona foram a da Igreja do Socorro, do Teatro Apolo e do Arco do Marquês de Alegrete, bem como de toda uma parte residencial do bairro. Nestas demolições apenas se poupou o bairro da Mouraria e a Capela de Nossa Senhora da Saúde.

Outros planos foram surgindo ao longo das décadas de 60 e 70, todos eles com avanços e retrocessos, sempre em contexto de grande controvérsia e sempre com a circulação viária e a função de epicentro do Largo como prioridades. As implementações dos múltiplos planos pressupuseram várias demolições que foram sendo realizadas durante o século XX, eliminando vestígios identitários desta zona da cidade, como corolário da perspetiva modernista que se pretendeu incutir-lhe. Como vestígios históricos e culturais nesta zona, resta o Hotel Mundial (construído em 1958) e as histórias dum passado popular duma população multiétnica que persiste em coabitar este espaço.



066. Obras de demolição para a abertura da praça do Martim Moniz (foto de Eduardo Portugal, 1947).

120 SILVA, Augusto Vieira da, *A Cerca Fernandina de Lisboa*, Lisboa: Dispersos-Biblioteca de estudos Olissiponenses, 1954.



067. Largo do Martim Moniz em 1952 (foto de autor desconhecido).



068. Praça do Martim Moniz e Arco do Marquês de Alegrete (foto de Judah Benoliel, anos 50).



069. Fachada principal da Ermida de Nossa Senhora da Saúde (foto de Judah Benoliel, anos 50).



070. Antiga Rua do Martim Moniz e ao fundo as Escadinhas da Saúde, antes das demolições (foto de Judah Benoliel, anos 50).



071. Rua da Palma e Praça do Martim Moniz, depois das demolições (foto de Judah Benoliel, anos 50).



072. Vista aérea da Rua da Palma e do Martim Moniz, depois das demolições (foto de Judah Benoliel, anos 50).



073. Praça do Martim Moniz em obras (foto de Augusto de Jesus Fernandes, 1961).



074. Ermida de Nossa Senhora da Saúde, depois das demolições (foto de Augusto de Jesus Fernandes, 1961).



075. Panorâmica do Martim Moniz (foto de Judah Benoliel, 1962).



076. Cinema Salão Lisboa, atualmente um armazém de revenda (foto de Sid Kerner, 1967).



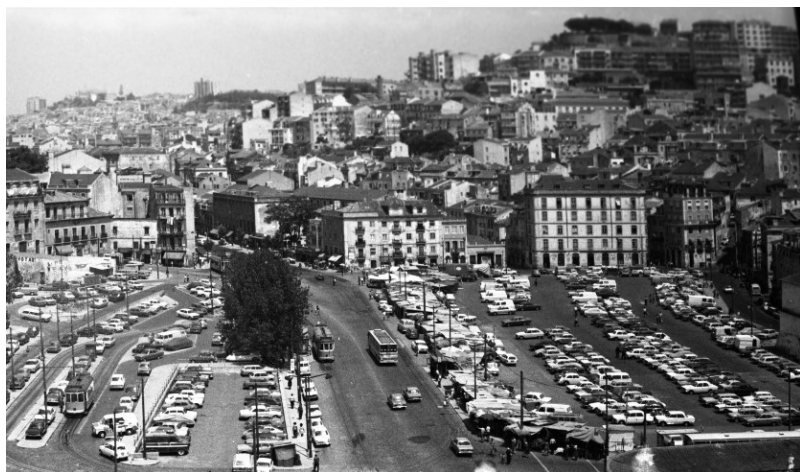
077. Martim Moniz (fotos de Armando Maia Serôdio, 1970).





078. Maquete da proposta de intervenção para o Martim Moniz em 1970 (foto de Armando Maia Seródio).

Em 1975 o Martim Moniz estava completamente descaracterizado, transformado numa feira permanente, com barracas e parques de estacionamento a confinarem num lugar onde a construção se resumia a um aglomerado de escombros, fruto de 30 anos de demolições sucessivas.



079. Panorâmica do Martim Moniz (foto de F. Gonçalves, 1976).



080. Vendedores ambulantes no Martim Moniz (foto de F. Gonçalves, 1976).

Nos anos 80, uma nova tentativa de recuperação é promovida sem grande sucesso. Um concurso público, que solicitava a elaboração do Plano de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz para a zona do Martim Moniz, havia sido lançado pela Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (EPUL). Este foi um dos poucos concursos de desenho urbano da época e talvez tenha sido o mais importante pela sua centralidade na cidade e pela complexidade dos problemas que lhe estavam associados. Pela primeira vez, a arquitetura portuguesa mostrava indícios de querer romper com o racionalismo e dar maior atenção ao ambiente urbano e à colocação do património como elemento chave para o futuro¹²¹.

No concurso proposto constava a criação de equipamentos, comércio em geral, comércio alimentar, escritórios, instalações culturais, salas de espetáculos, habitação e estacionamento. Daqui, resultaram duas soluções que são utilizadas como referência nesta proposta de projeto: uma por Carlos Duarte e José Lamas; e outra por Tomás Taveira.

A proposta de Tomás Taveira recorre à memória para chegar à forma¹²², assim como a proposta de projeto presente neste documento. Esta intervenção fundamentava-se na memória do passado e de uma revisitação dos espaços da cultura mediterrânica, como a praça, a arcada e o bazar. Devido à sua diversidade formal criou um ambiente de feira, mas, segundo o parecer da EPUL, não encontrava uma solução suficientemente capaz que interligasse completamente as diferentes zonas da área. Quanto às ligações com as malhas envolventes, a proposta pressupunha uma rutura, apresentando uma sucessão de torres na encosta da Colina da Pena, na zona norte, que poderiam ser alusivas à memória da Cerca Fernandina ao tipo de linguagem que utilizava.

De outro modo, a solução vencedora, desenhada por Carlos Duarte e José Lamas, procurava o sentido histórico do desenho do espaço urbano, ou seja, estava baseada na continuidade com o tecido antigo da envolvente e na própria sedimentação desse tecido urbano; seria o retomar de um discurso interrompido¹²³. Esta solução encontrava-se hierarquizada em diversos percursos, que permitiam organizar e caracterizar facilmente os diversos

121 PACIÊNCIA, João, Entrevista Por José Lamas.

122 TAVEIRA, Tomás, Estudo de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz, do autor. Lisboa: [s.n.], 1982.

123 LAMAS, José, Proposta para a Renovação Urbana do Martim Moniz, Arquitectura, p. 29-42, 1982.

espaços e os tipos de atividades neles existentes. Este foi um dos principais argumentos que a tornou mais capaz entre as outras soluções propostas. Os edifícios desta proposta surgem de uma estrutura de espaços e funções, baseando-se na otimização de um certo tipo de situações da vida urbana, criando assim espaços que correspondem a essas necessidades. Em relação à integração das malhas envolventes, esta parecia ser uma solução adequada pois ele apresentava uma praça reservada ao uso pedonal, uma avenida que prolongava a Avenida Almirante Reis e que atravessava o espaço cortando na diagonal os eixos da estrutura urbana, e um anel de circulação que distribuía o trânsito.

A implementação da proposta vencedora sofreu, no entanto, muitas adversidades – o empobrecimento funcional, o aumento de volumetrias e índices de ocupação e o empobrecimento arquitetónico e estético – que acabaram por desfigurar o projeto. Deste plano resultou apenas um edifício que foi construído, mas que, solitariamente, não constitui uma mudança. Como justifica José Lamas “a sua implementação ocorreu durante um dos períodos de mais intensa renovação imobiliária especulativa, densificação indiscriminada e desqualificação acontecida em Lisboa”¹²⁴. Neste contexto urbano caótico, resultou o abandono do plano e a manutenção do problema, mesmo tendo este sido um dos casos mais positivos de tentativa de requalificação da zona do Martim Moniz; abriu-se com este concurso a possibilidade de uma discussão alargada sobre os assuntos do património arquitetónico e urbanístico, de como articular o novo com o antigo juntando-lhe as necessárias valências.

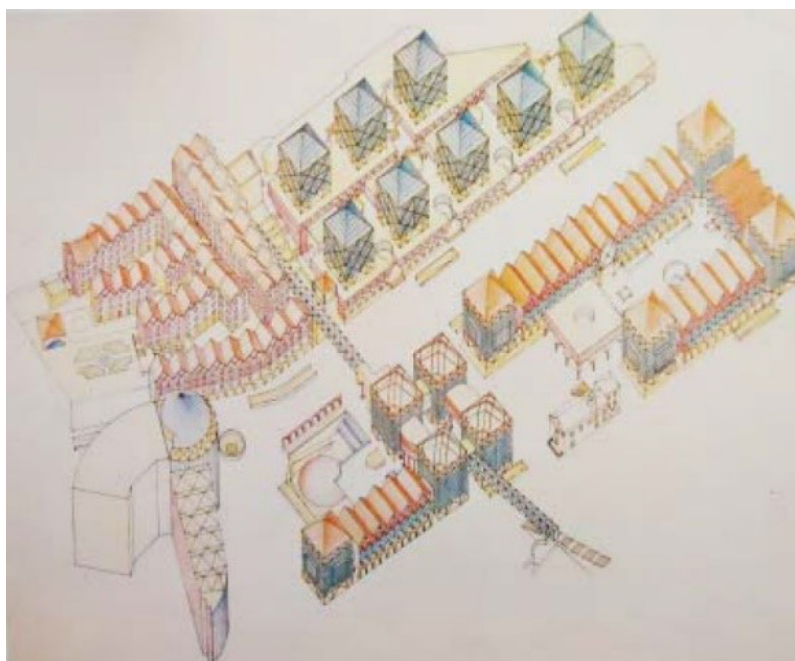
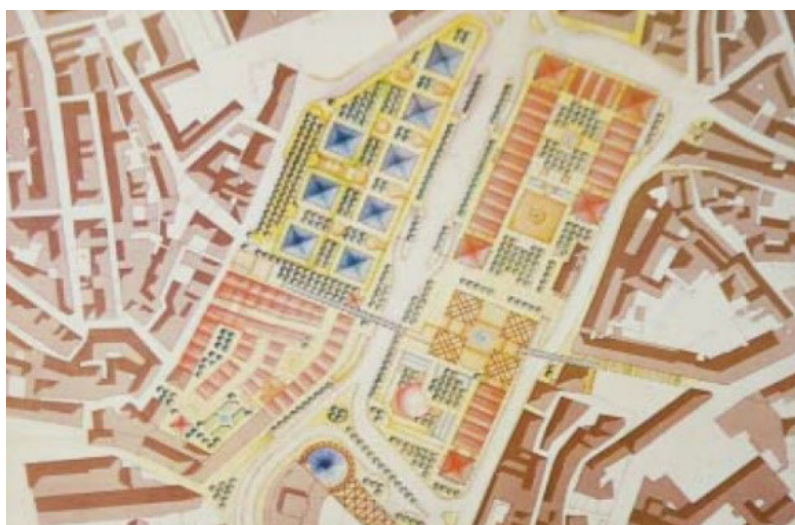
Todas as propostas foram postas de parte até 1997, momento em que se recuperou a ideia de transformar o largo numa praça. Após sucessivas tentativas, chegou-se ao século XXI sem uma solução cabal e capaz de devolver a esta zona a memória e a identidade cultural e histórica, que constituía um polo de atração turística e que, simultaneamente, lhe atribuía a funcionalidade que o cosmopolitismo exige. Isto porque, apesar dos esforços envidados para requalificar esta zona, que foi perdendo a sua identidade nas sucessivas demolições, os problemas do Martim Moniz são complexos e difíceis de resolver¹²⁵ pela descaracterização que vitimou todo este espaço.

É neste contexto que surge a presente proposta de estudo,

124 LAMAS, José Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Junta Nacional de Investigação Científica, 1994, p. 479.

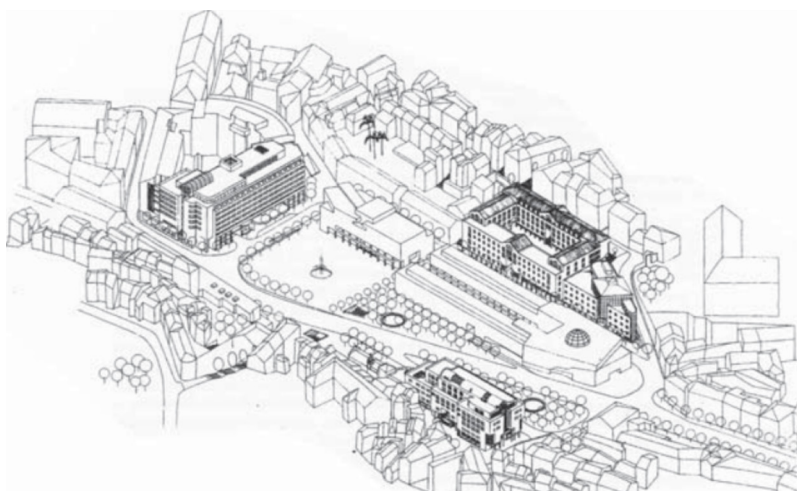
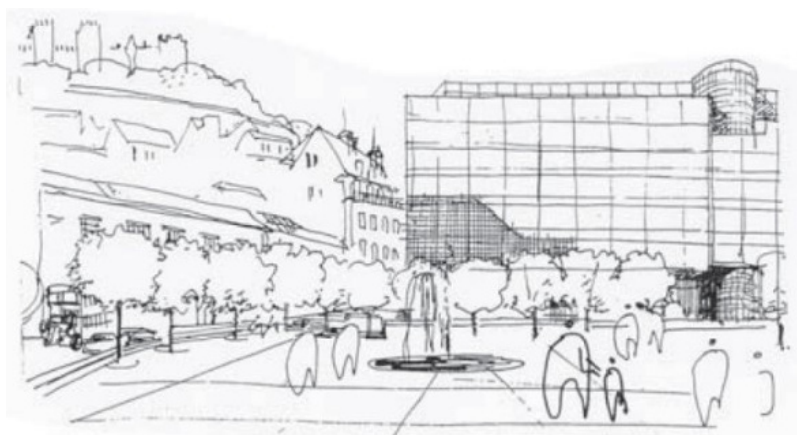
125 FERNANDES, José Manuel, *Lisboa em obra(s)*, Lisboa: Livros do Horizonte, 1997.

baseada num paradigma onde a recuperação dos centros históricos pela sua patrimonialização e nobilitação desenvolve polos de atração turística¹²⁶ e que valoriza igualmente a função social dos lugares.



081. Proposta de Tomás Taveira para a renovação da área do Martim Moniz, 1982 (desenhos de Tomás Taveira).

126 LAMAS, José Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Junta Nacional de Investigação Científica, 1994, p. 479.



082. Proposta de José Lamas e Carlos Duarte para a renovação da área do Martim Moniz, 1982 (desenhos de José Lamas e Carlos Duarte).

4.2.2. O Traçado Esquecido da Cerca

Como foi referido anteriormente, o Largo do Martim Moniz teve lugar no espaço libertado pelas demolições que se fizeram na Mouraria durante a década de 40. Para além de, ele próprio, constituir uma grande parte da história da cidade de Lisboa, o Largo do Martim Moniz liga-se a esta história através da Cerca Fernandina. Mais uma vez, recorre-se ao trabalho do olissipógrafo Augusto Vieira da Silva¹²⁷, para perceber onde passou o traçado deste troço da Cerca e quais são os vestígios que ainda se podem observar.



083. Redução de um trecho da planta da cidade de Lisboa levantada em 1856/58 na escala 1.1000 e publicada em 1884 (desenho de Augusto Vieira da Silva).

A Muralha Demolida no Sítio das Escadinhas da Saúde

Este sítio da muralha foi rasgado para dar lugar às Escadinhas da Saúde. Neste local foi aberta uma rua com 6 m de largura, em escadaria, que liga a Rua do Marquês de Ponte de Lima com a Rua da Mouraria. Desse rasgamento resultaram, no lado norte, os muros das fachadas posteriores dos prédios que desde 1903 aí se construíram.

Transformação da Porta da Mouraria em Arco da Muralha

A Porta de S. Vicente ou da Mouraria, resulta da junção da Rua do Arco do Marquês de Alegrete com a Rua da Mouraria. Era aqui que começava uma estrada importante de comunicação com os arrabaldes do norte da cidade, que seguia pelo fundo do vale formado pelos montes de Sant'Ana. Na segunda metade do século XVI, esta era uma das portas mais importantes da cerca,

127 SILVA, Augusto Vieira da, A Cerca Fernandina de Lisboa, Lisboa: Dispersos-Biblioteca de estudos Olissiponenses, 1954.

mas, por motivo de dificuldade de circulação no local, em 1674 foi proposto pela Câmara ao rei D. Pedro II que se rompesse a torre das portas da Mouraria e se fizesse um arco com capacidade para maior circulação.

O muro oriental do recinto da porta foi demolido depois de 1674 e, sem deixar vestígios, foram construídos prédios que foram demolidos em 1900. Atualmente, uma casa de espetáculos, Salão Lisboa, ocupa o seu lugar.

Troço da Cerca que Atravessava o Vale da Rua da Palma

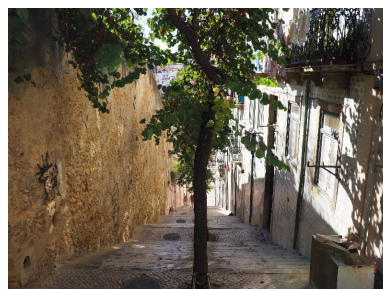
Pela Porta da Mouraria nascia um lanço retilíneo de muralha da Cerca, com 160 m de extensão ao longo do Largo Silva e Albuquerque e da Travessa da Palma. Por baixo desta muralha, que se estendia até à Rua da Palma, atravessa um cano de evacuação das águas de toda a extensa bacia hidrográfica do vale da Rua da Palma até Arroios.

Palácio do Marquês do Alegrete

Mandado construir pelo Conde de Vilar Maior, foi demolido em 1946 até aos alicerces da Cerca Fernandina, juntamente com as torres a ele adjacentes. Daí, ficou um largo que incorporou a Rua Martim Moniz, o Largo Silva e Albuquerque e parte das ruas da Palma e da Mouraria – ao qual o povo começou a chamar Largo Martim Moniz.

Torre do Jogo da Péla

Localizada na Calçada com o mesmo nome, ainda hoje se conserva. As suas dimensões, em secção horizontal, correspondem a 6m x 6m e em altura, a cerca de 11,30m.



084. Praça do Martim Moniz e Escadinhas da Saúde (foto de Eduardo Portugal, 1948). Na fachada do prédio em frente, por cima da porta, pode encontrar-se a lápide com a inscrição comemorativa da construção da Cerca em 1373-75.

085. Escadinhas da Saúde (foto da autora, 2017).

086. Arco do marquês do Alegrete (foto de Eduardo Portugal, 1949).

087. Troço da Cerca Fernandina ao longo da Calçada Nova do Colégio e a Torre de Sant'Ana (foto de Eduardo Portugal, 1948).

088. Troço da Cerca Fernandina entre a Rua Martim Vaz e a Calçada Nova do Colégio (foto de Eduardo Portugal, 1948).

Postigo do Arco da Graça

Em alusão à cerca que por aqui passou, encontra-se apenas uma fonte que atravessa a praça na transversal, construída aquando da renovação do Largo em 1997.



089. Torre do Jogo da Péla (foto de Eduardo Portugal, 1948).



090. Calçada do Jogo da Péla (foto de Eduardo Portugal, 1949).



091. Torre do Jogo da Péla (foto da autora, 2017).



092. Torre do Jogo da Péla (foto da autora, 2017).



093. Local por onde passavam as muralhas da Cerca Fernandina, desde a torre do Jogo da Péla, onde desciam até ao Largo do Martim Moniz e o atravessavam, voltando a subir pelas Escadinhas da Saúde (foto da autora, 2017).



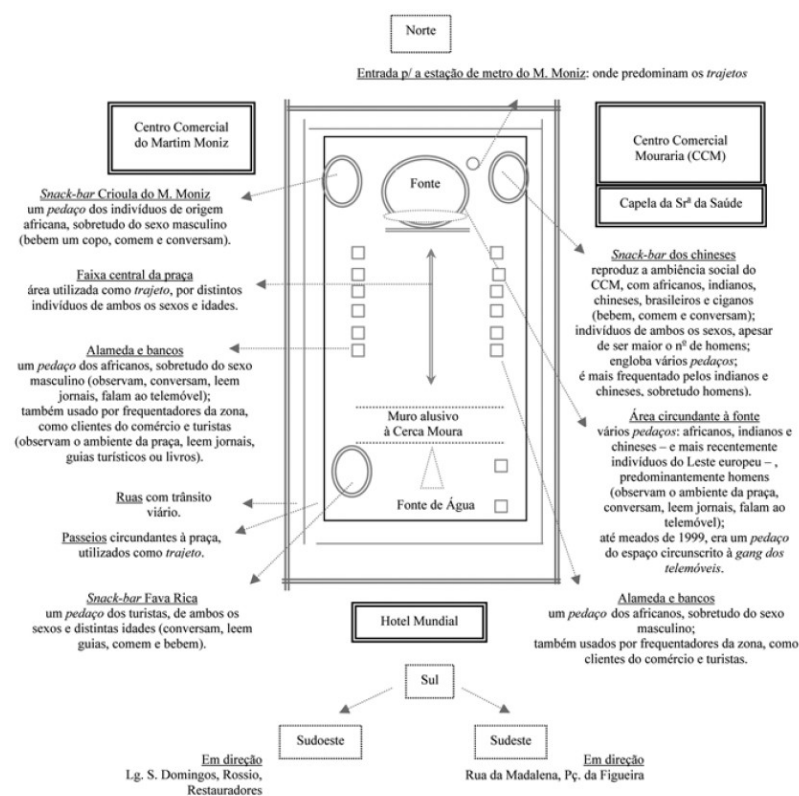
094. Torre de Sant'Ana, lado exterior à cerca (foto da autora, 2017).



095. Interior habitável da torre de Sant'Ana (foto da autora, 2017).

4.2.3. Etnografias

Depois de uma análise histórica e da evolução da forma urbana desde o aparecimento da Cerca Fernandina, é importante fazer uma abordagem social dos cenários comportamentais no Largo do Martim Moniz, devido ao carácter multicultural que o caracteriza. Esta análise é feita segundo o trabalho realizado pela autora Marluci Menezes em 2009¹²⁸.



096. Cenários comportamentais na praça do Martim Moniz (ilustração de Marluci Menezes).

Desde a década de 70 que esta zona se tornou importante para o desenvolvimento do comércio grossista, maioritariamente controlado por imigrantes, muitos dos quais viviam na Mouraria ou nas suas proximidades. Esta realidade social e urbana tornava tanto a Mouraria como o próprio Largo do Martim Moniz num lugar de pessoas, práticas, músicas, artefactos, roupas e comidas variadas. Este era também um local de dormida para os sem abrigo e paragem para a prostituição.

Em 1997, foi inaugurada a praça do Martim Moniz, como a conhecemos hoje. A intervenção aí proposta viabilizou a requalificação urbana da área, depois de quase meio século em

128 MENEZES, Marluci, A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas Socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa, Horizontes Antropológicos - Laboratório Nacional de Engenharia Civil - Portugal, p. 301-328, 2009.

situação expectante. Após a inauguração da praça, o espaço passou a ter uma função de visita, passeio e forte interação social e local, promovendo uma maior interação entre o espaço e os residentes. O êxodo populacional que, entretanto, ocorreu – indivíduos de origem africana e indiana que se foram deslocando para a zona Norte da praça – e a tribalização dos diferentes grupos étnicos que não interagiam entre eles, gerou um movimento de desapropriação deste espaço e, até mesmo, à marginalização do mesmo.

Morfologicamente, esta praça desenvolve-se linearmente no sentido Norte-Sul, com uma ligeira inclinação resolvida com escadarias de acesso nas extremidades. É circundada por imenso tráfego viário que, por sua vez, se envolve num passeio para peões, seguido por pequenos jardins pontualmente interrompidos que permitem a passagem do passeio para a respetiva praça. A extremidade sul da praça, diante do Hotel Mundial, é separada da faixa central através de um muro alusivo à Cerca Moura. Este muro, decorado com torres e figuras que evocam o Cerco Cristão da cidade, faz uma ligação visual com a Torre do Jogo da Péla e a torre junto da porta de S. Lourenço que leva ao encontro do Castelo, querendo dar uma continuidade à memória da Cerca, através do que dela restou.



097. Muro alusivo à Cerca Moura no Largo do Martim Moniz, decorado com elementos alusivos à lenda de Martim Moniz, construída em 1977 (foto da autora, 2017).

De ambos os lados da praça existem bancos metálicos, árvores e sanitários públicos, para além dos 44 quiosques de aço inoxidável que a Câmara Municipal de Lisboa (CML) instalou em 1998, com o objetivo de revitalizar economicamente o local ao promover o desenvolvimento do comércio a retalho. Dois dos quiosques foram ocupados pela Associação Cívica Amigos de Lisboa e pela Agência de Turismo de Lisboa, desencadeando um tímido processo de atração de turistas. Em finais desse mesmo ano, abriram ainda alguns quiosques que comercializavam

artesanato e antiguidades. No entanto, os sanitários públicos eram utilizados por toxicó dependentes como local onde se injetavam, tornando os espaços situados entre os quiosques propícios para o desenvolvimento de atividades ilegais. Como consequência, a praça era cada vez menos frequentada e praticamente não havia clientela levando à bancarrota o comércio local. Em junho de 1999, o *Jornal Região* anunciava: “Martim Moniz: praça morta por falta de gente”¹²⁹.

Com o agravamento das práticas marginais, a polícia tomou medidas instalando um posto de segurança e um sistema de videovigilância que passaram a controlar a praça. Este controlo cumpriu o seu propósito, levando ao desaparecimento das práticas marginais, pelo menos de uma forma manifestamente expressiva.

No ano 2000, a Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (EPUL) avançou com outra estratégia de revitalização da praça através de um acordo com a CML e com a nova Associação Comercial China Town, que promoveu o desenvolvimento de comércio de quinquilharias, artigos eletrónicos e imitações de roupa e objetos de marca. Com esta iniciativa foram reabertos 30 quiosques por comerciantes chineses, mas os problemas com falta de clientes, roubos de mercadorias e a falta de conforto nos



098. Praça do Martim Moniz (foto de Luís Pavão, tirada de um quarto do hotel Mundial, 2000).

129 MENEZES, Marluci, A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas Socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa, *Horizontes Antropológicos* - Laboratório Nacional de Engenharia Civil – Portugal, p. 301–328, 2009, p. 311.

quiosques permaneceram e passados poucos meses o comércio continuava em crise. No Jornal da Região de 2 de outubro de 2000, anunciava-se: “Martim Moniz continua ‘às moscas’ - Comerciantes chineses podem deixar quiosques”¹³⁰.

Em dezembro do mesmo ano, a retirada dos quiosques da praça, bem como o encerramento do posto de turismo, deixou-a mais livre, intensificou a sua apropriação pelos que antes a ocupavam e aumentou a frequência por parte dos turistas e dos clientes do comércio grossista. As melhorias tornaram-se ainda mais evidentes quando, em 9 de junho de 2012, foi inaugurada a iniciativa de José Filipe Rebelo Pinto, que transforma o Largo num “Mercado de Fusão”: com o aproveitamento dos quiosques como restaurantes de comida rápida tradicional, rampas e mercearia oriunda de diferentes partes do mundo¹³¹.



099. Painéis em alusão a eclesiásticos como o D. João Peculiar e D. Pedro Pitões (esculturas de José João Brito; foto da autora, 2017).



100. Elementos decorativos da plataforma de embarque da estação de metro do Martim Moniz, alusivos à reconquista cristã da cidade – soldados (esquerda) e cruzado (direita) (esculturas de José João Brito; fotos da autora, 2017).



130 MENEZES, Marluci, A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas Socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa, Horizontes Antropológicos - Laboratório Nacional de Engenharia Civil – Portugal, p. 301–328, 2009, p. 313

131 Ibid.

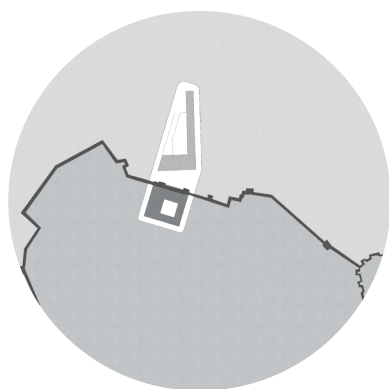
5 | PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO PARA O LUGAR DO MARTIM MONIZ

5.1. O Conceito da Proposta Urbana e Arquitetónica

101. Vista panorâmica do local de intervenção, tirada a partir do miradouro de Nossa Senhora do Monte (foto da autora, 2017).



Na intervenção arquitetónica, proposta no presente documento, pretende-se devolver a memória da Cerca Fernandina à cidade, partindo do seu estado atual no Largo do Martim Moniz, onde não existem vestígios significativos da Cerca, e alargando a intervenção até à colina de Sant'Ana, onde se constata ainda uma riqueza de vestígios. Embora grande parte da Cerca já não seja perceptível, ainda se pode testemunhar a sua influência no desenho atual da cidade, que é visto através da disposição do edificado em planta e também com recurso ao trabalho do olissipografo Augusto Vieira da Silva. Com alguma imprecisão, é, ainda, possível identificar por onde passava a cerca através dos limites físicos do edificado e apontar as zonas onde era interrompida pelas suas portas e postigos. O traçado existente da Cerca permite que se faça uma ligação através dos esporádicos lanços de muralha, de modo a construir um percurso que seja identificável por quem reside e quem visita a cidade.



102. Representação esquemática do conceito da proposta - contraste entre o cheio (lado interior da Cerca) e o vazio (lado exterior da Cerca) (ilustração da autora).

Esta intervenção tem como alvo de desenvolvimento aprofundado, o lugar do Martim Moniz, localizado entre as colinas mencionadas. Consiste, a intervenção, na integração do largo no desenho urbano, requalificando a zona através da resignificação da Cerca Fernandina ao nível imaginário, não de uma reconstrução física. Largo este que ocupa uma posição privilegiada, dada a sua inserção no centro histórico da cidade, mas que se encontra desvalorizado e descaracterizado. Pretende reverter-se essa tendência, contrariando a história que fez deste espaço um lugar negligenciado. É, também, preocupação fundamental do projeto, a integração das vivências múltiplas que, ao longo dos tempos, vieram a complementar esta zona da cidade.

5.2. Estratégia Urbana

Numa primeira fase, desenvolvida em grupo e com base no tema “Memória, Arquitetura e Projeto – Reinscrição das Antigas Contenções e Limites da Cidade Lisboa”, pretendia-se moldar

a arquitetura às pré-existências e às memórias de uma Cerca que outrora albergou a cidade de Lisboa. Para tal, partiu-se do pressuposto que o capital de memória coletiva, subjacente ao palimpsesto da cidade histórica, é, por si só, um valor singular e qualificador.

O conceito da estratégia urbana baseia-se, então, na valorização dos troços inexistentes da Cerca, em toda a área delimitada pelas Colinas de Sant'Ana e de S. Jorge, e na valorização das mesmas Colinas. Torna-se importante esta valorização devido às características associadas à cidade, que, pela sua orografia, exposição solar e proximidade com o rio Tejo, motivou desde sempre a sua ocupação. Os vales e as colinas, juntamente com a Cerca Fernandina, foram, devido às características da cidade, elementos importantes na sua defesa. Mais, estes vales e colinas são associados a manifestações de organização urbana. Esta dualidade representa um dos elementos identitários da cidade de Lisboa, que se pretende redescobrir através da estruturação de um percurso turístico ao longo do troço da última grande cerca medieval da cidade, numa viagem marcada pelo tempo e por memórias feitas de presenças e ausências arquitetónicas. Considera-se este percurso como pretexto para conhecer mais profundamente a morfologia urbana da cidade de Lisboa, condição prévia para a sua reinvenção e acrescento de um futuro consciente do passado, de tal modo que será possível assumir um compromisso com as realidades culturais e económicas do nosso tempo e com os valores únicos e identitários da nossa memória coletiva.

Face a estas premissas, o desenho do percurso foi pensado de modo a que se conseguisse entender o traçado da Cerca através de alterações propostas no programa urbano. O percurso proposto assume a existência de três tipos de caminhos caracterizadores da cerca: o caminho de ronda, o caminho exterior e o caminho interior. Intenta-se recriar estes caminhos ao longo de um troço que se inicia nas portas de Santo Antão, sobe até à colina de Sant'Ana, atravessa o Largo do Martim Moniz, sobe a colina de S. Jorge e termina no Castelo. Para tal, são delineadas zonas de articulação entre percursos que se representam através de espaços abertos (largos e praças), já existentes ou criados pelo grupo, adjacentes a antigas portas ou torres ainda existentes. O delineamento do percurso, essencialmente pedestre devido ao declive acentuado das colinas, irá, então, monumentalizar a ideia de que a Cerca por ali passou. Este processo passa por um critério de demolição do edificado que lhe é contíguo; critério este que, não sendo aleatório, irá depender das características

das construções, e se estas acrescentam ou não valor à cidade. Deste modo, pretende-se valorizar certos objetos, apagando os que não lhe acrescentam valor ou que simplesmente não são dotados de valor.

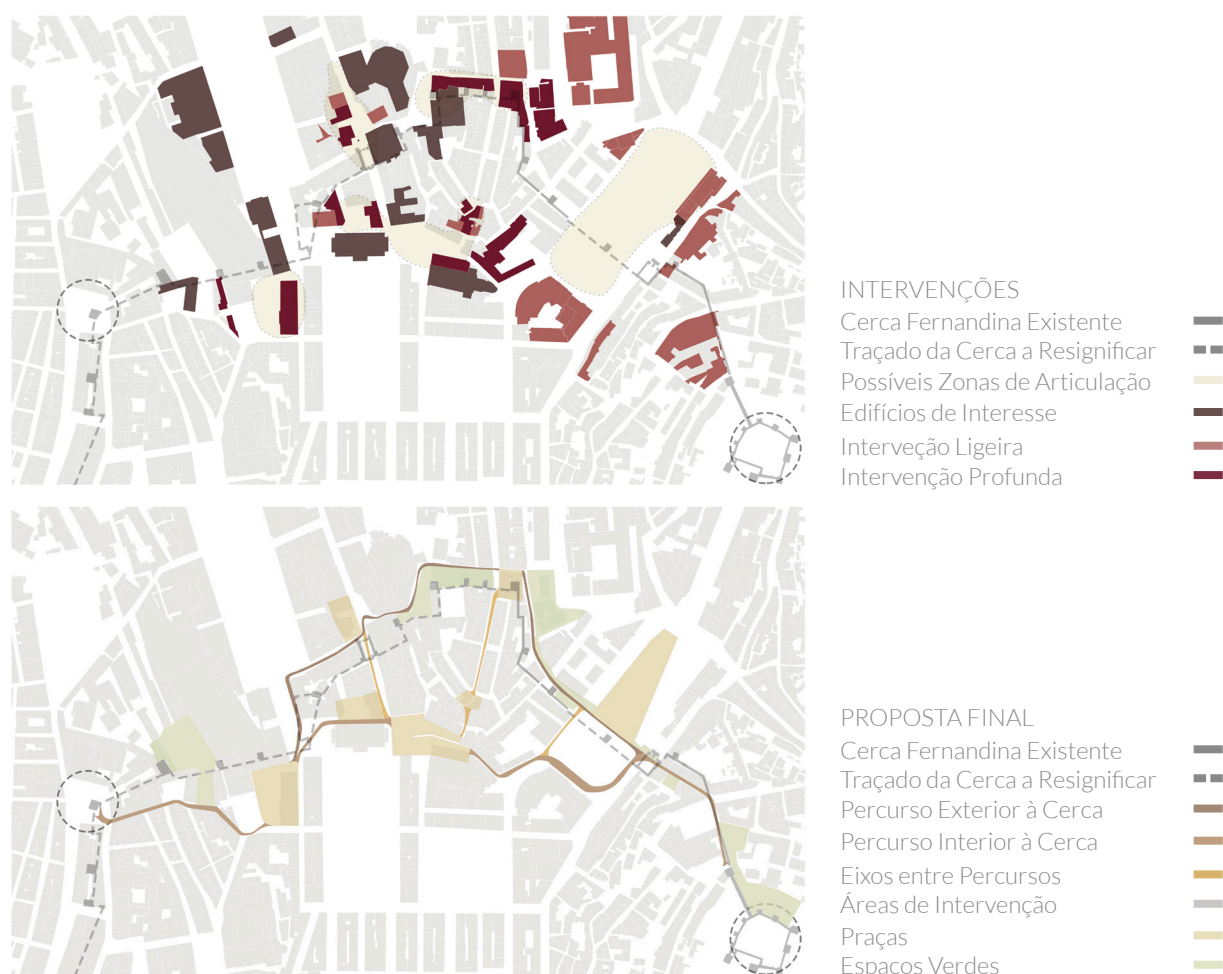
O percurso é, ainda, orientado por espaços verdes que, na verdade, são entendidos como constituintes de qualquer ponto de intervenção na cidade, sendo uma ligação de paisagem. Esta área verde é proposta apenas pelo lado exterior da Cerca, ocorrendo de um modo contínuo, que representa um exterior outrora pouco edificado. Para além do acrescento de áreas verdes ao longo do percurso, são propostas intervenções arquitetónicas que serão inseridas nas colinas e terão diversos usos, dependendo das necessidades encontradas em cada área. Um exemplo deste tipo de intervenções é a reabilitação da Torre de Sant'Ana, no cimo da colina homónima, para que esta possa ser utilizada como miradouro, permitindo, assim, um contacto visual com o Castelo e o Largo do Martim Moniz; este último, um dos pontos de passagem do percurso turístico onde se localiza a principal intervenção arquitectónica proposta neste projeto.

- VIAS
- Cerca Fernandina Existente
 - - - Traçado da Cerca a Resignificar
 - Vias Principais
 - Vias Secundárias
 - Percursos Pedonais



- ZONAS DE ARTICULAÇÃO ENTRE PERCURSOS
- Cerca Fernandina Existente
 - - - Traçado da Cerca a Resignificar
 - Eixo Transversal Pedonal
 - Percurso Histórico da Cerca
 - Eixo Cultural
 - Eixo Habitacional
 - Eixo Comercial
 - Zonas de Articulação





103. Plantas da estratégia urbana (desenhos da autora)

Neste contexto, a Cerca Fernandina é assumida como um ponto de partida para uma intervenção urbana e arquitetónica, culturalmente consciente da sua realidade e dos territórios a ela adjacentes.

5.3. Intervenção Arquitectónica

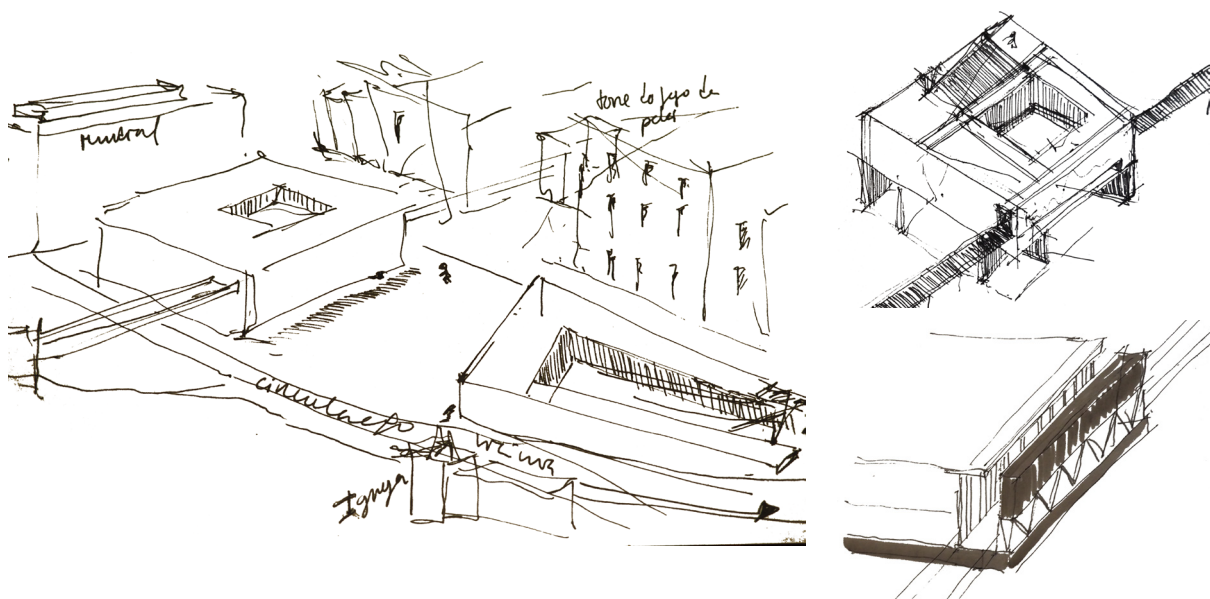
Na continuidade do objetivo proposto, de devolver a memória da Cerca à cidade de Lisboa, analisa-se, em particular, a situação do lugar do Martim Moniz. Esta zona tem a peculiaridade de não conter vestígios da Cerca Fernandina, ao contrário de outras áreas analisadas, tal como a colina de Sant'Ana, que contém uma grande riqueza de vestígios. Na zona do Martim Moniz, nada mais existe para além da Torre do Jogo da Péla, localizada a nascente da colina de Sant'Ana. A existência da Cerca nesta zona será, portanto, materializada pela adição de corpos arquitetónicos contíguos ao espaço geográfico da Cerca, quer no interior, quer no exterior dos seus antigos limites. A Cerca não terá, no entanto, qualquer reconstrução alusiva,



104. Planta de implantação (desenho da autora).

sendo, aqui, representada, na sua ausência, através do reforçar da rememoração; pretende-se dar a perceção de estar no interior e no exterior da cerca simplesmente pela caracterização do edificado proposto.

De modo a resignificar o passado numa perspetiva contemporânea, e ligada ao programa definido, a construção terá, no lado interior da Cerca, lado Sul, um carácter mais fixo e tendencialmente imutável, alusivo ao interior fortificado e densamente povoado; no seu lado exterior, lado Norte, caracterizar-se-á apenas pela simplicidade e leveza da construção pouco densa, de descompressão da malha urbana. Este conceito é, também, associado à cércea do edificado: no interior é intencionalmente mais alta, aproximando-se da altura da muralha; e no exterior é mais baixa, aproveitando o desnível de cotas, na malha urbana, que sobe para o lado Norte, desenvolve-se ao nível térreo e acaba por desaparecer dando origem a uma continuidade de praça. A área da Cerca é representada, desta forma, como um espaço de passagem transversal – ao Largo do Martim Moniz e de ligação entre a colina de Sant'Ana e a colina do Castelo – inserindo-se, desta forma, no percurso turístico proposto na estratégia urbana.

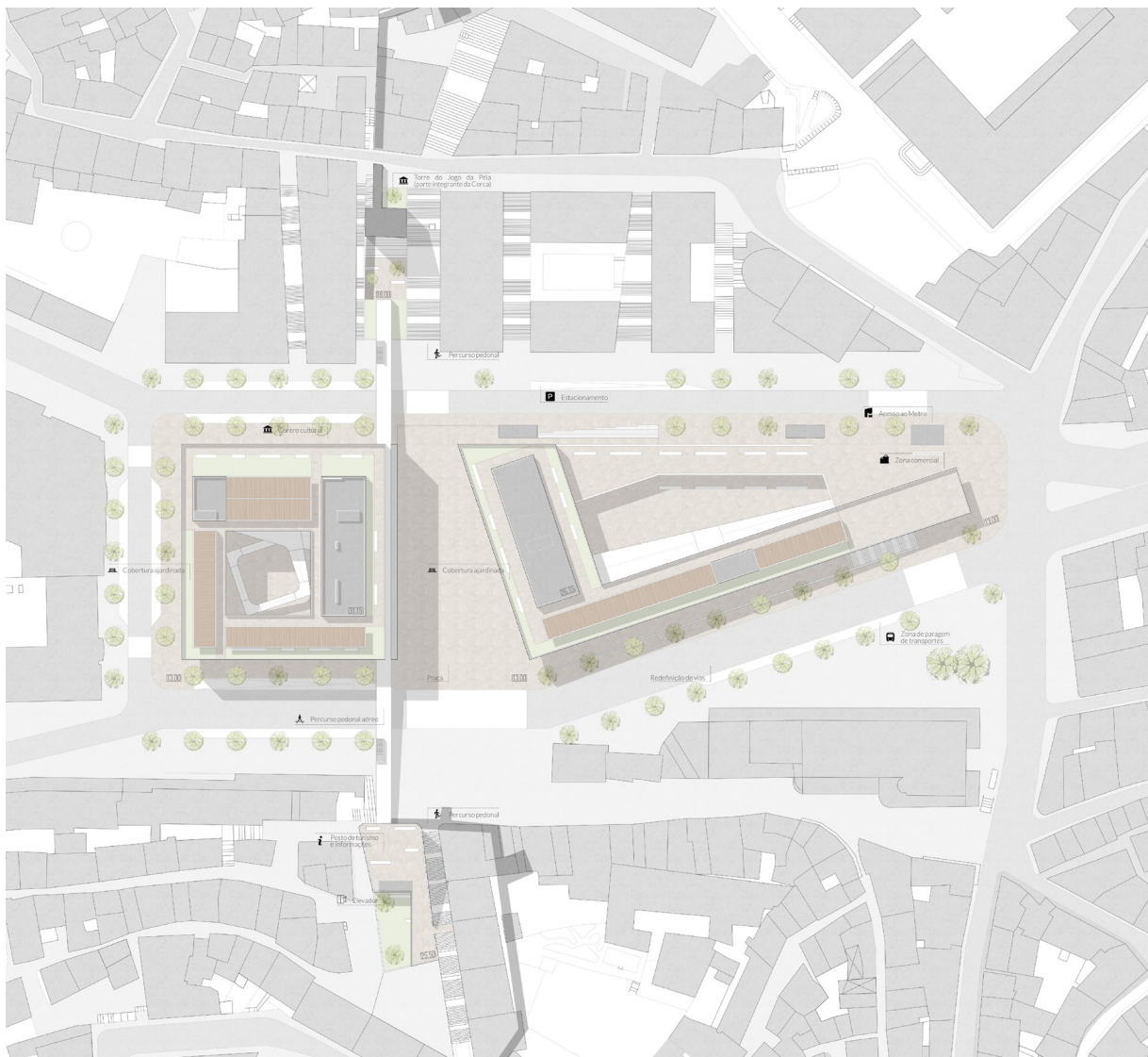


105. Esquícios da proposta arquitetónica (desenhos da autora).

5.3.1. Desenvolvimento Funcional

Numa fase mais desenvolvida, propõe-se um conjunto, edificado entre espaços coerentes e interligados. O programa assenta na criação de espaços de domínio essencialmente público, encontrando-se ligado às premissas de adição e densidade diversa – pretende-se garantir a diferenciação entre o interior e o

exterior da Cerca e admitir a diversidade funcional para responder às necessidades quotidianas do homem contemporâneo. Deste modo, passa-se a privilegiar o peão, (re)desenhando o espaço público através da (re)estruturação e hierarquização das linhas viárias, tal como proposto por José Lamas na sua proposta de renovação para o Martim Moniz (lançada na década de 80) – ou seja, o Largo passa a ser intercetado por um dos principais eixos de acesso à zona, a Avenida Almirante Reis. Quer-se, com isto, que o Largo passe a fazer parte da cidade, não sendo apenas uma “ilha” isolada no centro histórico de Lisboa. Assim, propõe-se a existência de dois volumes edificadas, que funcionarão como unidade. É, na verdade, como se passassem a existir duas praças: a antiga, que existia ao nível térreo; e a nova, que se quer alta, ao nível do topo dos dois volumes.



106. Proposta arquitetónica (desenho da autora).

No lado de dentro da Cerca, a forma apresenta-se, então, como um imenso quarteirão, pois aí a malha urbana era densa. Numa forma quadrangular perfeita, este volume é suspenso, apoiando-se apenas em 4 apoios, o que permite a passagem numa continuidade urbana. Como estrutura principal, surge um edifício que desempenha um papel cultural, essencial para a manutenção de memórias e identidades – insere-se como um guardião de identidades e memórias locais, tal como do papel dos mesmos face à comunidade onde estão inseridos. Por baixo, são apropriados alguns elementos transparentes, como lojas, que proporcionam relações entre a comunidade e conexão do percurso, bem como os acessos verticais ao mesmo.

Seguindo pelo lado Norte, é como se o quadrado se rebatesse, alinhando com a Ermida da Nossa Senhora da Saúde – abre-se uma praça que brinda à aproximação de quem chega proveniente de várias trajetórias. A estrutura continua no seguimento do eixo da Avenida Almirante Reis, que acaba por desaparecer convergindo numa única praça. O acesso de nível pode-se fazer pela sua extremidade Norte, diretamente para uma galeria comercial que dá forma a uma estrutura mais leve, capaz de acolher vários tipos de comércio grossista, identitário da zona, num espaço que se quer aberto e que possa promover a utilização do espaço para feiras ou outros eventos culturais. Ainda neste lado, uma vez que parte do edificado fica enterrado devido à diferença de cotas, é proposta a inserção de uma saída de metro que tanto pode ter relação direta com a galeria comercial ao mesmo nível, como acesso pela parte superior. Esta zona conta ainda com apoios de instalações sanitárias, balneários e arrumos para apoio dos utilizadores do espaço. Num elo de ligação entre a Torre do Jogo da Péla e a Torre do Castelo, e no sentido de facilitar os acessos entre as duas colinas, é desenhada uma ponte aérea, que se atravessa por dentro de um troço do centro cultural, materializando assim os caminhos que existiam na cerca.

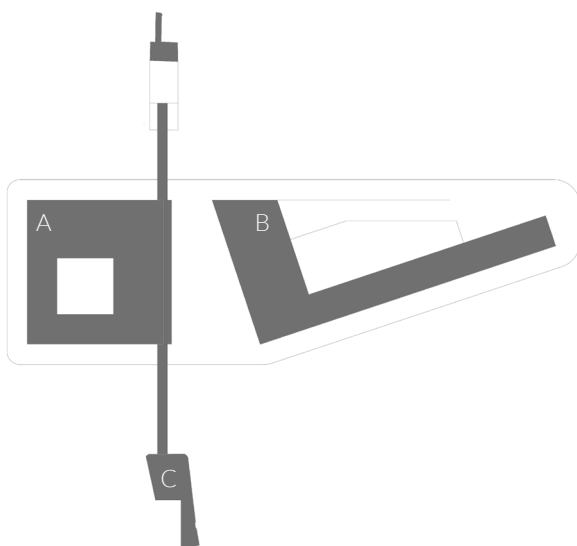
Considerando as questões programáticas, o centro cultural apresenta, ao nível do primeiro piso, uma recepção central, cujo acesso pode ser feito ao nível da praça, por quem passa pela ponte aérea ou, como entrada principal, pela praça no centro do pátio através de uma rampa que se desenrola num gesto escultórico. Neste piso pode encontrar-se, também, um espaço de exposições, uma zona administrativa e uma cafetaria, que pode funcionar independentemente, quando o centro cultural se encontra fora do horário de funcionamento. O segundo piso conta com uma biblioteca, zonas de leitura, estudo e de estar, e uma sala polivalente.



107. Axonometria (desenho da autora).

Situação Urbana

Área total de intervenção	13320m ²
Área de implementação	6740m ²
Área de construção	11320m ²



108. Esquema indicativo dos três edifícios discriminados no quadro de áreas (ilustração da autora).

	Unidades	Área (m ²) por unidade	Área total (m ²)
ESTACIONAMENTO			3800
Acessos exteriores	2	33	66
Piso -1			1900
Lugares	339	-	-
Acessos verticais	7	-	124
Arrumos para equipamento	4		130
Zonas técnicas	4		70
Piso -2			1900
Lugares	339	-	-
Acessos verticais	7	-	124
Arrumos para equipamento	4		130
Zonas técnicas	4		70
EDIFÍCIO A			5075
Piso 0			715
Acessos verticais	7	-	120
Rampa de acesso	1	-	195
Átrios	2	-	160
Loja do centro cultural	1	-	240
Arrumo	1	-	36
Instalação sanitária	1	-	7

	Unidades	Área (m ²) por unidade	Área total (m ²)
Piso 1			2048
Ponte aérea pedonal	1	-	535
Acessos verticais	9	-	162
Átrio	1	-	100
Zona técnica	1	-	12
Instalações sanitárias	3	-	169
Inst. sanitárias p/ funcionários	2	8	16
Arrumos	2	-	70
Receção do centro cultural	1	-	250
Serviços administrativos	5	-	121
Zonas de exposição	2	-	280
Bar / Cafetaria	1	-	333
Átrio de entrada	1	-	45
Balcão de atendimento	1	-	60
Copa de apoio	1	-	29
Inst. sanitárias p/ funcionários	1	-	6
Balneários p/ funcionários	1	-	20
Piso 2			1104
Acessos verticais	7	-	120
Zona técnica	1	-	12
Instalações sanitárias	3	-	169
Arrumos	2	-	59
Zona de estar	1	-	177
Biblioteca	1	-	136
Salas de leitura	3	-	68
Salas de estudo	2	30	60
Sala polivalente	1	-	303
Zona técnica	1	-	21
Arrumo	1	-	25
Piso 3			1208
Acessos verticais	7	-	120
Átrios	2	-	118
Zona técnica	1	-	131
Zonas ajardinadas	4	-	562
Bar / Cafetaria	1	-	277
Balcão de atendimento	1	-	21
Copa de apoio	1	-	16
Instalação sanitária	1	-	19
Inst. sanitárias p/ funcionários	1	-	4
EDIFÍCIO B			3614
Piso 0			916
Acessos verticais	7	-	96
Rampa de acesso	1	-	340

	Unidades	Área (m ²) por unidade	Área total (m ²)
Átrios	3	-	142
Zonas técnicas	2	-	16
Instalações sanitárias	2	44	88
Balneários p/ funcionários	2	67	134
Arrumo	1	-	70
Lojas pequenas	7	45	315
Arrumos	7	12	84
Lojas grandes	6	80	480
Arrumos	6	16	96
Piso 1			1555
Acessos verticais	7	-	96
Átrios	1	-	277
Instalações sanitárias	2	-	45
Lojas grandes	10	80	800
Arrumos	10	16	160
Bar / Cafetaria	1	-	337
Zona interior	1	-	159
Zona de esplanada	1	-	87
Balcão de atendimento	1	-	33
Copa de apoio	1	-	46
Piso 2			1143
Acessos verticais	7	-	96
Átrio	1	-	30
Zona técnica	1	-	139
Zonas ajardinadas	2	-	521
Bar / Cafetaria	1	-	357
Átrio de entrada	1	-	39
Balcão de atendimento	1	-	22
Instalações sanitárias	2	-	13
EDIFÍCIO C			525
Piso 0			135
Acessos verticais	2	-	23
Loja	1	-	112
Arrumo	1	-	34
Piso 1			390
Acessos verticais	2	-	23
Posto de turismo / informações	1	-	219
Zona de atendimento	1	-	20
Arrumo	1	-	6
Inst. sanitárias p/ funcionários	1	-	6
Pátio exterior	1	-	148

ESTIMATIVA DE CUSTOS (1000€/m2)

13.8M€

Na generalidade do projeto, o plano de intervenção tem como objetivo a integração do Largo no contexto da cidade. Dada a diversidade formal e temporal dos elementos construídos, a zona carece de uma reflexão urbana que partiu do elemento de enorme valor patrimonial que é a Cerca Fernandina. Assim, a abordagem de intervenção e todas as decisões tomadas quer a nível conceptual, programático e material refletem os pressupostos de uma intervenção contemporânea.

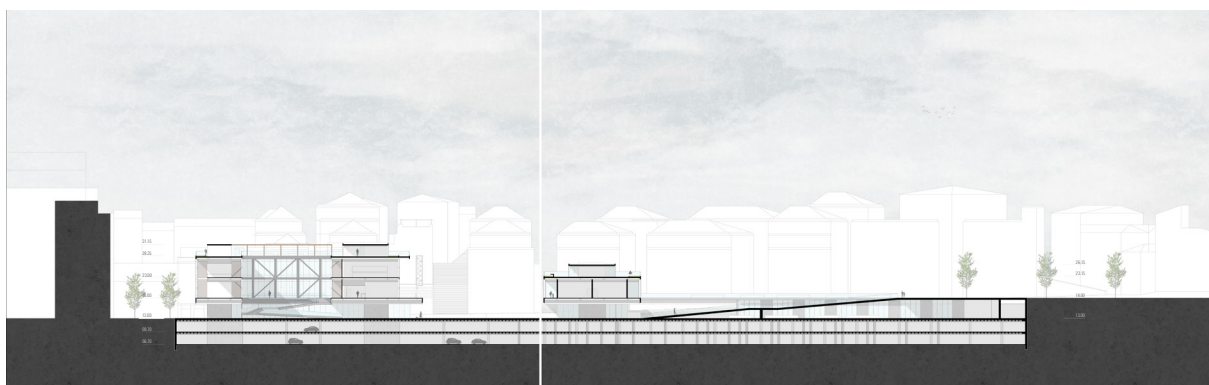
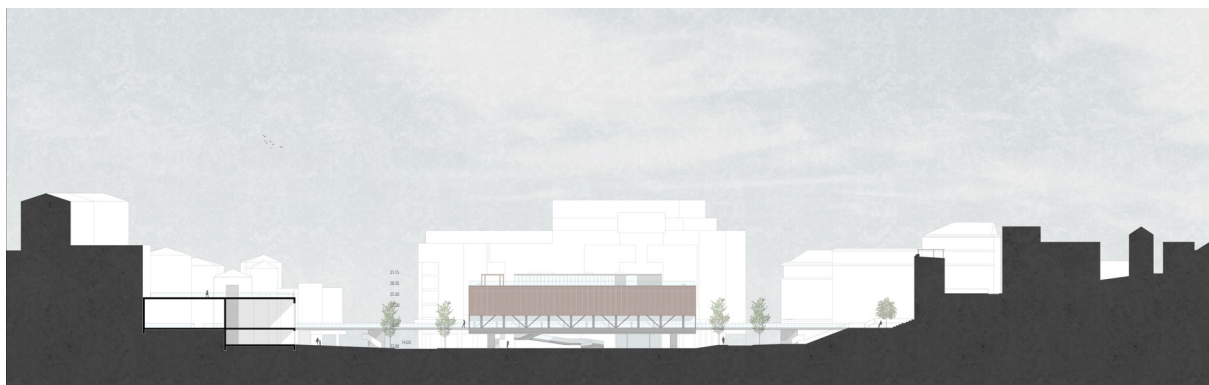
5.3.2. Materialidade

Dando continuidade às premissas pretendidas, também a materialidade comporta um valor de memória associado ao espaço. São, essencialmente, utilizados três elementos: o metal, o betão e o vidro.

Relativamente à zona densamente construída, zona Sul, a memória da Cerca é materializada num grande “muro”, construído por uma estrutura metálica treliçada revestida em aço corten que abraça uma parte do edificado; o aço corten é, aqui, utilizado de modo a imitar a cor ocre das muralhas que por ali passavam. A estrutura metálica é ainda complementada por uma camada de vidro, pretendendo-se que esta materialidade transpareça a relação entre o novo e o antigo. O edificado mais denso, adjacente ao muro, desenvolve-se numa espécie de pórtico, apoiando-se em apenas quatro apoios de betão, sobre o qual assenta um elemento retangular envolvido numa estrutura metálica treliçada. Esta estrutura é apenas revestida por uma pele em rede metálica que cobre todo o exterior do edifício.

Seguindo até ao lado Norte, este é materializado no mesmo contexto, partindo dele outro volume suspenso, mais leve, desta vez apoiado em dois apoios de betão.

Nas coberturas, inserem-se elementos ajardinados que, juntamente com as pérgolas em madeira existentes, dramatizam a presença do complexo quando este é visto de cima, quer da Colina de Sant’Ana, quer da Colina de S. Jorge. A intensidade das coberturas contrasta com o pavimento da praça em pedra de lioz.



109. Alçado sul, alçado nascente e corte BB' (desenhos da autora).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enunciados os momentos da história da capital portuguesa, são evidentes os seus avanços e retrocessos. Na zona do Martim Moniz, em especial, são notáveis as tentativas de recuperação que apenas levaram a mais retrocessos por perda de identidade e memória. O caso da Cerca Fernandina, neste contexto, apresenta-se como testemunha das constantes mutações físicas que foram sofridas na cidade e na zona de intervenção, largo do Martim Moniz; mutações estas que se devem a alterações dos ideais e das necessidades da população. Objetiva-se, assim, o alcance de integrar a memória no centro histórico da cidade, através de uma reflexão de como intervir na cidade construída: potenciando valor patrimonial e introduzindo a arquitetura como expediente desta problemática, que rege a zona do Martim Moniz.

Na estratégia de intervenção urbana e arquitetónica proposta, potencia-se qualitativamente a cidade atual e a sua vivência na contemporaneidade: tenta-se promover a construção e recuperação de equipamentos e infraestruturas, (re)desenhando o espaço público como meio para a resolução da falta de condições de utilização; e objetiva-se o reforço da dinamização social e económica. Na base desta estratégia está a crença de que lugares desconectados e descaracterizados podem voltar a imperar com a sua identidade através da memória.

Tal como foi apresentado no decorrer deste documento, a preservação da memória foi o elemento de estudo. Vinculada na arquitetura, a memória foi escolhida como objeto de composição primordial do projeto desenvolvido. Propõe-se, assim, um espaço devoto aos seus utilizadores, como forma de completar uma lacuna detetada na cidade.

Para reforçar a disfunção sentida em diversos espaços deste lugar, soma-se um gesto materializado que foi concebido sobre esta nova intervenção. É no seguimento da resolução de vários movimentos materializados, em sintonia com esta recuperação da memória, que a cidade poderá reaver o lugar do Martim Moniz. Poder-se-á considerar uma tentativa, não só de devolver identidade ao lugar, mas principalmente à sociedade, numa noção de espaço público que se intitula pelo processo relacional dos indivíduos.

Com base na estratégia de requalificação urbana, procura-se uma introdução de qualidades urbanas, de acessibilidade e conectividade deste lugar na cidade. Parte-se de uma procura

pela reabilitação da cidade construída, a partir da redescoberta e recontextualização dos territórios adjacentes, interiores e exteriores, ao traçado da Cerca Fernandina de Lisboa. O objetivo desta estratégia passa pela mudança no espaço, assegurando a preservação como objeto de herança e mantendo a memória, numa tentativa de re-interpretação do seu significado para que, num compromisso estratégico feito de interações e complementaridades, seja revitalizada a cidade determinada pela Cerca antiga. Mais, pretende-se também um compromisso simbólico que salvguarde e valorize os testemunhos do passado, como valores únicos e identitários da nossa memória coletiva, possibilitando a sua sincronia com as realidades culturais e económicas do nosso tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Pedro Marques de, *Arquitetura: Monumento e Morada*, ARTITEXTOS, v. 04, p. 011–020, 2007, p. 11 - 18.
- ABREU, Pedro Marques de, *Os Palácios da Memória*. Dissertação para mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos, FAUTL, Lisboa, 1996.
- AGUIAR, José, *Cor e Cidade Histórica, estudos cromáticos e conservação do património*, Porto: Publicações FAUP, 2005.
- ARX Portugal, in LOURO, *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo*, p. 41.
- AUGÉ, Marc, *Os Não Lugares – Introdução a uma Antropologia da Sobre Modernidade*, 2005. ed. Lisboa: 90 Graus Editora, 1994.
- AUGUSTO FRANÇA, José, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, 1.a. Lisboa: Biblioteca Breve, 1980, p. 6 - 12.
- BAEZA, Alberto Campo, 2010 *ANDALUCIA'S MUSEUM OF MEMORY*. Último acesso em: <<http://www.campobaeza.com/andalucias-museum-memory/>>.
- BAEZA, Alberto Campo, *El MA: Museo de la Memoria de Andalucía*. Último acesso em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-39273/el-ma-museo-de-la-memoria-de-andalucia-alberto-campo-baeza>>.
- Biblioteca Municipal de Viana do Castelo. *Projecto de Execução: Arquitectura* 26 de Setembro de 2002 p.2. Ver imagem 77 em Apêndice Documental, in RODRIGUES TAVARES, Alexandre, *Arquitetura Contemporânea em Viana do Castelo*, Projetos de Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura na frente ribeirinha, 2o Ciclo de Estudo em História da Arte Portuguesa, Faculdade de Letras - Universidade do Porto, Porto, 2014.
- CANDAU, Joël, *Antropologia da Memória, Epistemologia e Sociedade*. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005.
- CARITA, Alexandra; PAIXÃO, Paulo, *O novo museu será um amplo logradouro público*, EXPRESSO. Último acesso em: <<http://expresso.sapo.pt/actualidade/o-novo-museu-sera-um-amplo-logradouro-publico=f501534>>.
- CARNEIRO, Neri P., 'Memória E Património: etimologia', 2009. Último acesso em: <<http://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288/>>.
- CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*, Lisboa: Ed. 70, 1982.
- COUTO, Dejanirah, *História de Lisboa*, Lisboa: Gótica, 2000, p. 129.
- EISENHAUER, Brian W.; KRANNICH, Richard S.; BLAHNA, Dale J., *Attachments to special places on public lands: An analysis of activities, reason for attachments, and community connections*, Society & Natural Resources An International Journal, v. 13, p. 421–441, 2000.
- FERNANDES, José Manuel, *Lisboa em obra(s)*, Lisboa: Livros do Horizonte, 1997.
- FERREIRA, Carlos, *Restauro dos Monumentos Históricos*, Oficinas Gráficas. Lisboa: M.A. Pacheco, 1992, p. 9.
- FORTUNA, Carlos, *Cidade, cultura e globalização*, Oeiras: Celta, 2001.
- FRANÇA, José-Augusto, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, Lisboa: Livros Horizonte, 1997.
- GIERYN, Thomas F., *A space for place in sociology*, Annual review of sociology, v. 26:463-496, 2000.
- GOFF, Jacques le, *Memória - História*, Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997.
- GOMES DA SILVA, João, Conferência “Lisboa: a espessura do Tempo”, Culturgest, disponível em: <<http://www.culturgest.pt/actual/01/13-joaogomesdasilva.html>>, in, *Memória Arquitectura e Projecto*.
- GOMES, Carla Amado, *O preço da memória: a*

sustentabilidade do património cultural edificado, *Revista de Ciências Empresariais e Jurídicas*, 2011, p. 35.

GRACÍA, Francisco de, *Construir en lo Contruido, La arquitectura como modificación*, Madrid: Nerea, S.A., 1992, p. 107-108 in, *Memória Arquitectura e Projecto*.

KALTENBORN, B. P., *Effects of sense of place on responses to environmental impacts: A study among residents in Svalbard in the Norwegian high Arctic*, *Applied Geography*, 1998.

LAMAS, José Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Junta Nacional de Investigação Científica, 1994.

LAMAS, José, *Proposta para a Renovação Urbana do Martim Moniz*, *Arquitectura*, p. 29-42, 1982.

LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta, *Memória Arquitectura e Projecto*, Lisboa: By the Book, 2016.

LOURO, Margarida, *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo*, Lisboa: Caleidoscópio, 2016.

LOURO, *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado - Berlim - Sarajevo*.

LOWENTHAL, David, *The past is a foreign country*. Último acesso em: <http://www.academia.edu/3605880/Património_Histórico_o_tema_de_uma_allegoria>.

LYNCH, Kevin, *A boa forma da cidade*, 04-2007. ed. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 127.

MENDES, Maria Manuela; SÁ, Teresa, *Perfis e trajectórias dos residentes e utilizadores dos espaços das Áreas Urbanas de Génese Ilegal na Área Metropolitana de Lisboa*, s.d.

MENEZES, Marluci, *A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas Socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa*, *Horizontes Antropológicos - Laboratório Nacional de Engenharia*

Civil - Portugal, p. 301-328, 2009.

MILHEIRO, Ana Vaz, *Este museu não podia ser desenhado por um arquitecto europeu*, Público. Último acesso em: <<https://www.publico.pt/2015/05/22/culturaipsilon/noticia/este-museu-nao-podia-ser-desenhado-por-um-arquitecto-europeu-1696361>>.

OMA - Office of Metropolitan Architecture, *Milstein Hall*, 2015. Último acesso em: < <http://oma.eu/projects/milstein-hall-cornell-university>>.

PACIÊNCIA, João, *Entrevista Por José Lamas*.

PALLASMAA, Juhani, *Os Olhos da Pele*, Porto-Alegre: Bookman, 2005, p. 39 Gamboias, Hugo - *Arquitectura com sentido(s), os sentidos como modo de viver arquitetura*. Lisboa, 2013.

PERALTA e ANICO, 2006, in MARTINS, Daniela, *A memória de um lugar: discursos e práticas identitárias na freguesia do Castelo em Lisboa*, Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2011, p. 36.

PRATS, Llorenç, in PARALTA DA SILVA, Elsa, *Património e identidade. Os desafios do turismo cultural*, I.S.C.S.P Universidade Técnica de Lisboa, 2000.

Recorte do *Jornal Expresso Imobiliário*, Edição de 20 de outubro de 2007.

ROCHA, Paulo Mendes da Rocha, *Museu dos Coches*, MMBB. Último acesso em: <<http://www.mmbb.com.br/projects/details/66/4>>.

RODRIGUES, Donizete, *Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica*, Universidade da Beira Interior, p. 5.

ROSSI, Aldo, *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa: Edições 70, 1980.

RUSKIN, John, in ABREU, *Arquitetura: Monumento e Morada*.

RYDEN, Kent C., *Mapping the invisible landscape: Folklore, writing, and the sense of place*, University of Iowa Press, p. 290-292, 1993, p. 38.

SÁ, Teresa, Lugares e Não - Lugares em Marc Augé, ARTITEXTOS, v.03, p. 179–188, 2006.

SASSEN, Saskia, Globalization and Its Discontents, New York: The New Press, 2002.

SHILDS, Rob, Places on the Margin-Alternative geographies of modernity, London and New York-Edinburgh College of Art Library: Routledge, 1991.

SHUMAKER, S. A.; TAYLOR, R. B., Toward a clarification of people-place relationships: A model of attachment to place, Environmental psychology: Directions and perspectives, p.219–251, 1983.

SILVA, Augusto Vieira da, A Cerca Fernandina de Lisboa, Lisboa: Dispersos-Biblioteca de estudos Olissiponenses, 1954.

SIZA VIEIRA, Álvaro, BMVC, Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, Último acesso em: <<http://www.biblioteca.cm-viana-castelo.pt/>>, acesso em: 7 set. 2017.

SOCZKA, Luís, p. 30 in Fonseca, Alexandra, Memória e Património como Vínculo Urbano e Social - uma proposta de reinterpretação do conjunto patrimonial no Largo do Conde Barão, Lisboa, 2016.

STEDMAN, R. C., Is it really just a social construction?: The contribution of the physical environment to sense of place., [s.l.]: Society & Natural Resources, 2003.

TAVEIRA, Tomás, Estudo de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz, do autor. Lisboa: [s.n.], 1982.

TUAN, Y. F., Space and place: The perspective of experience, U. of Minnesota Press, 1977.

TUAN, Y. F., The significance of the artifact, Geographical review, 1980.

ÍNDICE DE FIGURAS

001. Valeria, Double Exposure Photography (ilustração de Dan Mountford, 2016). Fonte: http://danmountford.co.uk/	4	2010 (ilustração de Vasco Mourão). Fonte: http://mistermourao.com/artworks/#/ouroborus-brass/ 17	
002. A Persistência da Memória, pintura a óleo (pintura de Salvador Dalí, 1931); na coleção do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, EUA. Fonte: https://www.britannica.com/art/Surrealism	7	012. Fonte da Praça do Giraldo, Centro histórico de Évora, classificado como património mundial da UNESCO em 1986 (foto de autor desconhecido). Fonte: http://www.visitevora.net/evora-patrimonio-mundial-unesco/	28
003. Biblioteca Nacional do Convento Real de Mafra, século XVIII (foto de autor desconhecido). Fonte: http://www.palaciomafra.gov.pt/pt-PT/biblioteca/ContentList.aspx	10	013. Centro histórico do Porto, classificado como património mundial em 1996 (foto da autora, 2016).	28
004. Our cultural obsession with technology (ilustração de Liam Walsh, 2016). Fonte: http://www.sayhelltothecity.com/home/2016/a-conversation-with-liam-walsh	10	014. Templo romano no centro histórico de Évora, classificado como monumento nacional pelo IGESPAR (foto de José Emílio Guerreiro, 2009). Fonte: http://whc.unesco.org/?cid=31&l=en&id_site=361&gallery=1&index=13&maxrows=12	28
005. O monumento contínuo (proposta de Superstudio, 1969). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/794139/arte-e-arquitetura-superstudio-revisitado-por-nitsche-arquitetos-plus-jorn-konijn 11		015. Arte rupestre no parque arqueológico do vale do CÔA, classificado património cultural pela UNESCO 1998 (foto de autor desconhecido). Fonte: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/sitios-pre-historicos-de-arte-rupestre-do-vale-do-rio-coa-e-de-siega-verde/	29
006. The Analogous City (maquete de Aldo Rossi et. al, 1976); mesa exibida em Biennale di Venezia. Fonte: http://article.sapub.org/10.5923/j.arch.20140401.02.html	13	016. Coliseu de Roma, 2016 (foto da autora, 2016).	29
007. The Situationist City (ilustração de Simon Sadler, 1998). Fonte: http://www.arquitecturas.com/2012/03/situationist-city.html	15	017. Torre de Belém em Lisboa, integrada no plano defensivo da barra do rio Tejo, erguida em 1520 (foto de Eduardo Alexandre Cunha, 1900). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	31
008. Grandes armazéns do Chiado em chamas (foto de autor desconhecido, 1988). Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/01/grandes-armazens-do-chiado.html	16	018. Padrão dos Descobrimentos em Lisboa, erguido em 1940 para homenagear os elementos envolvidos nos descobrimentos portugueses (foto de Armando Maia Serôdio, 1965). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	31
009. Fases da reconstrução do projeto de reabilitação para o Chiado, de Siza Vieira (foto de autor desconhecido). Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/01/grandes-armazens-do-chiado.html	16	019. Arco do Triunfo em Paris, erguido para comemorar as vitórias de Napoleão Bonaparte em 1836 (foto de autor desconhecido). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	31
010. Armazéns do Chiado atualmente (foto de Luís Pavão, 2000). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	16	020. A presença de diferentes épocas (foto de Henrique Vogado). Fonte: http://urbansketchers-portugal.blogspot.pt/2012/12/arqueologia-na-baixa	
011. Capa da Revista Arquitetura nº21, de 11 maio			

lisboeta.html.....	33
021. Modelo físico do projeto do Museu dos Coches (maquete de Paulo Mendes da Rocha). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	37
022. Vista exterior do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha (foto de Fernando Guerra). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	39
023. Vista exterior do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha, relação interior-exterior (foto de Fernando Guerra). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	40
024. Relação dos edifícios com a praça, projeto do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha (foto de Fernando Guerra). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	40
025. Pormenor do interior do volume suspenso, projeto do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha (foto de Fernando Guerra). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	40
026. Pormenor do interior do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha (foto de Fernando Guerra). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	40
027. Pormenor do interior Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha, iluminação zenital (foto de Fernando Guerra). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	40
028. Vista aérea do conjunto, projeto do Museu dos Coches de Paulo Mendes da Rocha (foto de Fernando Guerra). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	40
029. Planta do piso térreo do projeto do Museu dos Coches (desenho de Paulo Mendes da Rocha). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	41
030. Planta do primeiro piso do projeto do Museu dos Coches (desenho de Paulo Mendes da Rocha). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	41
031. Planta do segundo piso do projeto do Museu dos Coches (desenho de Paulo Mendes da Rocha). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	41
032. Cortes e Alçado do projeto do Museu dos Coches (desenhos de Paulo Mendes da Rocha). Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/767363/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mm-bb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos	42
033. Esquízo para a implantação do edifício da Biblioteca de Viana do Castelo (desenho de Siza Vieira). Fonte: https://www.qconcursos.com/questoes-de-concursos/questao/835fff52-cf	43
034. Interior da Biblioteca de Viana do Castelo de Siza Vieira (foto de Fernando Guerra). https://divisare.com/projects/89852-alvaro-siza-fernando-guerra-fg-sg-biblioteca-municipal	43
035. Vista exterior da Biblioteca de Viana do Castelo de Siza Vieira, em diversas perspetivas (fotos de Fernando Guerra). https://divisare.com/projects/89852-alvaro-siza-fernando-guerra-fg-sg-biblioteca-municipal	44
036. Implantação do edifício da Biblioteca de Viana	

- do Castelo (desenho de Siza Vieira). Fonte: <https://divisare.com/projects/89852-alvaro-siza-fernando-guerra-fg-sg-biblioteca-municipal>..... 44
037. Cima - planta do piso térreo; Baixo - planta do primeiro piso do projeto da Biblioteca de Viana do Castelo (desenhos de Siza Vieira). Fonte: <https://divisare.com/projects/89852-alvaro-siza-fernando-guerra-fg-sg-biblioteca-municipal>..... 44
038. Esquício do projeto do Museu da Memória (desenho de Alberto Campo Baeza). Fonte: <https://divisare.com/projects/115786-alberto-campo-baeza-javier-callejas-sevilla-museo-de-la-memoria-de-andalucia>..... 45
039. Dimensões elípticas inspiradas no pátio do palácio Charles V e Alhambra, no projeto do Museu da Memória (desenhos de Alberto Campo Baeza). Fonte: <https://divisare.com/projects/115786-alberto-campo-baeza-javier-callejas-sevilla-museo-de-la-memoria-de-andalucia>..... 46
040. Vista geral do edifício do Museu da Memória de Alberto Campo Baeza (foto de Javier Callejas Savilla). Fonte: <https://divisare.com/projects/115786-alberto-campo-baeza-javier-callejas-sevilla-museo-de-la-memoria-de-andalucia>..... 46
041. Vista aérea do pátio interior do Museu da Memória de Alberto Campo Baeza (foto de Javier Callejas Savilla). Fonte: <https://divisare.com/projects/115786-alberto-campo-baeza-javier-callejas-sevilla-museo-de-la-memoria-de-andalucia>..... 46
042. Vista no pátio interior do Museu da Memória de Alberto Campo Baeza (foto de Javier Callejas Savilla). Fonte: <https://divisare.com/projects/115786-alberto-campo-baeza-javier-callejas-sevilla-museo-de-la-memoria-de-andalucia>..... 46
043. Corte do projeto do Museu da Memória (desenho de Alberto Campo Baeza). Fonte: <https://divisare.com/projects/115786-alberto-campo-baeza-javier-callejas-sevilla-museo-de-la-memoria-de-andalucia>..... 46
044. Planta do piso térreo, com pormenor dos acessos, do projeto do Museu da Memória (desenho de Alberto Campo Baeza). Fonte: <https://divisare.com/projects/115786-alberto-campo-baeza-javier-callejas-sevilla-museo-de-la-memoria-de-andalucia>..... 47
045. Planta do primeiro piso, do projeto do Museu da Memória (desenho de Alberto Campo Baeza). Fonte: <https://divisare.com/projects/115786-alberto-campo-baeza-javier-callejas-sevilla-museo-de-la-memoria-de-andalucia>..... 47
046. Planta do segundo piso, miradouro, do projeto do Museu da Memória (desenho de Alberto Campo Baeza). Fonte: <https://divisare.com/projects/115786-alberto-campo-baeza-javier-callejas-sevilla-museo-de-la-memoria-de-andalucia>..... 47
047. Vista exterior do edifício Milstein Hall por OMA (fotos de Iwan Baan). Fonte: <https://divisare.com/projects/327909-oma-office-of-metropolitan-architecture-iwan-baan-milstein-hall>..... 48
048. Vista interior do edifício Milstein Hall por OMA (fotos de Iwan Baan). Fonte: <https://divisare.com/projects/327909-oma-office-of-metropolitan-architecture-iwan-baan-milstein-hall>..... 48
049. Planta de localização do Milstein Hall (desenho de OMA). Fonte: <https://divisare.com/projects/327909-oma-office-of-metropolitan-architecture-iwan-baan-milstein-hall>..... 49
050. Esquema de organização funcional e espacial do Milstein Hall (desenhos de OMA). Fonte: <https://divisare.com/projects/327909-oma-office-of-metropolitan-architecture-iwan-baan-milstein-hall>..... 49
051. Corte do projeto Milstein Hall (desenho de OMA). Fonte: <https://divisare.com/projects/327909-oma-office-of-metropolitan-architecture-iwan-baan-milstein-hall>..... 49
052. Planta do piso enterrado, do projeto Milstein Hall (desenho de OMA). Fonte: <https://divisare.com/projects/327909-oma-office-of-metropolitan-architecture-iwan-baan-milstein-hall>..... 49

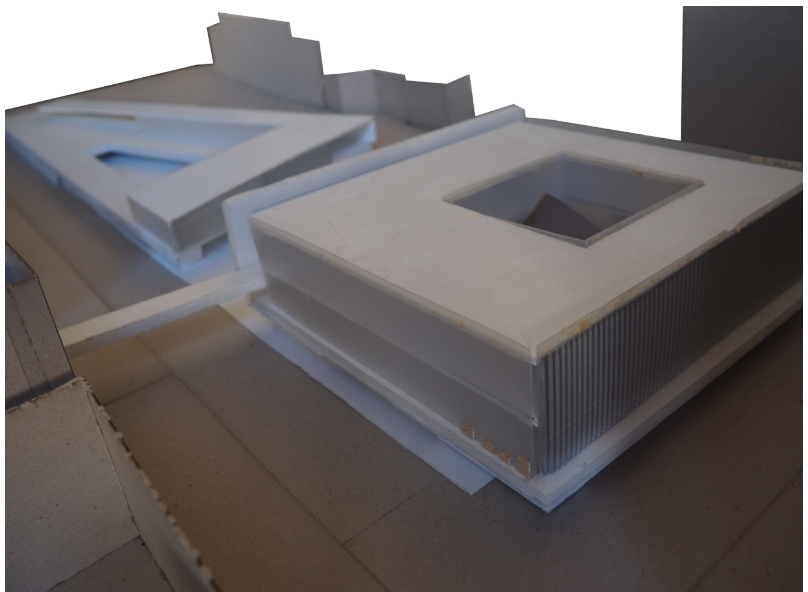
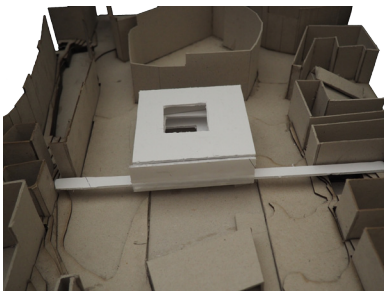
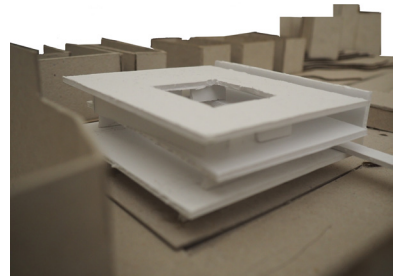
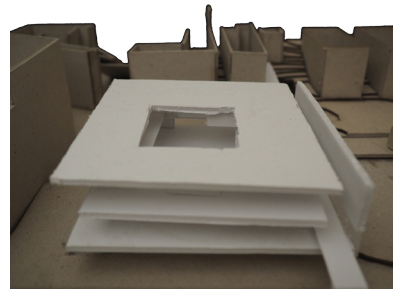
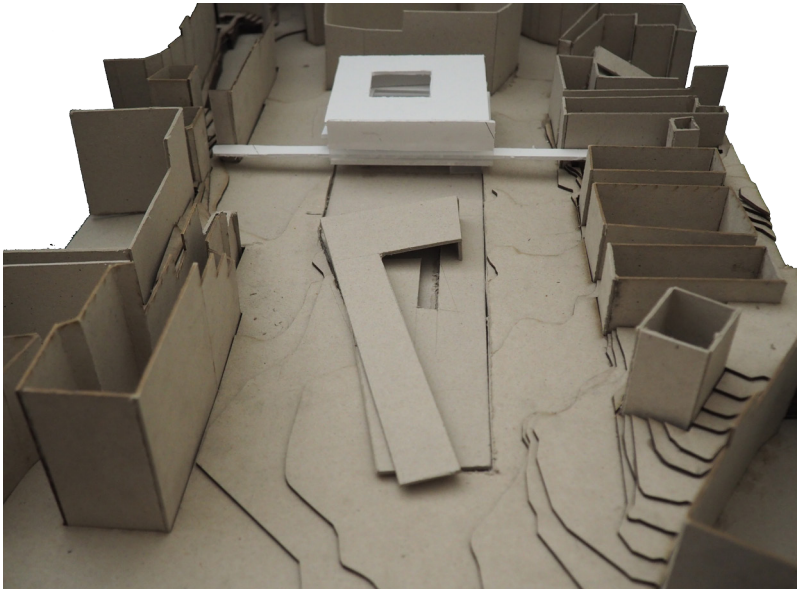
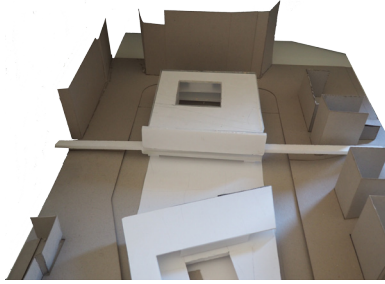
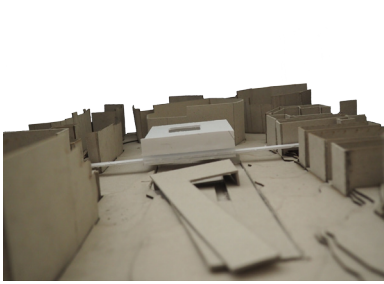
architecture-iwan-baan-milstein-hall.....	50	(ilustração da autora).....	58
053. Planta do piso térreo, do projeto Milstein Hall (desenho de OMA). Fonte: https://divisare.com/projects/327909-oma-office-of-metropolitan-architecture-iwan-baan-milstein-hall	50	062. Esquema evolutivo do Largo do Martim Moniz (ilustração da autora).....	59
054. Planta do primeiro piso, do projeto Milstein Hall (desenho de OMA). Fonte: https://divisare.com/projects/327909-oma-office-of-metropolitan-architecture-iwan-baan-milstein-hall	50	063. Cartografia histórica da cidade de Lisboa (ilustração de Filipe Folque, 1856). Fonte: Cartografia histórica da cidade de Lisboa – 58 imagem nr. 36, Filipe Folque.....	60
055. Vista de Lisboa nos fins do século XVI (foto de Augusto Vieira da Silva, 1987). Fonte: n.d.....	53	064. Cartografia histórica da cidade de Lisboa (ilustração de Silva Pinto, 1904). Fonte: Cartografia histórica da cidade de Lisboa – 11 imagem nr. 11, Silva Pinto.....	60
056. Conquista aos Mouros, em Quadros da História de Portugal (pintura de Alfredo Roque Gameiro, 1917). Fonte: roquegameiro.org http://tribop.pt/TPd/	54	065. Rua da Mouraria e Largo do Martim Moniz por volta de 1940 (foto de autor desconhecido). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	60
057. Castelo de S. Jorge, lado interior da porta de Martim Moniz (foto de José Artur Leitão Bárcia, tirada entre 1890-1945), com a seguinte inscrição: “Atravessando-se n’esta porta teve gloriosa morte DOM MARTIM MONIZ que assim erankeou esta entrada ao conquistar-se aos mouros a cidade de Lisboa em 21 de outubro de 1147 e reinado de DOM AFONSO HENRIQUES ANNO DE 1908”. Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	55	066. Obras de demolição para a abertura da praça do Martim Moniz (foto de Eduardo Portugal, 1947). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	61
058. Lápide com inscrição comemorativa da construção da cerca fernandina, Letras Monacais Alemãs (foto de Augusto Vieira da Silva, 1950). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	55	067. Largo do Martim Moniz em 1952 (foto de autor desconhecido). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	62
059. Lisboa antes do terramoto de 1755, vendo-se uma parte da Cerca Fernandina junto ao Palácio dos Duques de Bragança (quadro de George Braunio, 1572). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	56	069. Fachada principal da Ermida de Nossa Senhora da Saúde (foto de Judah Benoliel, anos 50). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	62
060. Esquema evolutivo da cidade de Lisboa, tendo em conta os limites da Cerca Fernandina, Cerca Moura e Muralha de D. Dinis (ilustração da autora).....	57	071. Rua da Palma e Praça do Martim Moniz, depois das demolições (foto de Judah Benoliel, anos 50). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	62
061. Corte esquemático da Cerca Fernandina		068. Praça do Martim Moniz e Arco do Marquês de Alegrete (foto de Judah Benoliel, anos 50). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	62
		070. Antiga Rua do Martim Moniz e ao fundo as Escadinhas da Saúde, antes das demolições (foto de Judah Benoliel, anos 50). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	62
		072. Vista aérea da Rua da Palma e do Martim	

Moniz, depois das demolições (foto de Judah Benoliel, anos 50). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	62
073. Praça do Martim Moniz em obras (foto de Augusto de Jesus Fernandes, 1961). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	63
075. Panorâmica do Martim Moniz (foto de Judah Benoliel, 1962). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	63
077. Martim Moniz (fotos de Armando Maia Serôdio, 1970). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	63
074. Ermida de Nossa Senhora da Saúde, depois das demolições (foto de Augusto de Jesus Fernandes, 1961). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	63
076. Cinema Salão Lisboa, atualmente um armazém de revenda (foto de Sid Kerner, 1967). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	63
078. Maquete da proposta de intervenção para o Martim Moniz em 1970 (foto de Armando Maia Serôdio). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	64
079. Panorâmica do Martim Moniz (foto de F. Gonçalves, 1976). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	64
080. Vendedores ambulantes no Martim Moniz (foto de F. Gonçalves, 1976). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	64
081. Proposta de Tomás Taveira para a renovação da área do Martim Moniz, 1982 (desenhos de Tomás Taveira). Fonte: LOPES, João, Discursos de Cidade – Lisboa Anos 80, Dissertação do Mestrado Integrado em Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitetura, 2010, p. 138.	67
082. Proposta de José Lamas e Carlos Duarte para a renovação da área do Martim Moniz, 1982 (desenhos de José Lamas e Carlos Duarte). Fonte:	
LOPES, João, Discursos de Cidade – Lisboa Anos 80, Dissertação do Mestrado Integrado em Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitetura, 2010, p. 136.	68
083. Redução de um trecho da planta da cidade de Lisboa levantada em 1856/58 na escala 1.1000 e publicada em 1884 (desenho de Augusto Vieira da Silva). Fonte: n.d.	69
084. Praça do Martim Moniz e Escadinhas da Saúde (foto de Eduardo Portugal, 1948). Na fachada do prédio em frente, por cima da porta, pode encontrar-se a lápide com a inscrição comemorativa da construção da Cerca em 1373-75. Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	70
085. Escadinhas da Saúde (foto da autora, 2017).	70
086. Arco do marquês do Alegrete (foto de Eduardo Portugal, 1949). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	70
087. Troço da Cerca Fernandina ao longo da Calçada Nova do Colégio e a Torre de Sant'Ana (foto de Eduardo Portugal, 1948). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	70
088. Troço da Cerca Fernandina entre a Rua Martim Vaz e a Calçada Nova do Colégio (foto de Eduardo Portugal, 1948). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	70
089. Torre do Jogo da Péla (foto de Eduardo Portugal, 1948). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	71
091. Torre do Jogo da Péla (foto da autora, 2017).	71
090. Calçada do Jogo da Péla (foto de Eduardo Portugal, 1949). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	71
092. Torre do Jogo da Péla (foto da autora, 2017).	71
093. Local por onde passavam as muralhas da	

Cerca Fernandina, desde a torre do Jogo da Péla, onde desciam até ao Largo do Martim Moniz e o atravessavam, voltando a subir pelas Escadinhas da Saúde (foto da autora, 2017).....	72
094. Torre de Sant'Ana, lado exterior à cerca (foto da autora, 2017).....	72
095. Interior habitável da torre de Sant'Ana (foto da autora, 2017).....	72
096. Cenários comportamentais na praça do Martim Moniz (ilustração de Marluci Menezes). Fonte: MENEZES, Marluci, A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas Socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa, Horizontes Antropológicos - Laboratório Nacional de Engenharia Civil – Portugal, p. 301–328, 2009.	73
097. Muro alusivo à Cerca Moura no Largo do Martim Moniz, decorado com elementos alusivos à lenda de Martim Moniz, construída em 1977 (foto da autora, 2017).....	74
098. Praça do Martim Moniz (foto de Luís Pavão, tirada de um quarto do hotel Mundial, 2000). Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa	75
099. Painéis em alusão a eclesiásticos como o D. João Peculiar e D. Pedro Pitões (esculturas de José João Brito; foto da autora, 2017).....	76
100. Elementos decorativos da plataforma de embarque da estação de metro do Martim Moniz, alusivos à reconquista cristã da cidade – soldados (esquerda) e cruzado (direita) (esculturas de José João Brito; fotos da autora, 2017).....	76
101. Vista panorâmica do local de intervenção, tirada a partir do miradouro de Nossa Senhora do Monte (foto da autora, 2017).....	79
102. Representação esquemática do conceito da proposta - contraste entre o cheio (lado interior da Cerca) e o vazio (lado exterior da Cerca) (ilustração da autora).....	79
103. Plantas da estratégia urbana (desenhos da autora).....	82
104. Planta de implantação (desenho da autora).....	83
105. Esquícios da proposta arquitetónica (desenhos da autora).....	84
106. Proposta arquitetónica (desenho da autora).....	85
107. Axonometria (desenho da autora).....	87
108. Esquema indicativo dos três edifícios discriminados no quadro de áreas (ilustração da autora).....	88
109. Alçado sul, alçado nascente e corte BB' (desenhos da autora).....	92

ANEXOS

Maquetes de Estudio



Maquete Final

